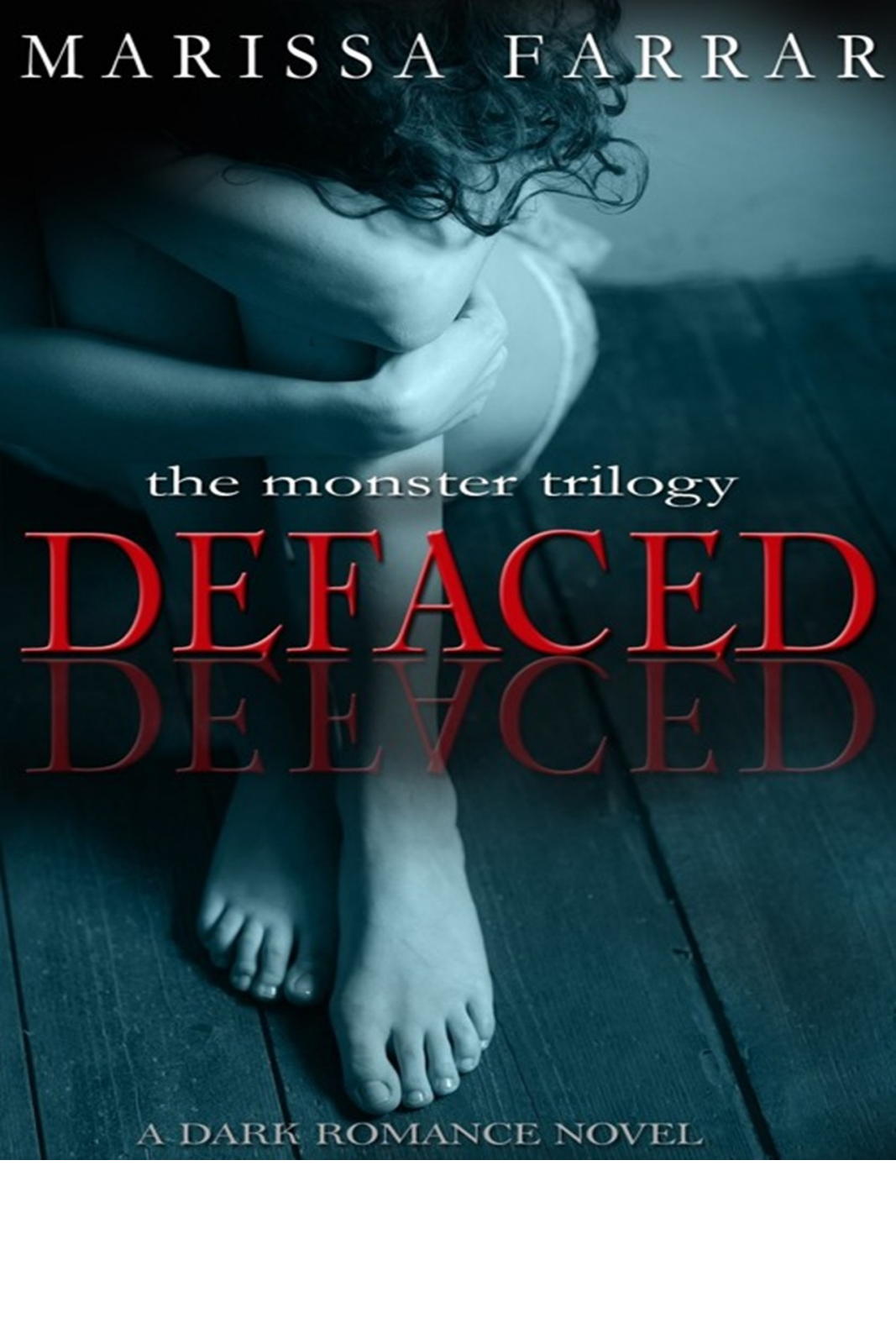


A woman with dark, curly hair is crouching on a dark wooden deck. She is looking down, with her hands clasped near her face. The lighting is dim and moody, with a blueish tint. The background is out of focus, showing more of the deck and some foliage.

MARISSA FARRAR

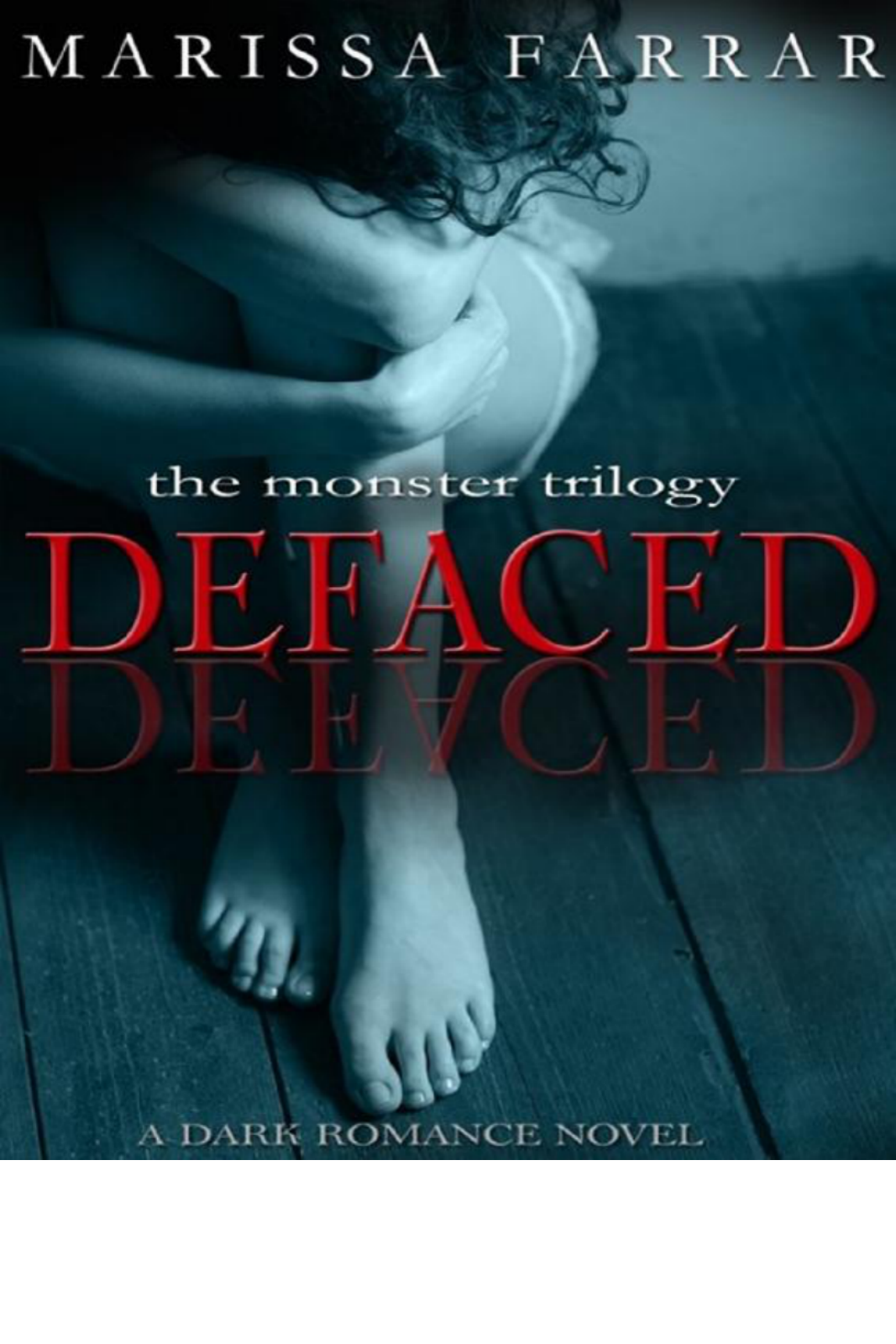
the monster trilogy

DEFACED DEEVCE

A DARK ROMANCE NOVEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



MARISSA FARRAR

the monster trilogy

DEFACED DEEVCE

A DARK ROMANCE NOVEL

A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Monster

Escondido da sociedade por seu pai criminoso, vive um homem que nunca entrou no mundo exterior. Agora, tendo assumido o negócio de seu pai, ele tem todo o dinheiro e poder com que poderia sonhar, mas ainda assim se recusa a se deixar ser visto pelo resto da sociedade.

Lily

Traumatizada por um evento de seu passado, Lily Drayton tem fobia de ser tocada. Embora ajude as pessoas externamente com suas habilidades como terapeuta de laser, ela se recusa a permitir a entrada de qualquer pessoa, emocional ou fisicamente. Quando Lily é sequestrada no caminho do trabalho para casa uma noite, ela descobre que não é a única pessoa que se mantém isolada do resto do mundo.

Desfigurado

Um homem a possui agora, um homem perigoso e enigmático. Atraída por sua beleza dupla e dor oculta, ele desperta algo dentro dela, algo que ela acreditava estar morto há muito tempo. Trazida para um quarto sem janelas, ela tem uma tarefa impossível: tornar seu dono aceitável para o mundo exterior.

Alterar seu rosto pode mudar quem ele é como homem, ou ele é realmente um monstro, tanto por dentro quanto por fora?

Lancamento

MARISSA FARRA

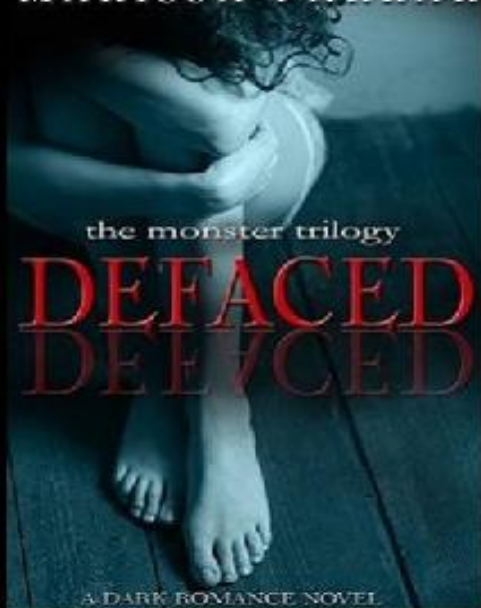
the monster trilogy

DEFACED
DEEVCEI

A DARK ROMANCE NOVEL

A Serie

MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR





Prólogo



O menino se encolheu em seu quarto enquanto os passos no corredor do lado de fora ficavam mais altos... mais pertos. Seu coração bateu forte, batendo contra sua caixa torácica, e sua boca secou. Engolindo o aperto em sua garganta, seus olhos se fixaram na porta fechada.

Parte dele desejou que a porta se abrisse, enquanto a outra parte rezou para que permanecesse fechada. Embora não tivesse relógio no quarto, ele sabia que horas eram. Todos os dias eram iguais, refeições trazidas para seu quarto pelas pessoas que trabalhavam para seu pai, café da manhã, almoço e jantar. Tudo intercalado por suas aulas.

As aulas de seu pai traziam recompensa e punição em medidas iguais.

A porta se abriu e ele se encolheu mais sobre si mesmo, os braços em volta dos joelhos magros. Não importava o quão pequeno ele se tornasse, ele nunca seria capaz de resistir à força de seu pai.

A porta se abriu. O próprio homem estava parado na porta aberta, sua silhueta contra a luz mais forte do corredor. O quarto do menino, embora lindamente mobiliado com tudo de que ele poderia precisar, não tinha janelas, nenhuma maneira de ele sair, ou de outra pessoa entrar. Ocasionalmente, se ele tivesse apreendido uma equação matemática específica rapidamente ou algum outro conceito em os estudos em que seu pai o trabalhava tanto, ele teria permissão para correr pelos jardins de sua enorme casa, mas nunca por muito tempo e

nunca sem supervisão.

—Olá, monstinho, — disse o pai. —Você está pronto para suas aulas?

Ele abaixou a cabeça envergonhado. —Sim, Pai.

Ele sabia o que eram monstros pelos livros que leu, criaturas aterrorizantes que atacavam os fracos e vulneráveis. No entanto, de alguma forma, ele sentia que era o fraco, embora seu pai nunca o deixasse expressar suas preocupações. Mas seu pai deve estar certo. Ele sabia que era monstruoso de se ver, por que nenhuma outra pessoa olharia diretamente para ele? Ele simplesmente precisava de seu interior para alcançar o que estava tão claramente do lado de fora.

Seu pai, como sempre, usava um terno cinza elegante. Seus traços eram duros, mas bonitos, com uma mandíbula bem barbeada. O menino nunca tinha visto o pai com uma sombra de barba. Seu cabelo escuro agora estava quase totalmente grisalho, mas lindamente cortado e alisado para trás com produto. O menino não sabia a idade de seu pai. Ele poderia ter quarenta ou sessenta anos. Ele nem sabia sua própria idade, embora soubesse que não era mais um menino, mas ainda não um adolescente. Ele nunca tinha ouvido falar de um aniversário, uma forma de marcar sua passagem de anos. Apenas sua leitura, à qual seu pai lhe permitia um acesso quase ilimitado, permitia que ele fizesse essas suposições.

Os olhos de seu pai nunca pararam no rosto do menino. Em vez disso, ele olhou para todos os lugares, menos diretamente para o filho. O menino sabia que era diferente. Embora seu pai raramente permitisse que ele saísse de seu quarto e não permitisse espelhos dentro da luxuosa prisão, ele ainda tinha o sentido do tato. Levando a mão ao rosto, ele sentiu a carne ligeiramente levantada e mais macia que descia por um lado do rosto. A linha onde as duas peles diferentes se encontravam corria quase perfeitamente no centro de sua testa, ao longo da parte interna do lado esquerdo de seu nariz, curvando-se para baixo em sua bochecha para contornar sua boca e finalmente terminar na linha de sua mandíbula.

No entanto, apesar de sua repulsa, seu pai parecia empenhado em sua educação, lhe dando aulas de ciências, matemática, inglês, história. Ele até ensinou o menino sobre finanças, as complicações de administrar um negócio, lucros, impostos e perdas.

Ele viu outros adultos, pessoas que trabalhavam para seu pai. Eles traziam suas refeições para ele, ou o supervisionavam durante os momentos em que ele tinha permissão para perambular do lado de fora, ou pelos corredores e cômodos aparentemente intermináveis da casa. Mesmo agora, ele achava que não tinha visto toda a propriedade. Mas aqueles que encontrou o fizeram querer se esconder em seu quarto. Ele viu como eles olhavam para ele, seus olhos passando por um lado de seu rosto, suas bochechas esquentando, ou então perdendo a cor, antes de desviarem o olhar. Ele sentiu sua repulsa, consternação, constrangimento. O que havia de tão errado com ele, apenas uma criança, para ser capaz de causar emoções tão fortes em adultos? Em uma ocasião ímpar, um dos empregados de seu pai perdeu aquela sensação de repulsa e começou a se aproximar dele, talvez não o olhando nos olhos, ninguém fazia isso, mas dando tapinhas em sua perna e oferecendo a ele algum carinho, algum conforto. Quando isso acontecia, de alguma forma, seu pai sempre ficava sabendo, e o menino nunca mais viu aquela pessoa.

Seu pai terminou a lição. —Você foi bem hoje. Fico feliz em ver você aprendendo tão bem. — Seu pai estendeu a mão para bagunçar o cabelo do menino, e seu coração cantou de prazer. O contato humano era algo que ele tinha tão raramente que o fazia querer rastejar para o colo do homem e esfregar a cabeça contra o peito.

Sabendo que tais exhibições seriam punidas, em vez disso, ele abaixou a cabeça. —Obrigado pai. — Ele esperava que o esforço que fizera fosse recompensado. —Isso significa que você vai me deixar sair de novo?

Os ombros de seu pai enrijeceram. —É só para isso que você trabalha duro? Um pouco de sol e ar fresco?

Seu estômago enrolou em si mesmo, retraindo. Ele cometeu um

erro. Ele não deveria ter falado. —Não... eu só...

O golpe veio do nada, derrubando ele da cadeira para o chão. Seu ouvido zumbiu, sua visão de um lado turva e dançando com as estrelas.

A forma enorme de seu pai estava sobre ele. —A luz do sol e o ar fresco não são feitos para alguém como você. Eles nunca serão seus amigos. A luz do dia só vai deixar as pessoas com mais medo de você, você foi feito para ser um com a escuridão. — Ele se abaixou e agarrou a mandíbula do menino com seu aperto de torno. —O que você é? — Ele demandou.

—Um monstro, — o menino sussurrou.

Os dedos de seu pai cravaram com mais força, a dor apertando todo o rosto do menino. —Fale mais alto. O que você é?

—Um monstro! — Ele disse, de novo, mas desta vez sua voz era um lamento.

—Novamente! — Seu pai exigiu, dando uma sacudida em seu rosto.

—Um monstro! Um monstro! Um monstro!

Seu pai finalmente o soltou. —Bom. E nunca se esqueça disso. No momento em que você achar que é normal, que as pessoas vão te tratar da mesma forma que os outros, esse é o momento em que vão ver sua fraqueza e vão te matar.

Seu pai se virou e saiu do quarto. O menino balançou no canto, segurando a bochecha dolorida e a orelha que zumbia. As palavras de seu pai ecoaram em sua cabeça...

Monstro...



Um



A garota se olhou no espelho, os olhos arregalados e lacrimejantes. Ela ergueu a mão para colocar contra o queixo, mas a voz de Lily Drayton parou seu movimento.

—Uh-uh. Não toque. Você precisa manter a área limpa.

A garota deu um sorriso hesitante, seus olhos se encontrando com os de Lily no espelho.

A mãe da menina deu um passo à frente e tocou no cotovelo de Lily.

—Muito obrigada, — ela disse suavemente. —Isso está fazendo uma grande diferença para Heather. Já posso ver a mudança nela. A confiança dela nos últimos meses disparou.

Lily tentou não se afastar da mão da outra mulher em seu braço. —De nada senhora. Se lembre de hidratar a área três a quatro vezes por dia, mais se necessário, e sem exposição ao sol, tudo bem?

As sobranceiras da mãe se ergueram.

Lily sorriu. —Eu sei eu sei. Você já ouviu isso antes, mas isso não significa que não posso te lembrar novamente.

—Claro, eu entendo. — Ela se virou para a filha. —Hora de ir, Heather.

A garota correu e jogou os braços em volta da cintura de Lily. — Obrigada, Lily.

Todos os músculos do corpo de Lily ficaram tensos e ela se forçou a relaxar. *É uma menina, pelo amor de Deus.*

—Então, suponho que você já tenha terminado por hoje, — a mãe de Heather perguntou enquanto Lily as levava para a recepção agora deserta.

—Sim, — disse Lily. —Eu encaixei vocês. Eu deveria ter fechado há mais de uma hora.

—Agradecemos por você reservar um tempo. Tenho certeza de que você tem lugares melhores para estar tão tarde na sexta-feira.

Lily ofereceu-lhes um sorriso. —Não, não realmente. Eu preferia estar ajudando Heather.

A menina sorriu e o olhar de Lily pousou na marca de nascença do tamanho da palma da mão que começava no queixo da menina e se espalhava por seu pescoço. Os meses de terapia a laser ajudaram a reduzir a mancha cor de vinho do porto, mas ela ainda se destacava na pele pálida da garota.

—Nos vemos em seis semanas, — disse ela.

—Obrigada. Boa noite.

Ela as deixou sair e depois voltou para seu escritório. Todos os outros foram para casa pela noite. Lily escreveu suas anotações e desligou o computador e todo o equipamento.

Pegando sua bolsa, ela finalmente saiu do escritório.

—Boa noite, Dwayne, — ela gritou para o homem idoso que limpava o prédio depois do expediente. O homem mais velho nem mesmo ergueu os olhos do esfregão, simplesmente ergueu o queixo para reconhecer que a tinha ouvido.

O laboratório de Lily Drayton estava localizado no quarto andar do prédio, bem, laboratório provavelmente era um nome um pouco exagerado. Parecia mais uma sala de tratamentos de beleza, mas com mais tecnologia. Mas o que ela fez não era apenas beleza, era tratar a

pessoa por dentro. Embora ela nunca pudesse curar um paciente, ela poderia fazer com que eles se sentissem melhor consigo mesmos, permitir que andassem com o queixo erguido, e isso era o mais importante. Se ao menos ela pudesse encontrar algo que tivesse o mesmo efeito em si mesma.

Seu carro estava estacionado na garagem subterrânea ligada ao prédio. Ela pegou o elevador até o nível inferior e saiu. O lugar estava deserto, todos os outros voltaram para suas famílias horas atrás.

Exceto que esta noite o estacionamento subterrâneo não estava vazio. Parado em um lugar perto de seu próprio carro estava um BMW preto, todas as janelas escurecidas.

Lily franziu a testa e diminuiu o passo. Ela não reconheceu o veículo, embora isso não significasse nada. O proprietário pode estar no prédio em algum lugar, participando de uma reunião tarde da noite com um colega, ou talvez tendo um caso, e usando o escritório deserto como ponto de encontro. O prédio dividia o espaço com várias empresas, então ela não tinha como saber a quem o carro pertencia.

Apesar de todas as suas garantias internas, a posição do carro a incomodava. O estacionamento estava vazio, então por que estacionar tão perto do carro dela? As pessoas sempre agiam como se estivessem em ônibus, se posicionando a uma distância confortável dos outros, mas essa pessoa havia optado por estacionar ao lado dela. Ela tinha certeza de que o BMW não estava lá naquela manhã, certamente ela teria notado.

Lily hesitou, se perguntando se deveria voltar para o prédio e pedir ao faxineiro para acompanhar ela de volta para baixo, mas então ela balançou a cabeça para si mesma. Ela não podia fazer isso. Ela estava parada a apenas alguns metros de seu carro agora. Dar meia volta e fugir simplesmente por causa de um carro estranho era ridículo.

Limpando a garganta e mergulhando a mão na bolsa para retirar as chaves, ela continuou. Ela agarrou as chaves entre os nós dos

dedos, para que ela pudesse usar a extremidade de metal como uma arma, se necessário. Talvez ela estivesse agindo como louca, mas seus instintos estavam em alerta máximo. Seu coração batia forte, todos os músculos tensos, todos os pelos de seu corpo se arrepiando. Ela girou a cabeça de um lado para o outro, tentando localizar alguém à espreita nas inúmeras sombras escuras do estacionamento, mas estava sozinha.

Ninguém sentiria sua falta se ela não fosse para casa, não havia ninguém lá para sentir sua falta. Ninguém pensaria que algo poderia ter acontecido com ela até que ela faltasse às consultas do dia seguinte, mas então ela percebeu que era sexta-feira. Ela não tinha nenhum compromisso no dia seguinte. Seria apenas mais um dia passado no sofá, acompanhada por tudo o que ela decidisse assistir no Netflix, e uma garrafa gelada de vinho Pinot Grigio.

Mas ela alcançou seu carro e rapidamente destrancou a porta, antes de sentar no banco do motorista. Rapidamente, ela fechou a porta atrás dela e apertou o botão para trancar todas as portas. Ela exalou um suspiro de alívio e se sacudiu. O que havia de errado com ela? Ficando assustada, sozinha no escuro como uma criança.

Colocando a chave na ignição, ela deu vida a seu confiável Ford. O velho motor roncou ao seu redor, e ela engatou a marcha à ré e girou no assento para sair da vaga.

Uma mulher segurando um bebê contra o peito saiu cambaleando da escuridão. Seu vestido estava rasgado, seu cabelo desgrenhado. A maquiagem preta nos olhos escorria pelo rosto. A mulher ergueu o braço em direção ao carro, seus olhos implorando, em um gesto que Lily não poderia confundir de 'me ajude.'

—Oh meu Deus.

Ela estava certa sobre algo ruim acontecendo na garagem, só que não tinha acontecido com ela.

Sem pensar mais, ela pisou no freio e empurrou a marcha de volta para o ponto morto. Alguém precisava de ajuda, e alguém com um

bebê, ainda por cima. A pobre mulher foi estuprada? Ela certamente foi atacada. Como alguém poderia fazer uma coisa dessas com uma mulher e uma criança?

Assim que ela abriu a porta do carro, seus sentidos a alertaram e ela estendeu a mão e pegou o telefone celular de sua bolsa no banco do passageiro. A mulher precisava de ajuda, a polícia precisava estar envolvida e, provavelmente, o hospital também.

Ela abriu a porta do carro e saltou. A mulher estava chorando enquanto cambaleava em direção a Lily, o bebê enrolado em um cobertor e abraçado com força.

O bebê ainda estava vivo mantido dessa maneira?

—Me ajude, — a mulher soluçou enquanto tropeçava em direção ao carro de Lily. —Por favor, havia um homem... — Ela olhou ao redor freneticamente, como se esperasse que seu agressor viesse da escuridão em sua direção.

—Está tudo bem, — disse Lily. —É só você e eu. Eu tenho meu celular. Vou chamar a polícia, tudo bem?

Ela olhou para o telefone e percebeu que não tinha cobertura de celular. *Merda.* Claro que ela não tinha, estavam embaixo da terra.

—Precisamos entrar no prédio, — disse ela, dando alguns passos em direção à mulher. A mulher se encolheu em resposta. —Está tudo bem, — Lily tentou novamente. —Podemos usar um telefone. Nós podemos conseguir...

Algo duro e pesado atingiu a parte de trás de sua cabeça. A dor atravessou seu crânio, uma luz branca piscando na frente de seus olhos. Suas pernas se dobraram e ela caiu pesadamente no chão da garagem. Por sorte, a maneira como ela caiu significava que seu braço havia amortecido sua cabeça, e ela estava consciente o suficiente para registrar seu alívio. Se ela tivesse batido com a cabeça novamente, ela tinha certeza que teria causado um dano permanente. Ela percebeu que havia outra pessoa por perto, uma presença grande e ameaçadora.

Houve um movimento acima dela, e ela piscou, tentando colocar a cena em foco.

Seu agressor deu um passo à frente, em direção à mulher e ao bebê.

Não, ela chorou em sua cabeça. Deixe eles em paz. Não os machuque.

Ela ouviu um farfalhar e, em vez de atacar, o homem entregou algo à mulher.

—Esse é o resto do seu dinheiro, — ele grunhiu. —Agora dê o fora daqui e esqueça que você já viu alguma coisa.

O quê? Lily gritou em sua mente. O que diabos está acontecendo?

Agora a voz da mulher respondeu. —Já está esquecido.

Então a mulher abriu os braços e o bebê bateu no chão com um estalo, pousando a apenas alguns centímetros de onde Lily havia caído. Lily teria gritado se tivesse sido capaz de conectar seu cérebro à boca.

Seus olhos procuraram o bebê, querendo saber se estava vivo.

Seu coração tropeçou sozinho, sua visão ficando cinza nas bordas, lentamente entrando.

Não, não, não. Isso não poderia estar acontecendo com ela.

O homem estava de pé sobre ela, sua presença ameaçadora em todos os sentidos, seu tamanho, o fedor de cigarro velho, sua respiração pesada. Ele se abaixou e bateu nela novamente, a pancada fazendo sua cabeça balançar, a dor atravessou seu crânio e desceu por sua espinha.

Seu último pensamento antes que a escuridão a reclamasse...

Uma boneca. O bebe é uma boneca...



Dois



Lily recuperou a consciência, o suficiente para registrar que ela estava em um espaço confinado. O rugido alto de um motor retumbou ao seu redor, e com o fedor de gasolina, o espaço limitado e o barulho, ela percebeu que estava no porta-malas de um carro. Ela teria apostado qualquer quantia no fato de ser o porta-malas do BMW preto.

Sua cabeça latejava, um baque sólido que se espalhou da parte de trás de seu crânio, bem atrás de seus olhos. Ela tentou mover seus braços e pernas, mas eles não se moveram. Eles estavam amarrados juntos, suas mãos amarradas aos tornozelos, como se ela fosse um maldito porco assado. Algo estava preso em seus olhos, bloqueando sua visão, embora ela duvidasse que teria sido capaz de ver qualquer coisa na escuridão do porta-malas. Um pano pressionado contra sua língua e puxado nos cantos de sua boca. Os músculos de seus membros se contraíram, ameaçando ter câibras, e ela estava com medo de se mover, caso ela as tivesse e não pudesse fazer nada para acalmá-las.

Por que ela não confiou em seus instintos? Ela sabia que algo estava errado, mas suas restrições sociais agora a colocavam em restrições muito reais.

O terror a encheu, cegando sua mente para o pensamento racional. Ela gritou contra a mordaça, sua voz abafada. Ela lutou e tentou e resistiu, mas nada disso adiantou. Sua cabeça bateu no teto de metal do porta-malas, exacerbando seu couro cabeludo já machucado. Seus pulsos e tornozelos queimavam com a fricção da corda amarrada em volta deles. Lágrimas escorreram de seus olhos,

umedecendo a venda.

Uma dor repentina percorreu sua panturrilha, focalizando sua atenção. Uma câibra torceu seu músculo, fazendo ela gritar por um motivo diferente. Ela pensou que a dor intensa nunca iria acabar, que a deixaria louca até que tudo o que restasse de sua consciência fosse uma bola de dor e medo, mas gradualmente a câibra relaxou e desapareceu. Ela ofegou e tremeu, novas lágrimas escorrendo de seus olhos. Mas a dor ajudou a enfocar sua mente. Gritos e chutes cegos não a levariam a lugar nenhum. Ela precisava pensar sobre quem a havia levado e por quê, e tentar descobrir uma maneira de sair desta situação horrível.

Por que alguém iria querer sequestrar ela? Ela não era ninguém. Ela não tinha nenhum inimigo que conhecesse. No entanto, ela tinha certeza de que a situação estava configurada. Eles estavam esperando por ela. Este não era um sequestro aleatório, um caso em que ela estava no lugar errado na hora errada. Tinha levado adiante o planejamento de arranjar a mulher para estar lá ao mesmo tempo em que Lily saiu do trabalho, e ela até se perguntou se eles sabiam de sua suavidade para crianças, por a mulher ter fingido estar carregando um bebê. O carro dela ainda estaria no estacionamento ou o homem teria mandado alguém mover ele? Seu carro abandonado era atualmente a única coisa que poderia alertar as pessoas sobre a possibilidade de algo estar errado.

O fato de ninguém notar sua falta a apavorava. Ninguém enviaria uma equipe de busca ou chamaria a polícia para colocar as coisas em ação e trazer ela de volta. Ninguém pensaria nela até que ela não aparecesse para sua primeira consulta com um paciente na manhã de segunda-feira, e mesmo assim eles provavelmente presumiriam que ela estava doente. Pode demorar mais um dia, pelo menos, antes que comecem a se preocupar com ela. Nessa altura, ela já teria partido há quatro dias. Ela não podia imaginar o que o bastardo que a levou teria feito a ela até então. Inferno, ela *podia* imaginar, mas ela não queria. Quatro dias sem esperança de qualquer tipo de resgate. Ela provavelmente desejaria estar morta até então, se ele já não a tivesse

matado.

Ela passou toda a sua vida se distanciando das pessoas para tentar se proteger, mas ao invés disso, a distância que ela criou poderia ser o que a mataria.

Lily saltou e sacudiu no porta-malas enquanto o carro continuava sua jornada em direção a seu destino, sua cabeça, joelhos e cotovelos batendo dolorosamente contra as paredes de sua prisão dura. Ela não tinha ideia de quanto tempo estava no porta-malas, ou quanto tempo mais ela estaria gastando aqui. Cada parte de seu corpo doía e, quando a inconsciência invadiu sua mente mais uma vez, uma lágrima escorreu de seus olhos e escorregou por sua bochecha.

Desta vez, ela deu boas-vindas à escuridão.



Lily acordou com o clique do porta-malas sendo aberto e o ar fresco batendo em seu rosto. Mãos ásperas envolveram seus braços, e ela gritou e lutou, tentando se livrar do aperto.

Um golpe atingiu sua bochecha esquerda, fazendo sua cabeça balançar.

Seus dedos cheiravam a cigarro velho quando ele agarrou seu queixo, as unhas cravando em suas bochechas. —Não me cause problemas, vadia, ou você vai se arrepender.

Lily choramingou, seu corpo todo tenso. Seu rosto doeu onde ele a esbofeteou e ela se preparou para outro golpe. Nenhum veio. Em vez disso, ela foi puxada para fora do porta-malas. Suas coxas ficaram presas contra a borda de metal do carro, sua pele arranhando

dolorosamente, e ela foi jogada no chão.

Sua respiração deixou seu corpo em um assobio, deixando ela ofegante em torno da mordação. Por um momento, ela ficou com medo de não ser capaz de sugar o ar de volta, seus pulmões apertados, mas finalmente eles liberaram e ela foi capaz de inalar oxigênio.

Ainda era noite? Ela não tinha certeza, mas não sentiu o sol quente contra sua pele. Ela não achava que tinha ficado inconsciente por muito tempo, certamente não a noite toda. Por alguma razão, controlar o tempo parecia de vital importância. Pelo menos ela seria capaz de calcular quando chegaria o dia em que alguém notaria seu desaparecimento e contataria a polícia.

Acima dela, a tampa do porta-malas se fechou, e ela ouviu o clique e bip-bip do travamento central do carro. Então ela foi levantada novamente, seu estômago fazendo contato com o ombro do homem, então ela ficou pendurada em uma posição estranha, seus braços e pernas ainda amarrados puxados para trás. A posição tornou difícil para ela recuperar o fôlego e ela respirou fundo enquanto as lágrimas escorriam pelo canto dos olhos.

Ele a carregou com facilidade, embora ela não fosse uma mulher particularmente pequena. Apesar de seu medo, ela tentou se concentrar em seu entorno. Os pés do homem pisaram no chão, pesados com os dois pesos combinados.

Sal e óleo contaminaram o ar, o gosto em sua língua. Desde que foi vendada, seus outros sentidos estavam sobrecarregados.

A sirene de um grande navio explodiu no ar. Lily ficou rígida. Era onde ela estava? Em algum tipo de porto? Seu estômago embrulhou. Se ela estava em um porto, isso significava que este homem pretendia movê-la para algum lugar.

Ele a deixou cair no chão, seu corpo estremecendo dolorosamente, e ela ouviu ele cortar, e então suas mãos se soltaram de seus pés. Seus ombros tremeram com a mudança em sua amplitude de movimento, cãibras arranhando entre as omoplatas, fazendo ela gemer. Mas pelo

menos suas mãos e pés não estavam mais presos e ela foi capaz de sentar ereta. Era uma coisa tão pequena, mas a gratidão a encheu, e ela deu um suspiro de alívio.

Mais à frente, ela ouviu outro tinido de metal e o estalo de uma grande fechadura se abrindo.

Seu alívio não durou muito.

Ele meio que a levantou de novo, e então deu um empurrão, fazendo ela voar. Ela escorregou de joelhos sobre o que parecia ser ferro corrugado, retirando uma camada de pele ao fazê-lo. Ela parou e tombou de lado, incapaz de usar as mãos para se equilibrar ou se proteger enquanto caía. Seu ombro bateu no chão, sacudindo ela mais uma vez. Ela já se sentiu tão maltratada antes? Cada parte de seu corpo doía. O espaço que ela encontrou era frio e rançoso. O fedor de algo que ela reconheceu, mas não conseguiu identificar, invadiu suas narinas.

Passos pesados a seguiram, batendo no chão ao lado de sua cabeça. Lily congelou, esperando o próximo golpe, mas nenhum veio. Em vez disso, ela se pegou em outra coisa. Além da respiração pesada do homem parado acima dela, ela podia ouvir outras pessoas na sala. Mais sons, respiração frenética de uma direção, um gemido fraco de outra, um choro silencioso em algum lugar à sua frente.

A possibilidade de que ela não estava sozinha nisso fez a adrenalina disparar em suas veias.

—Olá? — Ela tentou gritar em torno da mordaca, embora as palavras saíssem distorcidas. *Oooaaa?* — Quem está aí? — *Qeem Aerrrr?*

A dor explodiu em seu estômago quando a bota do homem atingiu seu intestino, sua respiração explodindo em seus pulmões. Ela teria gritado se pudesse, mas o golpe a deixou ofegante, os joelhos dobrados, em parte para aliviar a dor e em parte para se proteger de outro chute.

—Existem regras aqui, vadia, e é melhor você obedecê-las. Sem falar com os outros cativos. Sem fazer perguntas. E não tente escapar.

Cativos. A palavra ecoou em sua cabeça.

Isso era real, ela foi levada.

O homem se afastou, seus passos vibrando no chão de metal, e um barulho metálico alto se seguiu, reverberando ao redor dela.

Exausta, apavorada e com dor, Lily chorou até dormir.



Três



Ela acordou com o rosto latejando e todo o corpo dolorido.

Com um gemido, ela usou a parede atrás dela para se contorcer e se sentar. Exacerbada pela umidade de suas lágrimas e baba, a venda e a mordaca esfregaram enquanto ela dormia, fazendo sua pele arder. Tê-los ao redor de seu rosto só serviu para aumentar sua claustrofobia, fazendo o pânico crescer dentro dela como a água da enchente.

Ela precisava tirá-los.

Sua boca doía muito, então ela usou a língua para empurrar o tecido, forçando ele para fora e esticando-o. Ela torceu a mandíbula até doer e usou o ombro para rolar o material para baixo. Depois do que pareceu uma eternidade, e com a língua, os lábios e a mandíbula doendo e esfregados em carne viva, ela conseguiu tirar a mordaca da boca. Ela exalou um suspiro de alívio e desejou poder respirar fundo e sem impedimentos, mas o cheiro no lugar em que estava presa a forçou a tomar goles rasos de ar.

Dobrando o pescoço para o lado e usando o ombro para puxar a venda, ela empurrou e forçou o tecido até que finalmente começou a se soltar. Seu pescoço e ombro doíam, mas ela não iria desistir. Não era como se ela tivesse mais nada a fazer com seu tempo.

Um par de puxões finais contra seu ombro finalmente fez com que a venda se soltasse o suficiente, e ela foi capaz de rolar para baixo de seus olhos, embora ela não tivesse sido capaz de passar pela ponte do

nariz. Não importa. Ela podia ver.

Lily piscou contra o preto. Não era escuridão total. Uma tênue faixa de luz passou por baixo das grandes portas de metal em uma das extremidades e através do encontro das portas no meio. Já era de manhã. O próximo dia. Sábado. Ela piscou novamente, se dando um momento para seus olhos se ajustarem. A luz foi o suficiente para permitir que ela visse o ambiente, as paredes de ferro corrugado, piso e teto de um enorme contêiner de carga e sua certeza de que não estava sozinha provou ser fundada.

Cinco outras mulheres estavam posicionadas contra as paredes do enorme contêiner em que ela se encontrava. Elas assumiram posições quase idênticas, sentadas com as costas contra a parede do contêiner, joelhos até o peito, braços em volta das pernas. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, seus cabelos emaranhados e caindo em seus rostos. Por um momento, ela foi levada de volta para a mulher no estacionamento. A mulher tinha sido uma dessas meninas, talvez forçada a assumir o papel de uma mãe sob ataque em troca de sua liberdade? Lily sacudiu a memória de sua cabeça. Ela precisava se concentrar agora.

Conforme seus olhos se acostumaram mais com a luz fraca, seu coração se partiu. Não eram mulheres para quem ela estava olhando. Elas eram garotas. No máximo, a mais velha entre elas teria vinte e um, a mais jovem, talvez quinze. Ela também percebeu o que era o fedor acre. Urina. As pobres meninas foram forçadas a fazer xixi onde estavam sentadas.

Oh Deus.

Com certeza, Lily entendeu sua situação. Essas meninas estavam sendo traficadas para uma vida de prostituição e escravidão sexual. Ela não tinha ideia de para onde todas elas estavam sendo levadas, mas definitivamente estavam sendo levadas para fora do país.

Novas lágrimas brotaram de seus olhos, mas foram incapazes de rolar pelo rosto devido à venda ainda posicionada em torno de seu

nariz. Nenhuma das garotas olhou para ela ou tentou fazer qualquer tipo de contato, embora ela tenha notado que não estavam amordaçadas ou vendadas como ela. Elas pareciam que já tinham sido quebradas. Um soluço explodiu em seu peito e uma das garotas saltou com o som.

Ela não entendia por que os traficantes a escolheram. Aos 28 anos, ela era anos mais velha do que essas meninas. Embora fossem todas jovens e esguias, ela tinha busto e quadris. Seus cabelos eram todos longos, enquanto seu cabelo castanho era cortado em camadas até os ombros. Ela não se encaixava em seu perfil.

A ideia de esses homens terem um perfil que procuravam causou um arrepio em seu corpo.

Talvez eles tivessem um pedido para um tipo diferente de mulher? Talvez eles tivessem um cliente lá fora que tinha uma queda por mulheres curvas e de cabelos escuros com quase trinta anos? Ela não sabia se ria histericamente ou vomitava de medo.

As grandes portas de metal na frente do contêiner se abriram e um homem grande e bruto com uma testa larga, um nariz bêbado e olhos pequenos e profundos entrou. Seu olhar correu em torno de cada uma das garotas e finalmente veio para descansar em Lily.

Seus olhos se encontraram com o olhar frio dele, e seu coração parou, sua respiração presa em seu peito. Seus olhos se estreitaram, suas narinas se dilataram. Era o homem de voz rouca e mãos que fedia a fumaça de cigarro.

—Então, você conseguiu tirar a venda, não é, vadia? — Ele sorriu. —Aposto que você pensou que estava sendo inteligente, hein? Mas você parou para pensar o que aconteceria com você se eu soubesse que você viu meu rosto?

Ela congelou quando ele se aproximou. Seu lábio inferior tremia de medo, seu coração batendo tão rápido que ela pensou que cada batida se juntaria à próxima, e seu coração certamente pararia. Nenhuma das outras garotas ainda estava com os olhos

vendados. O que a tornava tão diferente que ela não deveria ver ele?

Mas, para seu espanto, ele caiu na gargalhada, embora o som fosse mais cruel do que engraçado. Ele se abaixou para ela e agarrou seu rosto da maneira que parecia gostar, então seus dedos pressionaram sua mandíbula e a forçaram a olhar diretamente para ele.

—Não se preocupe, querida. Não importa se você vê meu rosto. Cem de vocês, putinhas passaram por aqui, e nenhuma voltou.

Mas eu não sou uma prostituta, ela queria chorar. Sou terapeuta a laser!

Ela sabia que seus apelos não significariam nada. Não havia nada que ela pudesse dizer a ele que o faria soltá-la.

Ele a soltou, mas deu um empurrão no rosto dela ao fazer isso, fazendo com que sua cabeça tombasse para trás em seu pescoço. Novas lágrimas escorreram do canto de seus olhos, mas ela se recusou a dar a ele a satisfação de ouvir o soluço de partir o coração que cresceu dentro dela.

Lily se encolheu contra a parede de metal atrás dela, esperando o que viria a seguir, mas não parecia que o homem planejava fazer mais nada com ela. Em vez disso, ele virou as costas e caminhou até uma das outras garotas.

A garota, a aparência mais velha do grupo, se enrolou em uma bola. Seu cabelo caiu sobre o rosto e ela balançou a cabeça freneticamente.

Lily pode apenas entender as palavras que ela murmurou. —Não, não, não, não...

O homem com os dedos manchados de cigarro se inclinou para a garota e a agarrou pelo pulso. Ela gritou e tentou recuar com os pés sujos e descalços, mas não adiantou. Ele recuou o punho e bateu no rosto dela. A garota choramingou e caiu inerte.

Embora ela estivesse encarcerada e amarrada, ela não podia

simplesmente não fazer nada. —Deixe ela em paz, — gritou Lily.

—Cale a boca, vadia.

Outro homem entrou, este magro, com um rosto cruel e olhos esbugalhados. —O que está acontecendo?

—Nada, — seu sequestrador rosnou. —A vadia está tentando me causar problemas.

O cara magro puxou a fivela de sua calça jeans e abriu o botão que prendia sua braguilha. —Acho que preciso ensinar ela quem é o homem por aqui.

O coração de Lily parou. *Oh Deus não. Por favor, qualquer coisa menos isso.*

Foi isso que eles fizeram com todas aquelas outras pobres garotas? Era por isso que todas elas pareciam tão quebradas, porque elas foram espancadas e estupradas até a submissão? Lily sufocou um soluço de horror. Seria esse o seu destino também? Sua mente ficou em branco, horror e repulsa absolutos crescendo dentro dela. Ela não tinha sido tocada por um homem em mais de dez anos. Inferno, ela não tinha sido tocada por ninguém intimamente. Ela descobriu que apertar a mão de outra pessoa já era uma luta suficiente. Se esses homens a estupassem, seria o seu fim. Sua mente se separaria de sua consciência e ela encontraria a solidão mais profundamente dentro de si mesma, em um lugar onde ninguém poderia tocar ela.

Mas a voz de seu sequestrador a surpreendeu. —Não, aquela não. Você não pode tocar ela. Ela não é como as outras.

O magricela torceu os lábios em desdém. —Ah, porra. Eu estava ansioso por algo com um pouco de carne nos ossos, para variar.

Ela queria chorar de medo e alívio. Ele disse, 'você não pode tocar ela', mas o que isso significa? Ela já havia descoberto por si mesma que não era como as outras garotas presas aqui, pelo menos fisicamente. Mas ela não era virgem, embora já tivesse se passado muito, muito tempo, então não era como se ela estivesse sendo

mantida intacta por alguém.

Chorando silenciosamente, mas sem fazer nenhuma tentativa de revidar, a garota foi mantida entre os dois homens e retirada do contêiner. As portas se fecharam novamente, devolvendo-as à escuridão.

Lily bateu nas paredes atrás dela com os cotovelos. —Ajuda! Alguém nos ajude! — Deve haver mais alguém por perto. Se estivessem em um porto, as pessoas iriam e viriam o tempo todo. Ela não podia acreditar que não haveria ninguém por perto que pudesse ouvir ela e ser capaz de ajudá-las.

Mas apenas a voz rouca de seu sequestrador voltou gritando. — Grite o quanto quiser. Não há ninguém aqui além de nós.

Ela começou a chorar. O que estava acontecendo com a outra garota?

Lily se virou para as meninas restantes. —Para onde a estão levando? — Ela chorou em desespero. —Ela vai voltar? — Mas ninguém olhou para ela. —Não podemos simplesmente sentar aqui e não fazer nada. Somos cinco agora e apenas dois deles. Precisamos bolar um plano para sair daqui. — Apenas um gemido e um soluço baixo foram sua resposta.

Essas meninas não eram lutadoras. Talvez elas tivessem sido, uma vez, mas o que quer que elas já tenham passado as deixou fora de si. Algo ocorreu a Lily. Ela olhou para essas garotas pensando que todas elas eram magras quando foram levadas, mas talvez elas simplesmente estivessem aqui há tanto tempo, sujas e sem comida, que agora assumiam aparências semelhantes. Talvez ela também tivesse a mesma aparência se fosse mantida aqui por tempo suficiente.

A ideia de ficar nesse buraco do inferno por tanto tempo faz com que o desespero cresça dentro dela, ameaçando acabar com toda a sua luta e afundar ela em depressão. Ela não podia permitir que isso acontecesse. O que quer que eles fizessem com ela, onde quer que a levassem, ela não podia se permitir ceder. Ela era mais forte do que

isso. Ela já havia passado pelo inferno antes e saiu inteira. Ela não deixaria esses pedaços de merda vencerem.

Não havia nada mais que ela pudesse fazer a não ser sentar e esperar. Ela lutou para controlar o tempo. Depois do que pareceram algumas horas, o cara magro voltou para o contêiner. Ele segurou uma jarra e se moveu entre cada uma delas, derramando água em suas bocas. A sede de Lily fez com que sua língua grudasse no céu da boca, seus lábios colando aos dentes. Ele a alcançou e ela engoliu a água com gratidão, embora odiasse a proximidade do homem que havia ameaçado estuprar ela. A água fria atingiu seu estômago e se retorceu com cólicas. Ela se dobrou ao meio com um gemido, esperando que as cólicas diminuíssem. Elas o fizeram, gradualmente, e quando seu estômago se acalmou, a dor foi substituída por uma nova sensação, uma fome profunda e torturante. Ela não comia desde o almoço do dia anterior, e isso tinha sido apenas um sanduíche apressado entre os compromissos.

—Estou com fome, — disse ela ao cara magro. —Quando vamos conseguir comida?

Ele esticou o pé contra ela, chutando ela com força no quadril. Uma dor brilhante faiscou de novo através dela, e ela mordeu o lábio para não gritar, não querendo dar a ele essa satisfação.

—Você é alimentada quando decidimos que você é alimentada. Sem mais perguntas, ou aquele chute estará na sua cara.

Lily se encolheu de volta, seus olhos treinados no chão. Ela não queria fazer nada que o levasse a chutá-la novamente. Ela não aguentava mais dor no momento.

O homem bufou e depois soltou um bocado de catarro. Respingou no chão de ferro corrugado a poucos centímetros dela. Lily se aproximou da parede, aliviada por não ter batido nela, e desejou que ele fosse embora.

Mesmo o cativeiro e as trevas eram preferíveis a estar na companhia desse homem.

Para seu alívio, ele se virou e saiu. Nenhuma das outras garotas foi levada desta vez, mas a jovem que havia sido removida do contêiner antes não havia sido devolvida. Ela se lembrou do que as Mãos de Cigarro haviam dito. —*Cem de vocês, putinhas, passaram por aqui e nenhuma voltou.*

A garota não iria reaparecer.

Sem mais nada para fazer, oprimida por sua situação, fisicamente exausta pela provação e pela falta de comida, Lily entrava e saía do sono. Uma necessidade urgente em sua bexiga finalmente a forçou de volta à consciência. De repente, ela desejou ter recusado a água que havia sido dada a ela.

Ela precisava fazer xixi.

Embora ela não quisesse trazer os homens de volta para o contêiner, sua necessidade se tornou urgente, sua bexiga cheia o suficiente para doer. Ela se contorceu de volta contra a parede e usou os cotovelos para bater contra a parede.

—Ei, — ela gritou. —Você pode entrar aqui? Preciso de urinar. — Ela esperou e ouviu, esperando por uma resposta. —Ei! — Ela tentou novamente, só mais alto desta vez, seu desespero fazendo com que ela não se importasse com as consequências. —Eu preciso usar o banheiro. Por favor, estou desesperada!

Uma risada vazia e fria encontrou seus apelos, seguida por um grito distante através das paredes do contêiner. —Vá onde você está sentada.

Ela congelou de horror. Era realmente isso que eles esperavam que ela fizesse? Mas ela olhou ao redor para as outras mulheres, e se lembrou do fedor no contêiner quando ela entrou pela primeira vez, embora ela tivesse se acostumado com o cheiro agora. Era apenas outra maneira de remover qualquer luta de suas vítimas, negando-lhes até mesmo o menor dos luxos humanos, como usar o banheiro?

Não, ela não poderia fazer isso. Nunca em sua vida adulta foi

forçada a se molhar. Mas a dor na bexiga só piorou e, embora ela mudasse de posição, tentando remover a pressão, nada ajudou.

—Por favor, — ela tentou novamente, cedendo às lágrimas. —Por favor, apenas me ajude.

Como ela esperava, ela não obteve resposta. Nem mesmo as outras mulheres, todas as quais devem ter compartilhado sua humilhação e constrangimento, disseram nada. Todas elas estiveram em sua posição, todas foram forçadas a cometer o ato que ela estava prestes a cometer, e nenhuma tinha palavras de conforto.

Sem outra escolha, Lily permitiu que sua bexiga se soltasse. Uma inundação de calor deu a ela um momento de alívio do frio do contêiner, e com um lampejo de vergonha ela percebeu que sentiu prazer na combinação de calor e alívio.

Ela se moveu para o lado para sair da poça e colocou a cabeça entre os joelhos. —Oh Deus.

Era isso que ela se tornaria? Não é melhor do que um animal acorrentado? Não nem mesmo um animal, bagunça no mesmo lugar que dormiu. Esses homens estavam tentando reduzir ela à mais vil das criaturas.

O calor desapareceu rapidamente e foi substituído por suas roupas ficando frias e úmidas. Apesar do desconforto, ela descobriu que dormir era sua única saída e se deitou de lado.

Seus sonhos estavam cheios de violência e a certeza de que estava sendo perseguida. Ela correu por túneis escuros, a luz atrás dela em vez de na frente, e quando ela se virou para avistar a pessoa que a perseguia, ela só viu a silhueta de uma figura masculina contra a luz. Ela se virou para correr novamente, sabendo que estava indo para a escuridão total, mas incapaz de fazer qualquer outra coisa. À sua direita, outro homem saiu da escuridão. Ele se lançou sobre ela, uma faca na mão, e para seu horror, afundou a lâmina em seu braço. A lâmina afundou profundamente, mas ele a retirou e apunhalou, e apunhalou novamente...



O barulho das portas sendo abertas a acordou. Um grito se alojou como um pedaço de carne crua em sua garganta, sua respiração entrando e saindo de seus pulmões. Seu corpo inteiro estava coberto de suor frio e a dor apertou seu braço direito, onde ela estava deitada na posição desajeitada com as mãos ainda amarradas atrás das costas.

Mas ela não teve tempo para analisar seu sonho, não que exigisse muita análise e ele fugiu de sua mente consciente. Ela tinha muito mais terrores reais para enfrentar.

Os dois homens entraram. Desta vez, eles caminharam diretamente em sua direção.

Ela não queria ficar neste contêiner horrível e sem alma, mas a possibilidade do que viria a seguir a apavorava mais.

—Não, por favor, — ela implorou enquanto eles se curvavam para agarrar ela pelos braços. —Você me confundiu com outra pessoa. Eu não sou o que você quer.

Mãos de cigarro sorriram. —Você é exatamente quem nós queremos. Não fazemos essas coisas por capricho, vadia.

Juntos, eles a colocaram de pé.

Eles vieram para levar ela para qualquer coisa que o destino reservasse.



Quatro



Uma bolsa de pano foi puxada sobre sua cabeça, bloqueando sua visão do mundo exterior, e ela foi arrastada de volta para fora.

Por ter sido mantida em um porto, Lily presumiu que acabaria em um navio, mas em vez disso foi jogada no banco de trás de um carro. A maciez do estofamento de couro sob seu rosto e corpo a fez querer chorar de prazer depois de passar tantas horas no metal duro. Pelo menos desta vez ela não estava sofrendo a claustrofobia do porta-malas. Ela adivinhou que o motivo da mudança era que ela não seria mantida no carro por muito tempo. Se eles já estivessem em um porto, ela presumia que simplesmente a estariam transferindo para um navio.

Exceto que o carro parecia estar saindo do porto, o som da água e das buzinas de nevoeiro ficando mais fracas enquanto eles se afastavam.

Numerosas perguntas passaram por sua mente. Por quanto tempo ela ficaria no carro? Para onde a estavam levando? O que aconteceria com ela quando ela chegasse lá? Mas depois de apenas cerca de vinte minutos, o carro parou e o motor foi desligado.

Lily congelou, tentando ter alguma ideia de onde ela estava agora.

Um barulho de motores encontrou seus ouvidos, mas não de carros ou barcos. Não, eles eram motores de avião.

Oh Deus. Um avião. Até onde ela estava sendo levada? Se a levassem para outro país, ela nunca seria encontrada. Ela tinha acabado de se tornar outra estatística.

Sua mente vacilou de medo. Ninguém estaria procurando por ela ainda, e quando percebessem que ela havia partido, nunca a encontrariam em outro país. Ninguém se importou com ela o suficiente para empurrar uma busca tão longe. O que quer que a esperava no final desta jornada seria, para sempre. Ela nunca voltaria para sua antiga vida. Se ela fosse ser submetida ao tipo de vida que ela tinha imaginado para as outras garotas no contêiner, ela não achava que gostaria de viver uma vida.

Vou me matar antes de me permitir ser usada assim, ela jurou. Afinal, qual era a vida dela? Sim, ela ajudou as pessoas, e essa foi a única satisfação que tirou de sua existência. Ela lamentou que as pessoas que poderiam estar em seu futuro não recebessem mais o benefício de sua habilidade e experiência, mas encontrariam outra pessoa. Ela tinha certeza de que seus pacientes não iriam querer ninguém, que eles jurariam que ela era a melhor em sua área, e eles estariam certos, mas outros seriam capazes de ajudá-los. Eles não perderiam suas vidas por causa do que estava acontecendo aqui e agora.

Ao contrário dela.

A porta do carro se abriu com um baque e Mãos de Cigarro a agarrou pelos braços e a puxou do banco de trás. Ela torceu a cabeça dentro do material do saco, como se pudesse encontrar um pequeno buraco pelo qual pudesse ver, mas além de uma pequena quantidade de luz filtrada do fundo, não havia nada.

Ele a pegou e a puxou por cima do ombro.

O saco escorregou um pouco quando ele a carregou com passos largos, e ela avistou uma faixa de asfalto embaixo dela. Em um minuto, o asfalto mudou para degraus de metal, e ele os subiu, subindo e entrando no que ela presumiu ser a porta de um avião. Ele se moveu para dentro do avião e a jogou no chão.

—É esta?

Lily congelou. Uma voz masculina diferente, uma que ela não tinha ouvido antes.

—Sim, — disse Mãos de Cigarro. —Não sei o que ele quer com ela, entretanto. Ela não tem muito para olhar.

Um bufo. —Ela não parece tão ruim para mim. Peitos grandes e uma bunda para combinar. Não tenho ideia de como é o rosto dela, mas eu gosto de uma mulher que estremece quando se move.

A feminista em Lily queria gritar para eles pararem de falar sobre ela dessa forma, mas embora suas palavras pudessem ferir seus sentimentos, elas não doeram da mesma forma que socos ou chutes, e ela já havia sofrido o suficiente aqueles nas últimas vinte e quatro horas. Ela não queria arriscar causar mais.

Mãos de cigarro riu. —Bem, eu prefiro a minha um pouco mais magra, mas seja lá o que for, cara. De qualquer forma, estou feliz por me livrar desta. Prefiro conhecer um pouco melhor o meu negócio. Esse cara é um cliente duvidoso.

—Não finja que a maioria de seus clientes não são suspeitos.

—Sim, mas não como este.

Suas palavras fizeram seu sangue congelar em suas veias. Era para quem ela estava sendo entregue? Um homem tão mau que até os traficantes o achavam perigoso. Todo seu corpo tremia de medo e ela mordeu o lábio inferior para evitar que os soluços explodissem de sua boca, mordeu com tanta força que sentiu o gosto de sangue. Ela não se importou. Se isso realmente fosse tão ruim quanto ela imaginava, não seria a última vez que ela provaria seu próprio sangue.

Mãos de cigarro falou novamente. —Bem, eu tenho outras garotas para mover, então vou deixar esta em suas mãos capazes.

Ela ouviu um par de portas fechando, e então os motores do avião rugiram para vida ao seu redor. O pequeno avião começou a se mover

e sacudiu enquanto taxiava pela pista. As vibrações percorreram seu corpo, apenas exacerbando seu tremor.

Os motores ficaram tão barulhentos que afogaram todos os pensamentos conscientes. Ela gostaria de poder cobrir as orelhas com as mãos, mas elas ainda estavam amarradas, então tudo o que ela pôde fazer foi pressionar uma orelha contra o ombro e usar a bolsa de pano sobre a cabeça para abafar um pouco do rugido dessa forma. O ímpeto do avião aumentou e, de repente, ela sentiu a mudança no movimento enquanto ele levantava no ar. Ela não estava amarrada em qualquer lugar, então ela deslizou pelo chão em direção à parte de trás do avião. Seus pés se enroscaram em algo de metal, a perna de um assento, talvez e interrompeu seu movimento. Finalmente, o avião nivelou e atingiu uma altitude de cruzeiro.

Qual seria a duração do voo? Ela teve a impressão de que o avião era pequeno, então não seria capaz de ir muito longe sem reabastecer. Ela não se atreveu a adormecer no caso de perder algo importante. Quem mais estava no avião com ela? Ela sabia que havia pelo menos um outro homem, e deve haver um piloto. Que tal um copiloto? Aviões deste tamanho precisavam de tal coisa? Ela não tinha ideia. Aviação não era algo que ela prestou atenção no passado.

Lily deitou no chão. Vozes masculinas vinham da frente do avião, então ela sabia que havia mais de um homem, mas foram abafadas pelo som do motor. Eles permaneceram bem baixos até que um deles disse algo, e o outro explodiu em gargalhadas, fazendo ela se encolher. Com seus sentidos silenciados pela bolsa de pano sobre sua cabeça, ela lutou para dizer quanto tempo passou. Sua bexiga ficou dolorosamente cheia e ela precisava desesperadamente se aliviar, mas não queria chamar atenção para si mesma, caso isso lhe valesse outro chute, ou até pior. Ela poderia segurar por agora. Ela não atingiu o mesmo desespero que a fez se molhar na noite anterior, embora se fosse necessário, ela faria a mesma coisa novamente. Ela não tinha lido em algum lugar que se molhar era uma forma de dissuadir um estuprador? Ela estava surpresa que alguém pudesse chegar perto dela no momento, considerando a maneira como ela fedia.

Eles atingiram alguma turbulência, e ela deu um pequeno grito de medo quando o avião caiu de repente, deixando seu estômago para trás. Mas depois do que ela estimou em três ou quatro horas, suas orelhas começaram a zumbir, seu estômago ficou em algum lugar acima dela quando eles começaram a descida.

O avião pousou, mas ninguém falou com ela ou tentou movê-la. Ela ouviu ruídos do lado de fora e percebeu que deviam estar apenas reabastecendo. Em vinte minutos, os motores do avião ligaram e decolaram mais uma vez.

O zumbido do motor a fez cochilar, embora ela lutasse contra isso. Ela tentou descobrir para onde eles poderiam ter viajado para ela estar no avião por todo esse tempo. Eles ainda estavam nos Estados Unidos ou voaram para algum lugar fora do país? Ela não tinha ideia de que direção eles estavam indo, ou se a próxima parada seria seu destino final, eles só pousariam para reabastecer ou pegar outra pessoa, pelo que ela sabia. Ela odiava a incerteza disso, o medo do desconhecido. Pelo menos se ela soubesse o que tinha que enfrentar, ela poderia se fortalecer para ser mais forte.

Você sabe o que tem que enfrentar, ela disse a si mesma. Você está sendo vendida por uma quadrilha de escravidão sexual. Esses homens traficam garotas e você se tornou uma delas.

Ela sabia disso. Ela tinha visto as meninas e os homens que as moviam, mas algo ainda não estava bem para ela. Talvez ela simplesmente estivesse em negação. Anos sem ser tocada intimamente significava que ela lutava para imaginar como seria ser tomada contra sua própria vontade... não que ela quisesse imaginar.

Eu vou morrer, ela pensou. Minha mente vai desligar para se proteger, e meu corpo vai desistir eventualmente. Não sou forte o suficiente para lidar com isso.

No entanto, ela sabia que o corpo e a mente podiam ser surpreendentes às vezes. Às vezes era mais forte do que ela podia imaginar, embora ela não quisesse que fosse. Ela não queria viver anos

e anos nas mãos de um agressor.

Você não vai precisar. Ele ficará entediado com você e a matará, e então passará para outra pobre mulher que ele pagou para possuir.

Eventualmente, eles começaram sua descida novamente.

O avião pousou com alguns solavancos e então ela experimentou uma resistência da força G quando os freios de pouso foram acionados. Ela deslizou para trás novamente, batendo contra algo atrás dela. Ela estremeceu quando a dor se espalhou por suas costas, os dentes cerrados. Ela estava lutando para se lembrar de uma época em que alguma parte de seu corpo não doeu.

O avião continuou a andar, antes de finalmente parar.

Lily esperou, todos os músculos tensos. Ela se enrolou em uma bola o mais apertado que conseguiu, como se isso fosse fazer os homens esquecerem ela. Mas dentro de um minuto, passos pesados se aproximaram, e então dedos envolveram seus braços e ela foi puxada para cima novamente.

—Por favor, — ela choramingou, embora não tivesse mais certeza do que estava implorando. —Por favor...

Os dedos cravaram com mais força em sua carne e a sacudiram. — Cala a boca.

Lily ficou quieta e se permitiu ser meio carregada, meio arrastada do corpo da aeronave.

No momento em que foi retirada do avião, o calor a atingiu. Até o ar tinha um cheiro diferente, algo mudou, desconhecido. Um calor seco contra sua língua, dentro de suas narinas. Ela nunca tinha deixado o país antes, mas ela tinha certeza que ela tinha agora.

—Você está atrasado, — disse uma nova voz masculina. Ela detectou um sotaque estrangeiro, mas não conseguiu identificá-lo.

O homem que a entregou disse. —Só por uma hora. Tivemos fortes ventos contrários vindo.

Um empurrão repentino por trás a enviou voando para frente, um grito de choque escapando de seus lábios. Ela colidiu com outra pessoa e mãos agarraram seus braços, impedindo ela de cair no chão. Do fundo do saco sobre sua cabeça, ela conseguiu ter um vislumbre das mãos que a seguravam. Embora os dedos parecessem fortes, os nós dos dedos estavam enrugados e soltos, as costas das mãos marcadas por rugas e uma mecha de cabelo branco. Estas eram as mãos de um homem mais velho. Era para quem ela estava sendo vendida? Algum velho perverso?

—Você tem certeza que esta é a certa? — Disse a voz estranha.

—Não cometemos erros. Você está com meu dinheiro?

—Claro.

Uma das mãos deixou seu braço, e ela detectou um movimento e um farfalhar, ao presumir que dinheiro estava trocando de mãos. Uma pausa e um movimento rápido.

—Está tudo aí, — disse o homem mais velho.

—Certo.

Ela foi puxada e forçada em outra direção, para longe do avião. O calor subiu como um forno do asfalto sob seus pés. Ela queria lutar, mas sabia que seria inútil. Tudo o que aconteceria seria que ela receberia outra surra. Mesmo se ela conseguisse escapar de alguma forma, amarrada e com um saco na cabeça, onde ela iria buscar ajuda? Ela nem sabia em que país estava. Ela precisava esperar, aguardar e aprender sobre sua localização e seu sequestrador. Ela tinha apenas uma coisa a seu favor, e essa era sua mente. Ela era inteligente e precisava usar essa inteligência para sair dessa situação, mesmo que agora tudo parecesse impossível.

As mãos que a seguravam a empurraram para a parte de trás de outro carro. Lily pousou com o rosto pressionado contra o estofamento de couro. Todas essas pessoas insistem em couro? Talvez fosse mais fácil limpar o sangue do que o tecido. A porta se fechou atrás dela e

ela se encolheu em uma bola o melhor que pôde, com as mãos ainda amarradas atrás das costas.

Ela se sentia esgotada, vazia. Outra jornada para outra possibilidade assustadora. O homem que agora dirigia o carro seria o dono dela? Ele não tentou falar com ela, ou dar-lhe qualquer instrução além de empurrões. Era simplesmente assim que seria para ela agora, tratada como um objeto a ser movido, enquanto ele a estuprava sempre que sentia vontade?

O interior do carro estava mais frio do que fora, o ar condicionado no veículo explodindo.

Lily fechou os olhos com força, os lábios pressionados, um nó dolorido na garganta, e conteve as lágrimas, mas desta vez ela falhou. Elas torceram pelos cantos e escorregaram pelo lado de seu rosto. Ela gostaria de poder descobrir uma maneira de desligar o cérebro por um tempo. Ela estava dividida entre querer ficar afiada a fim de descobrir uma maneira de escapar e querer se retirar da realidade e fingir que estava em outro lugar.

Para sua surpresa, depois de apenas alguns minutos, o carro parou e o motor desligou. Ela seria colocada em outro avião?

Ela ouviu o barulho da porta do motorista se abrindo, e então a porta ao lado dela se abriu. Imediatamente, o calor de fora impregnou o veículo. Mãos envolveram seus braços novamente e ela foi puxada para fora do carro. O homem se abaixou e removeu a amarração de seus pés.

—Ande, — ele disse a ela. —Comporte-se e isso será mais fácil para nós dois.

Ele a conduziu para dentro de uma propriedade. Frio no interior. Piso sólido e duro sob os pés.

Ela foi levada para uma sala e sentada em uma cadeira. —Por favor, — disse ela. —Eu preciso ir ao banheiro.

Uma ação de corte na corda ao redor de seus pulsos de repente

libertou seus braços, e ela girou os ombros e flexionou os dedos, gemendo de alívio.

O homem puxou a bolsa de sua cabeça e ela piscou na luz repentina. O quarto ao seu redor era decorado com opulência, uma cama com dossel, papel caro nas paredes, um lustre no teto. Mas não tinha janelas.

O homem que a segurava tinha cerca de 60 anos, ela adivinhou, cabelos brancos bem penteados e puxados para trás das têmporas, mas ele tinha uma aparência cruel, algo sobre a aspereza em torno de seus olhos, o vazio de suas bochechas e a ponta de seu queixo bem barbeado.

—Você tem seu próprio banheiro, — ele disse a ela, apontando para uma porta no fundo do quarto. Ele torceu o nariz para o cheiro de urina dela e roupas manchadas de suor. —Por favor, refresque-se. Tem roupas no armário.

—O que?

—Chuveiro, troque de roupa. Senhor não vai querer ver você assim.

Um arrepio percorreu seu corpo. Senhor? Ela deveria estar se preparando para algum perverso egomaniaco? Pelo menos agora ela sabia que não foi o velho que a comprou, embora isso não significasse que 'senhor' não era ainda mais velho.

Ela queria se rebelar, mas a pressão em sua bexiga havia crescido tanto que doía. Só a ideia de usar o banheiro a fez pensar que perderia o controle e, mesmo com tudo que passou, não suportava a ideia de se desonrar daquela forma novamente.

Sem dizer outra palavra, ela pulou da cadeira e correu para o banheiro. Uma atrapalhada frenética com sua roupa, e seu traseiro fez contato com o assento. Ela deu um suspiro de alívio quando a urina quente atingiu a água.

Lily ouviu a batida de uma porta e o clique muito mais sutil de

uma fechadura deslizando para o lugar. Passos recuaram e ela teve certeza de que o homem mais velho havia saído do quarto. Lily terminou de fazer xixi e se levantou em silêncio. Espiando ao redor do batente da porta, ela examinou o quarto para se certificar de que sua avaliação estava correta.

O homem não estava mais no quarto.

Ela não queria nada mais do que se lavar e trocar de roupa. Até uma escova de dentes elétrica foi fornecida para ela. O fedor da própria urina e o odor corporal a deixavam com o estômago embrulhado.

Incerta, ela olhou ao redor em seu ambiente luxuoso. Isso era para ser algum tipo de truque? Ladrilhos creme cobriam as paredes e o chão, intercalados por minúsculos mosaicos de vidro em água-marinha. Garrafas de banho de espuma perfumada e xampu cobriam a borda da banheira, e uma ducha tipo cascata separada estava posicionada no canto do quarto. Pilhas de toalhas brancas macias estavam sobre o suporte aquecido.

O tempo todo ela avaliou cada objeto para a possibilidade de uso como uma arma, jogar gel de banho nos olhos de seu sequestrador, esfaquear ele com a ponta de metal da escova de dente, eletrocutá-lo, até?

Ela sabia que precisava se concentrar em tentar encontrar uma maneira de sair dali, mas a opulência e a limpeza do espaço a tornavam ainda mais consciente de sua própria sujeira. Ela não queria nada mais do que estar limpa, qualquer coisa para se sentir humana mais uma vez.

Ela percebeu que não havia porta no banheiro. Lily mordeu o lábio inferior ansiosamente. Se ela tivesse sido capaz de fechar a porta, ela não teria se sentido tão constrangida, mas ter que se despir enquanto exposta ao outro cômodo a fez se sentir ainda mais. O homem poderia abrir a porta a qualquer momento e entrar.

Ela olhou entre a porta e a banheira, sem saber o que fazer. Uma

lufada de odor corporal assaltou suas narinas enquanto ela se contorcia. Outro pensamento entrou em sua cabeça. Como ela sabia que não havia câmeras escondidas por todo este lugar? Ela pode estar sendo observada agora, pelo que ela sabia, mas do jeito que as coisas estavam indo, ela percebeu que ser observada era provavelmente a menor de suas preocupações.

Ela precisava se lavar.

Lily se inclinou sobre a banheira e abriu a torneira, a água quente jorrou na banheira de porcelana. O movimento fez seus músculos se contraírem e ela estremeceu de dor. Tentando ignorar suas dores, ela adicionou uma boa quantidade de um dos banhos de espuma à água. O vapor perfumado encheu a ar.

Olhando para a esquerda e para a direita, ela rapidamente tirou suas roupas nojentas. Ela segurou o braço sobre os seios, a outra mão cobrindo a mecha de cabelo entre as pernas. Ela não conseguia imaginar por que alguém iria querer se infiltrar em seus pedaços imundos e vacilantes. Ela dificilmente era uma supermodelo de dezoito anos.

Lily entrou e sugou o ar sobre os dentes enquanto a água quente entrava em contato com todos os seus cortes e arranhões. Sabendo que a dor diminuiria quando ela estivesse totalmente submersa, ela cerrou os dentes e se abaixou na banheira. Com um suspiro, ela afundou de volta na porcelana. As bolhas ofereciam-lhe alguma cobertura e ela sentia que tinha alguma privacidade.

Finalmente, ela estava sozinha.



Monster

(Quatorze anos antes)



O menino não era mais uma criança, mas ainda não era um homem adulto.

Ele tinha consciência de sua própria sexualidade há alguns anos, embora sua experiência sexual tivesse se limitado às poucas passagens eróticas que encontrou nos livros que teve permissão de ler por autores como James Joyce, DH Lawrence e Henry Miller. Ele as leu várias vezes, se imaginando no lugar do personagem masculino, e ejaculando em pedaços de tecido, ele então deu descarga apressadamente no vaso sanitário.

Seu contato com outras pessoas permaneceu limitado, principalmente à equipe de seu pai que trazia suas refeições para ele. Ocasionalmente, ele tinha permissão para se sentar na cozinha enorme e comer rapidamente, embora se tentasse falar com alguém, ou fazer contato visual, de alguma forma seu pai saberia e ele seria recompensado com um tapa no rosto ou um joelho no estômago. Embora ansiava por aquelas ocasiões em que podia comer na companhia de outras pessoas, muitas vezes ficava tão tenso com os nervos que dizia ou fazia algo errado que se via incapaz de comer. Sua falta de interação social significava que ele não sabia o que dizer, mesmo que surgisse a oportunidade. Sua vida era de rotina, de aulas, de exercícios físicos. Também era uma vida de crueldade. Ele entendeu que seu pai estava tentando moldar ele em alguém, um homem de inteligência aguçada e força física, um homem de coração duro e capaz de violência quando algo o desagradava. Resumindo, seu

pai estava tentando transformar ele em si mesmo.

Monster passou semanas com o mesmo funcionário trazendo suas refeições para ele, mas um dia a pessoa mudou.

A porta se abriu. Em vez do homem de pele morena de seus vinte anos, cujo nome Monster nem sabia, que vinha trazendo suas refeições recentemente, uma jovem loira entrou no quarto.

Seu coração gaguejou em seu peito, e ele respirou fundo.

Ele nunca tinha visto nada tão bonito.

Quando ela entrou no quarto, a bandeja contendo sua refeição segura com as duas mãos, ela manteve os olhos baixos. Monster olhou fixamente, observando os traços delicados de seu rosto, o botão de rosa de seus lábios, a linha fina de seu nariz e queixo. Seu cabelo caía em ondas suaves bem além dos ombros, as pontas roçando os seios inchados. Sua cintura era minúscula, pequena o suficiente para ele envolver as duas mãos e ter seus dedos se tocando. Um rubor rosa subiu em suas bochechas, como se ela pudesse sentir ele olhando para ela.

Ela caminhou até a mesa dele e colocou a bandeja na mesa. Sacudiu ao atingir a superfície, e ele percebeu que as mãos dela tremiam. Ele a assustou? Foi uma boa coisa que ela estava trazendo um sanduíche para ele em vez de sopa.

Ele queria desesperadamente falar com ela, dizer alô e perguntar qual era o nome dela, mas estava paralisado por sua beleza. Seu coração disparou, sua boca secou. O sol havia entrado em seu quarto, com todo seu brilho ofuscante, e queimou cada parte dele que lhe permitiu encadear uma frase.

A garota se virou em sua direção, mas manteve a cabeça baixa. A mais breve sugestão de um sorriso beliscou os cantos de seus lábios perfeitos, lábios que ele queria esmagar e saborear e ela fez uma pequena reverência antes de quase correr para fora do quarto.

Ele cruzou o quarto e passou os dedos pelas bordas da bandeja

onde ela a segurava. As laterais do plástico ainda estavam quentes com o toque dela e sua respiração se acelerou. Seus olhos se fecharam e ele imaginou que eram os dedos da garota que ele estava tocando, a primeira vez que ele fez contato com uma mulher de sua idade.

Sua virilha se mexeu e ele afastou as mãos. Ela era doce e inocente. Ela não precisava de um monstro como ele ficando excitado por ela. Ele arruinaria sua pureza apenas por ter esses pensamentos. Ainda assim, Monster não conseguia parar de pensar nela. Mesmo que ela só tivesse estado em sua presença por um mero momento, ele embutiu a memória de seu rosto em sua mente e descobriu que era incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

Quando seu pai chegou uma hora depois para a aula, Monster descobriu que seus pensamentos estavam dispersos. Ele respondeu incorretamente a perguntas matemáticas simples e esqueceu partes da história que sabia de cor.

Seu pai se esticou sobre a mesa e o agarrou pela camisa, dando-lhe uma sacudida brusca. —Onde está sua mente, Monster? Eu sei que não está comigo.

A última coisa que ele queria era que seu pai soubesse sobre seus pensamentos sobre a garota. —Sinto muito, pai. É um livro que estou lendo. Não consigo tirar a história da minha cabeça.

—Bem, é melhor você tirar. Vou impedi-lo de ler ficção se não conseguir se concentrar nos fatos.

Isso teria sido quase tão desastroso para Monster quanto seu pai descobrir sobre a garota. A ficção era sua tábua de salvação, sua maneira de viver a vida de tantas pessoas que aspirava ser, gente bonita às vezes, às vezes nem tanto. Mas todos eles eram uma maneira de escapar das quatro paredes de seu quarto e da propriedade de seu pai.

Ele se forçou a se concentrar, mas assim que a aula acabou, ele voltou a sonhar acordado com a garota. Ele contou os minutos até que sua próxima refeição fosse trazida para ele. Talvez ela não

voltasse? Ela poderia estar encobrindo outra pessoa. Mas quando finalmente chegou a hora e a porta se abriu, era a garota carregando a bandeja novamente.

Exatamente como antes, ela manteve a cabeça baixa e não o cumprimentou. As palavras tremiam na ponta da língua, um desespero para perguntar a ela sobre ela, mas ele estava dolorosamente ciente de sua aparência e do que seu pai faria se descobrisse. Ele não estava com medo de si mesmo, bem, talvez um pouco, mas estava mais preocupado que seu pai machucasse a garota para punir ele por ousar falar com ela.

Mais uma vez, ela colocou a bandeja sobre a mesa, se virou e saiu do quarto.

As semanas seguintes foram divididas em horários de refeição para Monster. Ele antecipou o minuto ou dois que passaria na companhia dela com uma obsessão que ele nunca tinha conhecido antes. Ele não sabia o nome dela e nunca ousou perguntar. Ela nunca falava com ele, nem mesmo fazia contato visual, mas tinha o cabelo dourado mais sedoso que ele já vira e cheirava a limão. Ele imaginou que ela era o produto do sol, algo pelo qual tudo leve, quente e feliz era atraído. Em suas fantasias, ela encontrou seus olhos azuis nos dele e pegou sua mão. Ela disse que estava apaixonada por ele e que o levaria embora. Então, eles faziam o tipo de amor sobre o qual ele havia lido e viriam com uma culpa distorcida, tanto por ele, pela garota e por seu pai.

Quase três semanas depois de entregar as refeições dele, ao entrar no quarto, com a cabeça baixa enquanto carregava a bandeja, ela não notou um canto do tapete levantado. Seu pé ficou preso na beirada e ela tropeçou. Ela se lançou para frente com a bandeja, a tigela que segurava voando no ar, antes de virar, e uma refeição de arroz, cordeiro e tomates se espalhou pelo chão. A garota conseguiu manter o equilíbrio e congelou, a bandeja ainda segura em suas mãos. Toda a cor sumiu de seu rosto e ela olhou para a bagunça com o tipo de horror que ele imaginaria que alguém poderia exibir ao encontrar o

corpo de um animal de estimação amado.

—Oh, Deus, — ela chorou.

As primeiras palavras que ele a ouviu dizer.

Ela caiu de joelhos e colocou a bandeja no chão. Apressadamente, ela pegou a tigela virada e começou a colher arroz quente e carne com as mãos, jogando a bagunça de volta na tigela. Enquanto ela se segurava, sua respiração começou a falhar, seus ombros tremendo.

Monster olhou para ela, sem saber o que ele deveria fazer. Se ele fosse ajudar, ele a horrorizaria ainda mais? Ela olharia para ele e sairia gritando do quarto? Ele não queria piorar as coisas, mas também não podia ficar parado olhando para ela.

Quando um de seus punhados revelou o tapete manchado de tomate embaixo, a respiração ofegante deu lugar a um soluço e uma lágrima correu por sua bochecha.

Monster não aguentou mais.

Três longas passadas o trouxeram diretamente à frente dela e ele caiu sobre um joelho como se fosse pedir em casamento.

—Não chore, — ele disse a ela. —É só comida.

—Não estou chorando por causa da comida, — disse ela, embora mantivesse os olhos baixos para a bagunça enquanto falava. —Estou chorando por causa do tapete. Serei espancada quando virem o dano que causei.

Ele estendeu a mão e a tocou suavemente no braço. Sua pele parecia impossivelmente macia sob a ponta dos dedos e seus olhos absorveram cada detalhe os finos pelos dourados em seus braços, as pontas arredondadas de suas unhas, o tom pálido de sua pele. As lágrimas rolando pelo rosto dela mexeram com algo dentro dele, um desejo não apenas de proteger ela, mas de tomá-la como sua. Sua vulnerabilidade o fez desejar ela ainda mais do que já desejava, embora fosse impossível.

—Você não fez nada, — disse ele. —Fui eu quem derramei a bandeja.

Ela ergueu os olhos para ele e, pela primeira vez, alguém o olhou bem nos olhos. Seu olhar não desviou para sua deformidade. O azul profundo de seus olhos encontrou-se completamente com os dele, as lágrimas tremendo em suas profundezas.

Era como se ela estivesse vendo o verdadeiro ele.

—Mas então você será punido, — ela disse, sua voz um sussurro ofegante.

Um leve sorriso tocou sua boca. —Eu não me importo.

Ela balançou a cabeça e seus olhos deixaram os dele enquanto ela continuava tentando limpar a bagunça. —Não, eu não posso deixar você fazer isso.

—Você não tem escolha.

Ela continuou a pegar a comida, então ele estendeu a mão e agarrou seu pulso. —Pegue a bandeja e saia deste quarto como se nada tivesse acontecido. Vou ficar com a tigela.

—Não, eu não posso...

—Vá, — ele rosnou. —Não me faça dizer isso de novo, ou serei aquele de quem você receberá a surra.

Seus olhos se arregalaram com o choque e ela caiu para trás.

Ele se odiava por dizer tal coisa a ela. De onde vieram as palavras? Elas estouraram de sua boca antes que ele pudesse pensar nelas. Mas ele conseguiu o que queria. Sem dizer outra palavra, a garota agarrou a bandeja e saiu correndo do quarto, fechando a porta atrás de si.

Monster permaneceu de joelhos e olhou para a bagunça. O que ele fez? Ele era mais parecido com seu pai do que ele pensava. Pela primeira vez, alguém olhou para ele como se ele não fosse um

monstro, e ele a recompensou agindo como um.

Quando passou tempo suficiente para permitir que a garota fugisse, ele se levantou e bateu na porta. —Pai? Eu preciso de mais comida.

Ele esperou um momento e então repetiu a batida. Ele duvidava muito que seu pai estivesse lá, mas um de seus homens seria enviado em seu lugar. Seu estômago embrulhou, seu coração pesado de remorso. Ele não se importava com o que seu pai faria com a comida derramada ou o tapete danificado. Foi a ideia do que a garota pensava dele agora que causou a agitação que girava dentro dele como um redemoinho.

Várias outras batidas na porta finalmente trouxeram passos batendo no corredor. Ele não esperava seu pai, ele normalmente trabalhava em qualquer horário que não estava programado para 'aula,' mas mesmo assim, seu pai foi a pessoa que abriu a porta.

—O que diabos está acontecendo, Monster?

Automaticamente, Monster deu um passo para trás, com o queixo abaixado. —Lamento incomodá-lo, pai. Eu derramei minha refeição.

Os olhos de seu pai observaram a bagunça diante dele. —Como diabos você fez isso?

—Eu planejava comer na poltrona enquanto lia. Tentei carregar a tigela, mas tropecei na ponta do tapete.

—Garoto estúpido.

—Eu sei. Eu sinto muito. Vou me certificar de que vou comer à mesa no futuro.

Todo o seu corpo ficou tenso, se preparando para o golpe que tinha certeza que viria. Mas seu pai olhou para trás em direção à porta e exalou um suspiro de exasperação. Ele parecia distraído, sua mente em outro lugar.

—Você deveria ter feito a garota trazer mais comida para você.

—Eu teria, pai, mas ela já tinha ido embora.

Pela primeira vez, o olhar de seu pai se ergueu para o rosto de Monster. Ele o estudou daquela maneira, como se fosse capaz de ler os pensamentos de seu filho sem precisar ouvi-los. O calor começou a subir pelo pescoço de Monster, e ele desejou ir embora, mas a vontade só piorou as coisas. Os olhos de seu pai se estreitaram e então voltaram para o tapete manchado e arroz e carne derramado.

—Vou mandar alguém limpar, — disse ele, por fim. —Mas você pode ficar sem sua comida. Isso vai te ensinar a ter mais cuidado.

Monster tentou não exalar um suspiro de alívio. Ficar com fome não era grande coisa. Ele tinha passado por muito pior.

Seu pai saiu do quarto.

Monster esperava que ele mandasse a garota de volta para limpar, então pelo menos ele teria a chance de dizer a ela que sentia muito por ser tão duro com ela, mas quando a porta se abriu e o coração de Monster pulou em sua garganta, apenas para despencar novamente, ele viu uma das mulheres idosas que limpava. Ela entrou apressada no quarto, sem nem mesmo reconhecer ele, e começou a varrer a comida e esfregar o tapete.

O vazio em seu estômago não era apenas devido à sua fome. Ele observou os minutos passarem até a tarde virar noite. Tudo o que ele queria no mundo era que a garota voltasse para que ela pudesse olhar para ele novamente, e ele poderia dizer a ela que sentia muito.

Mas quando a porta se abriu naquela noite, a garota não trouxe sua refeição. Seu rosto lindo e delicado e cabelo cor de mel foram substituídos por um homem frio com cabelos grisalhos e uma barriga corpulenta que deslizou a bandeja de comida de Monster em sua direção com um grunhido, como se ele estivesse alimentando o cachorro do dono em vez de seu filho.



Cinco



Lily permitiu que a água quente dissipasse a dor de seus músculos.

Ela sempre achou que os banhos eram catárticos. Sempre que se sentisse mal, ou infeliz, ou apenas não fosse ela mesma, ela mergulharia na banheira. Foi como receber um abraço caloroso, a água quente segurando ela por todos os lados. Havia um motivo pelo qual a água desempenhava um papel tão importante na religião, ela tinha a capacidade de purificar os pecados e deixar a pessoa se sentindo inteira novamente.

As bolhas começaram a estourar lentamente, deixando ela exposta e nua sob a água agora suja. Não querendo que o homem voltasse e a encontrasse no banho, ela se levantou da água e pegou uma toalha, se cobrindo. Sua cabeça girou com o calor e a mudança de posição, já tonta com a dor e o trauma que ela passou e a falta de comida.

Ela olhou para a pilha de roupas sujas que havia abandonado nos ladrilhos e franziu o nariz. Ela achou que preferia ficar na toalha do que colocar as roupas manchadas de urina de volta. Então ela se lembrou do que o homem havia dito a ela sobre se trocar. Isso significava que havia roupas limpas no quarto para ela?

Cautelosamente, ela se dirigiu para o quarto. Embora ela não tivesse ouvido o homem voltar, seus olhos percorreram o quarto, se certificando de que ainda estava sozinha. Quando ela verificou que sim, ela correu até o grande guarda-roupa do outro lado e abriu a porta.

Roupas enchiam a grade, não o tipo de roupa sacana que ela esperava que um homem como aquele fornecesse para uma mulher que ele devia ter comprado, mas calças elegantes em cores suaves, preto, creme e cinza. Ela examinou elas, verificando as etiquetas. Todas eram do tamanho dela.

Pegando uma, ela a agarrou ao corpo enquanto ia até a cômoda e começava a abrir as gavetas. A gaveta de cima continha roupas íntimas, sutiãs e calcinhas, todos conjuntos em várias cores. Mais uma vez, eles eram todos do tamanho dela. A próxima gaveta continha camisetas, a de baixo, suéteres macios.

Ainda quente do banho, ela colocou um sutiã de renda branca e calcinha combinando, seguido pela calça cinza e uma camiseta branca. Ela sentiu que poderia estar indo para o escritório se seus pés ainda não estivessem descalços. Ela procurou por qualquer sapato, mas não encontrou nenhum.

Claro que ele não vai te dar sapatos, ela se repreendeu. Não é como se ele fosse levar você para jantar.

Além disso, ela percebeu, ela poderia usar sapatos como uma arma, algo para chutá-lo. E se ela escapasse, correr seria mais fácil se ela estivesse calçada.

Um barulho veio da porta, e ela congelou, seus olhos se arregalando naquela direção. Começou a abrir e ela deu alguns passos cambaleantes para trás, querendo colocar a maior distância possível entre ela e quem poderia estar entrando.

O homem mais velho entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Ele se virou e usou uma chave para trancá-la mais uma vez. Lily percebeu que a chave não era a única coisa que ele segurava nas mãos. Algemas pendiam de uma corrente de prata e algo que parecia uma gravata foi enrolado em uma bola em sua outra mão. Ele ergueu a mão e o material se desfez.

Uma venda.

Era feito de algum tipo de material sedoso, preto de um lado e roxo do outro. Uma venda, profissional. Nem um pedaço de pano que tenha sido remendado no último minuto. Isso havia sido comprado com antecedência.

Lily ergueu as mãos. —Por favor não. Você não precisa colocar isso em mim.

—Peço desculpas, mas temo que sejam necessários.

Ela balançou a cabeça e recuou. —Não, não, não. — A parte de trás de suas pernas bateu na lateral da cama. Ela não tinha para onde ir. —Por favor, — ela tentou novamente. —Eu não posso ir a lugar nenhum. A porta está trancada. Vou me comportar, eu prometo!

A ideia de ser vendada e colocada de volta nas restrições a encheu de terror. O que isso significa? Ela seria movida novamente, ou a pessoa que a comprou era tão perversa que ele só a estupraria se ela estivesse completamente indefesa e incapaz de ver ele?

Ela não conseguia mais segurar as lágrimas. —Eu só quero ir para casa.

Ele se aproximou e ela estendeu as mãos para afastar ele. —Isso simplesmente não é possível.

Apenas um ou dois passos os separavam. Ele estendeu a mão para ela, mas em vez de permitir que ele a agarrasse, ela se jogou para o lado da cama king size, colocando a peça de mobília entre eles. Ela olhou ao redor em busca de algo para usar como arma, mas as superfícies estavam limpas de qualquer coisa que ela pudesse acertar ou arremessar nele. As únicas coisas que não estavam presas foram os vários livros de capa dura que revestiam as prateleiras embutidas.

Embora odiasse a ideia de danificar livros, ela não estava em posição de ser compassiva. Ela correu para as estantes e arrancou o primeiro livro em que pôs as mãos. Com um grito de raiva e medo, ela jogou no homem. As páginas esvoaçaram quando ele abriu. O livro o atingiu no ombro e ricocheteou inofensivamente, caindo no chão.

Sua testa se enrugou em uma carranca. —Por favor, não faça isso de novo. Senhor não vai gostar de você danificar seus livros.

—Foda-se! — Lily pegou outro livro e o jogou. Desta vez, acertou-o no peito, mas ele mal se encolheu. Ela poderia muito bem ter jogado um travesseiro nele.

—Não torne isso difícil, — ele avisou. —Você não tem razão para isso. Eu não quero te machucar.

Ela quase teve vontade de rir. —Não há razão para isso? Só que fui sequestrada e mantida contra minha vontade. Não, você está certo. Nenhuma razão.

Ele contornou a cama para ficar em cima dela. Lily afundou no chão, os braços aninhados no peito, os joelhos para dentro, como se ficar o menor possível fosse de alguma forma salvar ela. A luta havia saído dela. Ela só queria desaparecer.

O homem se abaixou e puxou seus braços, forçando ela a se levantar. Ele a girou e puxou seus braços em volta das costas. O metal frio travou em torno de seus pulsos e as algemas se encaixaram no lugar, beliscando sua pele. Lágrimas escorreram por seu rosto. Ela se sentiu totalmente desamparada. A venda estava enrolada em torno de seus olhos, impedindo sua visão do quarto. O material era fresco e macio contra sua pele, a parte principal da venda moldada para caber perfeitamente em torno de seu nariz e em seus olhos, bloqueando completamente sua visão da luz.

Suas lágrimas encharcaram o pano, colando a venda em sua pele.

Ele a guiou com uma gentileza quase surpreendente para se sentar na beira da cama.

—Por favor, espere aqui, — ele disse a ela, como se ela tivesse alguma escolha. —O Senhor virá para vê-la em breve.

Sua frequência cardíaca acelerou. Quem era esse 'senhor' de quem ele sempre falava? Nenhuma parte dela poderia se convencer de que ele seria um homem decente. Afinal, que tipo de pessoa comprava

mulheres, algemava e vendava seus olhos e fazia sua equipe chamá-lo de nada além de ‘senhor?’

Ela ouviu o clique da fechadura se abrindo e, em seguida, passos silenciosos e a porta se fechando novamente. Desta vez, ela não ouviu o clique da fechadura no lugar.

Ele não precisa trancar de novo, ela disse a si mesma. Você está algemada e com os olhos vendados. Onde diabos você iria?

Ela esperou. Não havia mais nada que ela pudesse fazer. Seu corpo inteiro estava tenso e tremendo de antecipação, seus ouvidos atentos a qualquer som de alguém se aproximando. Sua boca estava dolorosamente seca, seus lábios e língua grudados nos dentes. Ela se sentia exposta e vulnerável, e embora quisesse ficar com raiva e sarcástica com quem a havia levado, fazê-lo perceber que não havia levado uma garotinha fraca e inútil, seu medo subjugou todo o resto.

O som de passos veio do corredor, e Lily congelou.

Os passos eram diferentes dos do homem mais velho. Onde os seus eram mais leves e apressados, essa nova pessoa caminhava com um andar mais pesado, mais lento e com propósito.

Ela sentiu o leve sopro de ar quando a porta se abriu, ouviu o clique quando a trava cedeu. Seu estômago revirou, seu corpo inteiro vibrando com o conhecimento de que o homem que a possuía agora estava no quarto. Ela podia sentir sua presença, uma força de comando que atraiu seu foco, embora ela fosse incapaz de ver ele.

Ela podia ouvir sua respiração? Percebeu a leve sugestão de algum tipo de loção pós-barba ou sabonete no ar? Que tipo de homem estava sobre ela? Não saber era a pior parte.

Ela esperou que ele falasse, querendo ouvir sua voz para tentar obter uma imagem dele em sua mente.

Seus passos passaram na frente dela e para o lado. Ele fez uma pausa e voltou pelo caminho de onde acabara de chegar. Ela podia sentir ele avaliando-a, olhando ela de cada lado.

Mesmo que ela estivesse esperando por isso, sua voz a fez pular. —Você é mais bonita do que eu esperava.

Sua voz era profunda, rouca e com um sotaque ligeiramente estrangeiro. Ele parecia jovem, mas ela não tinha certeza.

—Você é tão nojento quanto eu esperava, — ela retrucou.

Para sua surpresa, ele riu. —Eu posso entender isso.

Ela balançou as algemas em volta dos pulsos. —Você precisa me deixar ir. As pessoas estarão procurando por mim e, quando me encontrarem, você irá para a prisão pelo resto da vida.

Ele parou bem na frente dela. —Acho que nós dois sabemos que ninguém está procurando por você, Lily Drayton. Essa foi uma das razões pelas quais você foi escolhida.

O som de seu nome em seus lábios foi como um choque elétrico sacudindo seu sistema. Mais uma vez, a percepção de que ela não tinha sido pega por acidente, que não era o caso de ela estar no lugar errado na hora errada, a atingiu. De alguma forma, isso piorou tudo. Se seu sequestro foi planejado tão meticulosamente, havia menos chance de eles cometerem um erro estúpido e ela encontrar uma maneira de escapar.

—Quem é você? — Ela perguntou.

—Monster.

Sua respiração ficou presa, certa de que ela o tinha ouvido mal. —Mestre? — Mentalmente, ela procurou a coisa mais próxima que se relacionasse com o nome que ela já ouviu chamarem ele, senhor.

—Não. Você me ouviu, — respondeu ele. —Meu nome é Monster.

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça. —Eu não posso te chamar assim! — De alguma forma, dar voz ao que ele era, ao que ele queria que ela o chamasse, só serviu para tornar a coisa toda mais assustadora.

Um ataque repentino em seu rosto enviou sua cabeça para trás em seu pescoço, e sua bochecha queimou com calor e dor. Ele deu um tapa nela!

—Você vai me chamar do que eu mandar, — ele rosnou. —Você é minha agora.

—Mas, mas...

Ela o sentiu se aproximar, e seu cheiro flutuou sobre ela, sândalo e almíscar. O que quer que ele disse, ele não cheirava a um monstro. Era o tipo de fragrância que faria sua cabeça girar se estivessem em um bar, procurando por seu dono.

—Você vai me chamar de Monster. É o que sou. O que eu sou e o que estou me tornando mais e mais a cada dia que passa.

Incapaz de falar, ela assentiu.

—O que você quer de mim? — Ela sussurrou.

—Você descobrirá com o tempo.

Sua voz profunda causou arrepios nela.

E com isso, ele recuou e saiu do quarto, deixando ela apenas com suas lágrimas.



Seis



Em dez minutos, o homem mais velho voltou e tirou as algemas e a venda sem dizer uma palavra.

—Por favor, — ela implorou, esperando que ele pudesse ter um lado mais suave enterrado em algum lugar. —Você tem que me ajudar. Você tem que me tirar daqui.

Ele deu a ela um olhar desdenhoso. —Não pense por um momento que eu sou o cara bom nesta situação.

Ela apertou os lábios. —Eu não acho que nenhum de vocês seja bom.

Sua cabeça se inclinou para um lado, como se a estivesse avaliando. —Estou feliz por concordarmos nisso.

Ele se virou e saiu do quarto, trancando a porta atrás de si. O livro que ela havia jogado ainda estava abandonado de lado, e ela o pegou e jogou na porta. Ele bateu contra a madeira e caiu no chão.

Lily deu um soluço de medo e frustração.

Sua bochecha ainda doía de onde o outro homem a havia atingido. Aliviada por suas mãos não estarem mais algemadas, ela levou a mão ao rosto e a segurou contra a marca aquecida. Ele não precisava bater nela. Ele fizera isso para deixar claro, para fazer ela entender que as regras entre adultos respeitáveis não se aplicavam mais aqui. Pelo menos ela não estava mais algemada e vendada.

Sem mais nada para fazer, ela afundou da beira da cama no chão e se aproximou para pegar o livro. Ela checou a lombada: *Um Retrato do Artista Quando Jovem*, do autor irlandês James Joyce. Certamente era mais refinado do que os livros que ela normalmente pegava, preferindo thrillers psicológicos, mas ela sempre disse que tinha lido a lista telefônica se isso fosse tudo que ela tivesse disponível. Por que eles a deixaram com material de leitura, ela se perguntou? Por que o homem mais velho foi tão protetor com o livro?

O nome que seu captor lhe disse para chamar ele ecoou em sua cabeça. *Monster*. Isso era para ser uma piada? Certamente não parecia uma piada. O tom de sua voz, a maneira como ele disse aquelas palavras sobre si mesmo, era como se ele tivesse acreditado completamente. Ela tinha ouvido perigo em seu tom. Em um momento ele poderia ser o arrojado libertino em um restaurante europeu, no próximo ele seria a voz aterrorizante no final da linha telefônica dizendo que estivera observando você e que sua vida estava em perigo.

Por que ela foi escolhida? O que a tornava tão especial que ele teve todo esse trabalho para sequestrar ela de seu local de trabalho e fazer ela viajar por horas e centenas de quilômetros? Ele sabia o nome dela. Ele sabia exatamente quem ela era.

E ela não sabia nada sobre ele.

Exceto seu nome. Um arrepio, como se alguém tivesse caminhado sobre seu túmulo, a destruiu. Era um detalhe que ela gostaria de não saber.

Ele deve ter lhe dado um nome falso, então ela nunca saberia quem ele era. Talvez ela devesse ter esperança nisso. Da mesma forma que Mãos de Cigarro riu dela porque ela viu seu rosto, tinha sido tão arrogante sobre o fato de que ela nunca iria encontrar ajuda, este homem tinha lhe dado um nome falso e a manteve vendada. Talvez, ela ousou esperar, seus planos também incluíssem deixar ela ir assim que ele conseguisse o que queria.

Fosse o que fosse.

Um barulho de passos rápidos e leves veio de fora. Antes que ela tivesse tempo de reagir, a porta se abriu e uma bandeja foi empurrada pela abertura. A porta se fechou novamente, a fechadura se encaixando e os passos desapareceram.

Lily franziu a testa. Eles teriam crianças aqui? O andar leve e a velocidade a fizeram pensar que tinha sido uma criança quem entregou a bandeja, certamente não foi um dos dois homens.

Mas sua fome e sede não permitiam que ela pensasse mais nisso. Sua atenção se voltou para a bandeja. Um pedaço de pão e um copo plástico com água. Era tão claro quanto ela poderia imaginar, mas sua fome o transformou em uma refeição de três pratos.

Lily mergulhou na comida, não parando o tempo suficiente para examinar antes de arrancar os pedaços e enfiar a comida na boca. Ela não comia há dias, e o pão tinha gosto de pedaços fofos do céu.

Ela terminou o pão rápido demais e engoliu a refeição com água. Seu estômago embrulhou, rolando como espuma em uma máquina de lavar, e ela levou a mão à boca, certa de que vomitaria. Ela não queria perder a comida ou a água. Se ela queria sair dessa situação, ela precisava se manter forte, tanto física quanto mentalmente.

A náusea passou, a refeição se acomodou em seu estômago e ela conseguiu relaxar, pelo menos nesse aspecto.

Lily se levantou e foi até a porta. Ela pressionou a orelha contra a madeira para tentar ter uma noção se alguém estava ou não lá fora. Ela não ouviu nenhum outro som, mas alguém poderia estar sentado em silêncio. Cautelosamente, ela estendeu a mão e experimentou a maçaneta. A maçaneta torceu um pouco e então parou. Mesmo que ela tivesse certeza de que a porta estava trancada, ela puxou a maçaneta algumas vezes e então empurrou o ombro contra a madeira, com força suficiente para doer.

Ela ergueu as mãos e bateu na porta. —Ei! Quem está aí? Alguém

me ajude.

Havia outras pessoas na casa, outras pessoas que trabalhavam para o homem que se autodenominava Monster. Certamente nem todos eles poderiam ser tão cruéis quanto ele, dispostos a manter uma mulher em cativeiro? Alguém lá fora deve estar disposto a ajudá-la, ela só precisava encontrar uma maneira de alcançar eles.

Ela bateu na porta e gritou até que sua garganta doeu e suas palmas doeram. A pequena quantidade de energia que ela ganhou do pão rapidamente diminuiu e ela colocou a testa contra a porta, sua respiração ofegante dentro e fora de seus pulmões.

—Por favor, — disse ela em voz baixa. —Por favor, alguém me ajude.

Uma lágrima escorregou por sua bochecha, e com ela sua determinação e resolução se esvaiu de seu corpo. Ela deslizou pela porta para se sentar no chão e encostou a cabeça na madeira enquanto chorava.



Ninguém veio até ela.

O tempo foi passando, e ela alternou entre dormir, enrolada no chão, com fúria e batidas na porta. Ela logo percebeu que nenhuma batida na madeira e gritos faria qualquer diferença. Tudo o que fez foi deixar sua garganta inflamada, sua voz rouca e suas mãos machucadas.

A refeição escassa que ela consumiu rapidamente se tornou uma memória distante, e as pontadas de fome deram um nó em seu

estômago mais uma vez. Embora sua boca e garganta estivessem secas, ela não sabia se a água da torneira era segura para beber e fez o possível para ignorar a sede.

Nenhum relógio pendurado na parede e, como não havia janelas no quarto, ela não tinha como controlar a hora. Ela adivinhou que ela esteve aqui por um dia inteiro e noite, mas ela poderia ter estado fora por várias horas.

Finalmente, o movimento veio na porta.

Lily se levantou quando a porta se abriu e o homem mais velho entrou novamente. Seus olhos se fixaram em Lily e ele ergueu as algemas e a venda mais uma vez.

—Senhor, gostaria de se encontrar com você novamente.

Ela cruzou os braços sobre o peito. —Vou supor que não tenho muito a dizer sobre o assunto.

A mais leve sugestão de um sorriso apareceu no canto de sua boca. —Receio que não.

Lily suspirou. Não havia sentido em lutar. A única maneira de ela sair deste quarto seria descobrindo o que este *Senhor* queria com ela, e a única maneira de descobrir seria falando com ele novamente.

—Tudo bem, — ela murmurou, girando e colocando as mãos atrás das costas.

—Boa menina, — disse o homem ao se aproximar, e ela quase se virou para dar um tapa no rosto dele. Ela não era uma menina, não era há muitos anos. Ela era uma mulher adulta que não precisava de um idiota paternalista falando baixo com ela como se ela fosse uma criança.

Apesar da indignação tropeçando em sua cabeça, ela conseguiu morder a língua. Ela precisava ser inteligente, e abrir a boca não iria levá-la a lugar nenhum.



Sete



Lily se sentou, com os olhos vendados e algemada mais uma vez. A cadeira era de madeira dura atrás de suas costas, e sua postura combinava com a cadeira. O homem mais velho a deixou assim que a acomodou para seu chefe, e ela ficou sentada esperando com o corpo todo tenso, a respiração superficial.

No momento em que ele entrou no quarto, ela soube que não estava mais sozinha. Embora ela nunca tivesse visto este homem, algo sobre sua presença exigia sua atenção. Ele preencheu o espaço, assumindo todos os sentidos. Os pelos de seu corpo se arrepiaram, seu coração disparou no peito. O cheiro de sua colônia deslizou como fumaça pelo ar que os dividiu, enchendo suas narinas e deixando o gosto em sua língua. Ela se preparou, esperando o que viria a seguir.

Sua voz rompeu sua escuridão imposta, e ela saltou com o som. — Peço desculpas pela simplicidade de sua primeira refeição. Eu sabia que você não comia há vários dias e pensei que uma refeição mais rica não faria bem ao seu estômago.

A julgar pela direção de onde veio sua voz, ele estava parado bem na frente dela, talvez a apenas alguns passos de distância.

Suas sobrancelhas se ergueram em descrença. Quem diabos era esse cara? Ele a sequestrou, segurou ela contra sua vontade, a vendeu e algemou, e bateu nela, mas ele ainda se importava com seu sistema digestivo?

—Foi bom, — disse ela, se sentindo estranha ao falar com alguém

quando ela não podia ver ele. —O que você quer comigo?

Ela ouviu passos, sentiu sua ligeira mudança de posição, mais à sua direita. —Você entende que eu a possuo agora, não é? Eu paguei muito dinheiro para ter você aqui.

A raiva se alastrou por ela. —Você não pode me possuir! — Ela cuspiu. —Eu não sou um pedaço de propriedade.

—Você é agora.

—É ilegal possuir alguém.

—Talvez em seu mundo, mas não estamos mais na América.

Seu estômago se apertou de medo, e ela sentiu calor e frio. Seus temores foram confirmados. Embora ela tivesse quase certeza de que ela foi movida para outro país devido ao voo, ela estava se agarrando a uma lasca de esperança de que ela ainda estava em casa. Este homem poderia fazer o que quisesse com ela. Ela não tinha como escapar e ninguém viria procurá-la.

—Onde estou? — Ela exigiu.

—Você não precisa saber disso.

—Sim eu preciso!

—Você precisa esquecer que você sempre foi americana, — ele disse a ela. —Você precisa esquecer que você era Lily Drayton. Você não será mais conhecida por esse nome. — Ele fez uma pausa e disse. —Você é minha agora, então vou dar um nome para você. Isso faz parte das regras de posse. Acho que vou chamá-la de... Flor.

Ela deu uma risada de escárnio. —Me chame do que quiser, mas não vou responder.

Sua voz ficou severa. —Você vai me responder quando eu me dirigir a você por qualquer coisa que eu quiser.

Deliberadamente, ela apertou os lábios e desviou o rosto.

Ele atravessou o quarto em três longas passadas. Seus dedos saíram da escuridão e a pegaram pelo queixo, puxando seu rosto para ele. —Não me desobedeça, Flor. Não pense por um momento que eu não vou te machucar se você me obrigar.

Ela tentou se afastar, mas estava algemada e não tinha mais para onde ir. Ela considerou chutar ele com os pés descalços, mas sabia que não iria conseguir nada, e ela só seria atingida novamente se o irritasse ainda mais.

—O que você quer comigo? — Ela perguntou novamente, se forçando a ser forte.

Ele soltou seu rosto, embora ela ainda pudesse sentir a marca de seus dedos contra sua pele. —Eu quero suas habilidades.

Essa não era a resposta que ela esperava. Ela acreditava que tinha sido trazida aqui, onde quer que fosse, para agir como algum tipo de escrava sexual para um psicopata rico. Não que ela se imaginasse a escolha típica para tal. Aos vinte e oito anos, ela não era exatamente jovem, e seu amor por macarrão e vinho significava que suas curvas antes voluptuosas agora estavam se transformando em gordura. Ela não podia imaginar que uma morena, ligeiramente atarracada, quase trinta anos era a ideia de uma escrava sexual.

Parecia que ela estava certa.

—Minhas habilidades? Minhas habilidades para fazer o quê?

—Você não precisa saber disso ainda.

Ela suspirou e tentou uma direção diferente. —Por que você me escolheu?

—Você está sozinha. Você não fará falta, a não ser por seus colegas de trabalho, mas eles farão menos esforço para encontrá-la do que sua família faria. Você não teve relacionamentos significativos durante toda a sua vida adulta. — Ela sentiu a mudança de ar quando ele se aproximou. —Por que isso, Flor? Por que você nunca encontrou alguém?

Ele realmente esperava que ela contasse sua história de vida para ele? Não havia chance de ela dar a ele mais munição para torturar ela.

—Tem algo a ver com isso?

Seu coração parou quando o peso de sua mão pressionou contra seu seio. Ela tentou se desvencilhar, mas suas amarras estavam muito firmes. —Sai de cima de mim, seu filho da puta.

Seu polegar roçou seu mamilo, e ele se esticou e se contraiu, apesar de tudo. Ele deu uma risada fria, mas a mão se retirou.

Ela o sentiu se endireitar e ouviu o movimento de um maço de papéis. —De acordo com o arquivo do seu psiquiatra, você tem medo do toque.

Todos os músculos de seu corpo se contraíram de raiva. —Como diabos você conseguiu esse arquivo?

—Quando você tem acesso ao tipo de dinheiro que eu ganho, pode conseguir praticamente o que quiser. — Ele fez uma pausa e disse. — Mas me conte mais sobre você. Seus arquivos discutem o medo que você tem do toque e da intimidade, mas não dá o motivo. Seu terapeuta especula que você sofreu algum tipo de trauma, mas diz que você se recusa a falar sobre isso.

Ela zombou. —Você não pode realmente pensar que eu te contaria algo sobre mim.

A mão voltou, colocada em sua coxa agora, dedos longos e fortes deslizando apenas alguns centímetros de sua parte mais privada. Sua respiração ficou presa, seu corpo todo rígido. Ninguém a tocou ali por muitos anos, e ela não tinha intenção de permitir que ninguém o fizesse novamente.

—Oh, — disse ele, com a voz um grunhido, —acho que tenho maneiras de fazer você falar.

Ela recuou, cada órgão interno se transformando em gelo. —Tire suas malditas mãos de mim.

Para seu alívio, ele se retirou e ela conseguiu respirar novamente.



Ele saiu do quarto sem dizer mais nada.

Momentos depois, o homem mais velho voltou e a libertou de suas amarras e removeu a venda. Ela estremeceu toda e desabou em uma pilha, chocada demais até para chorar. O homem não lhe deu palavras de conforto, mas quando se virou para sair, algo ocorreu a ela. Ela tinha pensado que o homem chamado Monster não tinha permitido que ela o visse porque ele considerou possivelmente libertá-la um dia, então ele não queria que ela desse uma descrição dele para a polícia. Mas a teoria não funcionava se Monster planejava proteger seu funcionário de alguma forma. Ela já tinha visto o homem mais velho várias vezes e poderia facilmente dar uma descrição precisa.

—Por que estou autorizada a ver você, e não ele? — Ela deixou escapar.

O homem de cabelos brancos olhou por cima do ombro para observar ela com seu olhar azul frio. —Ninguém o vê.

—Ninguém?

—Ninguém, — ele confirmou.

—Mas você deve vê-lo.

—Eu sou diferente, — disse ele. —Ele confia em mim.

E com isso, ele saiu do quarto, trancando a porta atrás de si mais uma vez.

Lily se jogou na porta. —Não! Volte! Me deixa sair daqui!

Que tipo de aberração a sequestrou? Um homem que nunca deixou que as pessoas o vissem?

Eventualmente, ela desistiu. Não se importando mais com a qualidade da água, ela tropeçou até o banheiro para colocar a boca embaixo da torneira e engolir um gole após um gole de água fria. A água acalmou sua garganta, mas agitou em seu estômago, deixando ela nauseada. Ela tinha comido o pão horas atrás agora, e não tinha ideia de quando faria sua próxima refeição.

O pensamento do homem, Monster, tocando ela aumentou sua doença. A memória de sua mão pressionando contra o interior de sua coxa, seus dedos roçando seu mamilo. Ninguém a tocou assim, não mais. Mas a pior parte foi como seu corpo reagiu a ele, seu mamilo se endureceu, uma pulsação de excitação por sua parte mais privada. Era como se seu corpo ainda desejasse o que sua mente e coração haviam trabalhado tanto para manter à distância.

Seu estômago se revirou novamente e a saliva inundou sua boca. Perdendo a batalha para segurar a água, ela caiu de joelhos e agarrou a borda da tigela de porcelana branca. Ela vomitou, e água com gosto ácido jorrou de sua boca, espirrando contra a tigela. Ela levantou e vomitou de novo, se livrando do resto do conteúdo de seu estômago. Pequenos pedaços de pão parcialmente digerido flutuaram na tigela. Seus olhos e nariz lacrimejaram.

Ofegante, ela se recostou na pia e usou um pedaço de papel higiênico para limpar a boca e o nariz. Ela estremeceu incontrolavelmente.

Ainda mais fraca agora, ela rastejou para fora do banheiro e para a cama. A exaustão pesava, mas ela não queria dormir na cama. A ideia de ficar deitada no colchão, adormecida e vulnerável, a fez sentir como se estivesse dando aos bastardos que a mantinham cativa a ideia errada, como se de alguma forma os estivesse convidando a entrar. Ela sabia que suas preocupações eram ridículas, se eles a quisessem, eles simplesmente viriam e a levariam. O lugar onde ela dormia não faria diferença para eles, mas ela não conseguia se livrar da sensação.

Ainda determinada a não dormir sobre ela, ela puxou o edredom da cama para o chão e, em seguida, estendeu a mão para o travesseiro. Criando um pequeno ninho ao seu redor, ela se enrolou em uma bola e caiu em um sono profundo e cheio de pesadelos do qual não conseguiu escapar.



Monster

(Doze anos antes)



Os passos pesados de seu pai mais uma vez vieram pelo corredor.

Ele estava mais velho agora, maduro, com pelos ásperos no queixo e no peito. Ele cresceu alto, e seu encarceramento no quarto com o equipamento de ginástica que seu pai forneceu lhe deu tempo para se tornar forte e musculoso.

A hora da aula havia chegado, mas, quando a porta do quarto se abriu, ele viu que seu pai não estava sozinho. Logo atrás estava uma jovem. Seu cabelo escuro estava liso e arrumado, caindo sobre os ombros. Ela usava um vestido vermelho em um material tão sedoso quanto seu cabelo, que se agarrava às suas curvas. Seus seios pareciam estar muito altos em seu peito, os globos muito redondos e juntos, embora ele tivesse certeza de que isso tinha sido feito de propósito para chamar a atenção. Seus saltos eram tão altos que ele ficou surpreso que ela pudesse andar. Seus olhos escuros estavam cheios de rímel, seus lábios brilhando com gloss.

Embora, pela maneira como ela estava vestida, ele tivesse pensado que ela era alguém que conhecia seu lugar no mundo, sua confiança não brilhava. Em vez disso, ela se escondeu atrás de seu pai, brincando com o material pegajoso de seu vestido. Ela mordeu o lábio inferior, seus pequenos dentes brancos pressionando o gloss rosa.

—Sua lição hoje será diferente, — disse seu pai. —Alguém mais estará ensinando você.

Os olhos de Monster se arregalaram, se perguntando o que a jovem poderia possivelmente lhe ensinar. —Mas...— Ele não sabia o que dizer.

—Teresa está acostumada a trabalhar com pessoas... como você, — finalizou. —Ela sabe o que fazer.

E com isso, seu pai deu um passo para trás, permitindo que a jovem passasse por ele e entrasse no quarto. Seu pai se moveu para o corredor e fechou a porta atrás de si, colocando Monster e a jovem no quarto juntos.

Seu coração disparou, tropeçando em si mesmo.

A mulher sorriu lindamente. —Oi, — ela disse, se aproximando. O olhar dela subiu para o rosto dele, apenas para baixar novamente com a mesma rapidez. —Meu nome é Teresa, mas você pode me chamar de Tess ou Tessie, se quiser. — Ela deu outro sorriso tímido. —Inferno, você pode me chamar do que quiser.

O calor floresceu em seu peito e rapidamente subiu por seu pescoço para se espalhar por seu rosto. O que ela pensou que estava fazendo?

Suas mãos foram para o laço em seu vestido. Ela olhou para o nó enquanto seus dedos brincavam com ele, embora fosse apenas um laço, e um simples puxão em uma das pontas iria desfazê-lo. Ele não pôde deixar de sentir que a concentração no nó era uma distração conveniente do homem parado na frente dela.

O nó se soltou e o vestido se abriu.

Ele engasgou e deu um passo para trás. Ela usava calcinha preta, calcinha rendada e meias. Com um movimento, ela largou o vestido no chão, ficando apenas de salto e calcinha.

Quando Monster deu um passo para trás, ela deu um passo à frente. Ela alcançou sua camisa, seu olhar focado nos botões. —Então, querido, seu pai não me disse seu nome.

Ela ainda não estava olhando para ele.

—O meu nome?

—Sim, você sabe, o nome pelo qual todo mundo te chama.

Ninguém me chama de nada, ele pensou, mas não disse. Em vez disso, ele disse a única coisa que já havia sido chamado.

—Monst.. — ele começou, mas se interrompeu. —Eu quero dizer Mont, — ele acrescentou apressadamente.

—Seu nome é Mont?

Ele acenou com a cabeça, seu corpo todo tenso.

—Certo, com certeza, querido.

Ela tinha acabado de desabotoar sua camisa, e sua mão quente deslizou por baixo do material e contra sua pele. O lugar onde sua pele se tocava enviou choques de eletricidade através dele, acendendo seus sentidos de uma forma que ele nunca tinha experimentado antes. Os impulsos dispararam para baixo, se espalhando pela barriga e virilha. Ele começou a reagir da mesma forma que fazia quando lia as cenas eróticas de seus romances, ou pensava na garota de longos cabelos loiros.

Seu estômago se revirou de culpa.

As mãos da mulher se moveram para baixo e cobriram o topo de sua calça. Ela apertou o comprimento de endurecimento que encontrou lá, e Monster teve que parar um barulho estranho saindo de seus lábios.

Um sorriso apareceu em seus lábios, embora seus olhos ainda não tivessem se levantado para o rosto dele. —Você gosta disso, hein, Mont? E se eu te apertar assim?

Seu aperto aumentou e soltou, e apertou e soltou.

Desta vez, ele não conseguiu impedir o gemido de escapar de sua garganta.

—Você pode me tocar também, — ela disse, sua voz suave como um sussurro. Ela estendeu a mão, pegou a mão direita dele e a ergueu até o doce seio. —Eu gosto se você me tocar. Me faz sentir bem.

—Eu quero te beijar. — Seu tom estava rouco de desejo. Tudo o que ele conseguia pensar era no tipo de beijos que ele tinha imaginado com o anjo loiro, e como ele poderia replicar essas imaginações com a mulher agora se oferecendo a ele.

Mas Tess fez uma pausa. —Oh, me desculpe, querido. Seu pai não me pagou o suficiente para beijar. Não é algo que normalmente faço com um cliente.

Ele enrijeceu. —O que você quer dizer?

Ela encolheu os ombros levemente. —Nada, Mont. Aqui, me deixe fazer você se sentir bem também. Seu pai queria que você aprendesse a estar com uma mulher. Você também quer isso, não é?

Ele ouviu o barulho de um zíper, e então a mão esguia dela deslizou para dentro de sua braguilha e na abertura de sua calça. Seus dedos se encontraram com a dureza de sua ereção, seu toque como fogo, fazendo-o gemer. Ele ficou ainda mais duro quando ela o liberou, a pele quente de seu eixo encontrando o ar frio do quarto. Suas bolas apertaram, ficando pesadas. Ela deu em seu comprimento um par de golpes experientes e sua respiração se tornou difícil.

—Vamos querido, — ela encorajou enquanto o acariciava. —Eu sei que você está gostando disso. — Ela se inclinou mais perto e seus lábios encontraram sua garganta. —Você só precisa relaxar. — Ela empurrou os seios contra o peito dele, se esfregando contra ele, enquanto sua mão se movia em um movimento de bombeamento entre eles. —Aperte meu peito, — ela respirou. —Belisque meus mamilos. Eu gosto disso.

Ele fez o que ela pediu, beliscando a dura protuberância de seu mamilo entre o polegar e o indicador, mas descobriu que a ação não fez nada por ele. Ela manteve o rosto enterrado em seu pescoço,

dando pequenos gemidos do que ele assumiu ser de prazer, mas que parecia falso. Ele precisava que houvesse uma conexão, para que sua boca estivesse na dele, para que seus olhos estivessem travados com a paixão compartilhada.

—Olhe para mim, — ele rosnou.

Mas em vez de erguer sua linha de visão para o rosto dele, ela caiu de joelhos. Ele ofegou quando sua boca quente e úmida se fechou ao redor de seu pau. Sua língua girou em torno da ponta, os dentes roçando suavemente seu comprimento. Ela começou a gemer, mas o som só fez seus ombros ficarem tensos, a raiva espontânea crescendo dentro dele.

—Olhe para mim, — ele exigiu novamente.

Desta vez, seus olhos se ergueram, sua boca ainda circulando ao redor da circunferência de sua ereção. O olhar dela percorreu o rosto dele, demorando no lado que ele sabia que estava desfigurado. Horror e repulsa registrados em seus olhos escuros antes que ela rapidamente olhasse para baixo e continuasse a balançar para frente e para trás.

Sua ereção começou a murchar.

Cheio de raiva, culpa e decepção, ele se abaixou e a agarrou pelo braço. Sua boca se moveu para longe dele, e asperamente, ele a puxou para cima.

—Saia daqui, — ele disse, dando-lhe um empurrão em direção à porta.

Seus olhos se arregalaram de medo. —Mas... mas... eu não fiz o que seu pai pediu.

Monster enfiou o pau de volta nas calças. —Saia!

—Por favor, farei tudo o que você quiser. — Mas ela ainda não estava olhando para ele, seu olhar disparou ao redor do quarto, descansando em todas as superfícies, exceto a coisa que mais a horrorizava. Como ela pôde fazer isso, ele se perguntou? Como ela

podia tocar ele daquela maneira quando ele era tão repulsivo de se ver que ela não conseguia sequer olhar para ele? Ele não sentia compaixão por essa mulher, apenas o mesmo desgosto que ela certamente sentia por ele.

Ele caminhou até a porta e bateu na madeira com a palma da mão. O som ecoou pelo quarto, alto e vazio, fazendo ela se encolher. Sua mão doeu com o contato.

Passos do outro lado, ficando mais altos à medida que se aproximavam. E então a porta se abriu, a figura familiar de seu pai na abertura. O olhar penetrante do outro homem passou rapidamente entre eles, observando a cena diante dele, a mulher assustada puxando o vestido ao redor do corpo, a expressão zangada e envergonhada de seu único filho.

—Você fez o que era necessário? — Seu pai perguntou à mulher.

Uma prostituta, ele percebeu isso agora. Ele tinha lido sobre mulheres que eram pagas para fazer sexo com homens.

—Eu... eu...— ela gaguejou.

Monster falou. —Ela fez o que era necessário.

Os olhos de seu pai brilharam. —Você ousa mentir para mim?

Seu estômago embrulhou com a mentira, em enfrentar seu pai. — Não, pai. Ela colocou a boca em mim. Eu gostei.

—Mentiras! Eu sei o que é satisfação, e certamente não é isso. — O homem entrou no quarto. Com a palma da mão aberta, ele atingiu a prostituta no rosto, com força suficiente para derrubar ela no chão. Ela levou a mão ao rosto onde fora atingida, o vestido se abrindo mais uma vez.

—Eu sinto muito,— ela chorou. —Eu tentei, eu tentei.

Seu pai se virou para ele. —O que aconteceu?

—Nada. — O calor queimou suas bochechas. —Eu não fui capaz

de... fisicamente.

—Besteira. Não há nada de errado com você, pelo menos não com essa parte de você, de qualquer maneira. Me diga a verdade ou vou bater em vocês dois até sangrar.

Os lábios de Monster se apertaram, não querendo dizer a verdade a seu pai, sabendo o quão patético, quão fraco, parecia.

Seu pai caminhou até a mulher e se abaixou e a agarrou pelo pescoço. Mesmo sendo mais velho, seu pai ainda era um homem poderoso, tanto mental quanto fisicamente. Monster era grande e forte o suficiente para dominar ele, mas o domínio psicológico, junto com o amor e o respeito distorcido que ele nutria por seu pai, o impediu de fazer isso.

—Me diga a verdade ou eu mato você aqui, — seu pai sibilou para a prostituta.

Lágrimas escorreram por seu rosto. —Ele ficava me pedindo para olhar para ele.

—E você não conseguia nem fazer isso?

—Eu fiz, mas ele é... como ele é. Ele deve ter visto na minha cara e... perdeu a ereção.

Seu pai voltou sua atenção para ele. —Aja como um homem, caramba, — seu pai rosnou. —Homens de verdade não pedem nada a uma mulher. Um homem de verdade pega. Essa putinha só existe para o prazer dos homens. Você pega o que quiser e ela vai dar a você, porque essa é a ordem correta das coisas. Se você deixar uma mulher pensar que ela é de alguma forma melhor do que você, ela terá suas bolas esmagadas em um momento. É assim com as mulheres. Se certifique de que elas sabem o seu lugar. — Ele se voltou para a prostituta. —Rasteje de joelhos e chupe ele.

O coração do Monster saltou em seu peito. —Não, pai! — Essa era a última coisa que ele queria.

O homem se virou para ele, seus olhos duros como gelo. —Eu não estava falando com você.

Monster olhou ansiosamente entre a prostituta e seu pai. Nenhum deles queria discutir com o homem mais velho.

Ela engatinhou até ele, parando a seus pés. As lágrimas escorreram por seu rosto, seu rímel escorrendo em filetes negros por suas bochechas. O lado de seu rosto onde seu pai havia batido já tinha se transformado em um hematoma avermelhado. Seus lábios estavam inchados, seu lábio inferior dividido.

Algo em seu rosto desfigurado despertou uma reação dentro dele. Ela não era mais sua superior, a mulher bonita, perfeita e sexualmente confiante que havia entrado no quarto. Agora ela era igual a ele, quase tão feia quanto ele. Para seu horror, seu pau começou a se agitar nas calças.

Não, ele não queria isso!

—Pai, por favor, — ele tentou novamente.

—Cale a boca, Monster, — ele estalou, e Monster viu a mulher estremecer com o nome. —Ou eu vou matar vocês dois. — Ele foi até os dois, abaixou e agarrou a mulher pelo queixo. Ele forçou seu queixo para cima, então seus olhos foram levantados para o rosto de Monster. —Olhe para ele enquanto você faz isso, ou eu corto seus lindos seios fora.

E ela ergueu os olhos para os dele completamente desta vez, nem mesmo mudando o olhar quando sua mão deslizou de volta para dentro de sua calça para libertar sua ereção mais uma vez. Mesmo enquanto sua boca quente circundava seu pênis, ela ainda olhava para ele, os olhos injetados de sangue e listrados com rímel preto, o hematoma no mesmo lugar que sua própria desfiguração estava. E desta vez ela foi capaz de olhar para ele. Talvez desta vez ela tenha percebido que havia coisas mais assustadoras no mundo.

Para sua vergonha e horror, suas bolas ficaram pesadas, apertando

em seu corpo. Sua respiração ficou mais frenética, todo o seu corpo rígido. Suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo, não querendo tocar a mulher ferida olhando para ele com seu membro em sua boca. Sua excitação cresceu, cada vez mais alto, até que seus quadris se sacudiram com um movimento involuntário.

Ele se esqueceu por um breve momento que seu pai estava sobre ele, e a garota de joelhos à sua frente havia sido paga e espancada para estar lá.



Oito



Lily ficou em solidão pelo que pareceram dias. Mais pão foi trazido para ela, a abertura da porta por alguns segundos, o tempo suficiente para passar a bandeja, e então se fechou novamente. Ela implorou e suplicou para quem estava do outro lado, desesperada por algum tipo de contato com outras pessoas, mesmo que fosse do tipo negativo. Ela estava tão sozinha, enlouquecendo com seus próprios pensamentos, que teria ficado feliz em trocar uma conversa por alguns tapas, se tivesse sido oferecido.

Ela repassou sua conversa com Monster repetidamente em sua cabeça. O que ele quis dizer quando falou sobre as habilidades dela? A única coisa em que ela era boa era no trabalho, e ela lutou para descobrir como isso se encaixava naquela situação. Ele parecia saber muito sobre ela e mencionou que ela não teve nenhum relacionamento, então ele também deve saber que suas habilidades definitivamente não estavam no quarto. Sua mente ficou confusa com o porquê de ele ter gasto tanto tempo e dinheiro para prender ela. Ela não era nada especial. Se ela era apenas alguém que ele comprou para usar como um orifício para tirar quaisquer prazeres sombrios que ele sentia, por que se preocupar em aprender tanto sobre ela?

A única coisa que a manteve sã foram os livros deixados nas prateleiras. Eram livros mais antigos, clássicos, em vez dos romances que ela normalmente gostava de ler, mas ela estava feliz por ter algo para manter sua mente longe de sua situação.

Embora ela quisesse se perder nos livros, até a leitura a deixava

cheia de culpa. Ela sentiu que deveria estar fazendo algo produtivo para tentar resolver isso, mas não conseguiu. Ela vasculhou cada centímetro do quarto, mas não encontrou nada que pudesse usar como arma. Até mesmo os cabides no armário eram de metal, as alças soldadas na grade da mesma forma que eram em hotéis em que ela se hospedou. Ela tinha as bandejas nas quais suas lamentáveis refeições eram enviadas, mas eram de plástico frágil. Exceto por tentar acertar alguém com uma, o que não seria uma tarefa fácil considerando a quantidade de barulho que elas tinham quando voavam no ar, ela não achava que eles causariam muito dano.

A falta de contato humano era o pior. Embora ela sempre tenha se distanciado fisicamente e mantido as pessoas à distância de um braço, ela percebeu que em sua vida normal ela realmente passava muito tempo com outras pessoas. Sim, os fins de semana podem ter sido um pouco solitários, mas mesmo assim ela entrava em contato com as pessoas quando ia à loja local para comprar mantimentos ou simplesmente esbarrava com um vizinho. No trabalho, durante a semana, ela estava com pessoas o tempo todo, desde seus colegas até os pacientes que ela tratava. Nunca antes ela estivera tão desligada de qualquer outra pessoa e ansiava por companhia, alguém com quem conversar. Ela chegou a um ponto onde estava até mesmo disposta a permitir que seus captores colocassem a venda e as algemas de volta nela. Ela não se importou mais. Ela só queria respostas. Ninguém colocou a mão sobre ela desde a última vez com Monster, e agora perversamente, ela quase desejou que eles fizessem, então ela entenderia o que estava acontecendo com ela. Pelo menos então ela teria algum contato humano, ela nunca percebeu que dependia tanto da comunicação com outras pessoas.

Um movimento veio à porta, e ela ergueu os olhos do livro que estava lendo no momento, Tess dos D'Urbervilles e congelou. Seu coração disparou em seu peito, sua boca secando. Seria mais comida jogada nela? Ela só tinha recebido seu último pedaço menos de uma hora atrás, então ela suspeitou que fosse outra coisa. Quando a porta se abriu, sua paralisia cedeu e ela deixou cair o livro para contornar a

lateral da cama e se esconder atrás dela.

A risada fria do homem mais velho a seguiu. —Não adianta tentar se esconder. Não é como se você pudesse ir a qualquer lugar.

Lily arriscou espiar por cima do colchão. Ele ficou segurando as algemas e a venda. Ele a avistou e os guiou em sua direção.

—Senhor quer falar com você novamente. Você precisa colocar isso.

Ela arriscou falar. —Ele vai me explicar o que está acontecendo?

Ele deu um aceno lento. —Acredito que seja uma possibilidade, mas você precisará se comportar.

Ela não podia continuar com este confinamento solitário. Muito tempo em sua própria cabeça iria deixar ela louca. Ela precisava saber o que eles queriam com ela, mesmo se ela não fosse gostar da resposta.

Lentamente, ela se levantou e acenou com a cabeça. —Certo. — Ela estendeu os pulsos em direção a ele, mas ele balançou a cabeça.

—Vire.

Lily exalou um suspiro para manter os nervos sob controle e se virou de costas para ele. Ele cruzou o quarto e puxou as mãos dela para trás, clicando nos círculos frios de metal ao redor de seus pulsos, prendendo-os juntos. Ela engoliu em seco quando a venda foi enrolada em torno de seus olhos mais uma vez, bloqueando sua visão do quarto. Um tremor assumiu, começando com a tensão em seus ombros, e gradualmente descendo por seu corpo. O homem colocou as mãos na parte superior de seus braços e a guiou de volta para o outro lado do quarto. Ela ouviu um barulho quando a cadeira foi puxada para o centro do quarto novamente, e então ele empurrou seus ombros, forçando ela a se sentar.

O movimento veio à sua frente, o sopro do ar em seu rosto quando a porta foi aberta e fechada novamente.

O homem mais velho tinha ido embora?

Então ela ouviu passos, e instantaneamente a atmosfera no quarto mudou novamente. O homem que se autodenominava Monster estava aqui. Ela podia sentir ele no quarto, sentir seus olhos sobre ela, sentir o cheiro de sua colônia no ar. O tremor se tornou violento, cada centímetro de sua pele alerta para sua proximidade. Ele tentaria tocar ela novamente? Ela o morderia se ele tentasse, que se dane as consequências.

Ele falou, fazendo ela pular. —Peço desculpas pela suavidade de suas refeições nos últimos dias. Eu pensei que depois do que você passou, seu estômago não aguentaria muito mais.

—Meu estômago está bem, — ela retrucou. —Eu só quero saber o que você quer comigo.

—Primeiro, preciso que você entenda e aceite que ninguém está vindo atrás de você. Você não está mais na América e se tentar me machucar ou escapar, só vai sofrer. Ninguém aqui vai te ajudar. Você entende?

—O que você quer comigo? — Ela repetiu.

Seu tom ficou áspero. —Você entende?

Ela não respondeu. —Você vai me estuprar? É por isso que você me trouxe aqui?

Sua risada foi fria. —Não, Flor. Não foi por isso que a trouxe aqui, embora não negue que estou atraído por você. Há algo incrivelmente atraente em como você está indefesa agora, algemada e vendada. Você é uma mulher linda, Flor, e gosto que você seja realmente uma mulher, não uma menina.

—Vai se foder, seu esquisito.

Ele riu de novo, sem levar seus insultos a sério. —Por favor, entenda que eu poderia te levar se eu quisesse, e não haveria nada que você pudesse fazer sobre isso. Você é minha. Mas não foi por isso que

eu trouxe você aqui.

—Eu não sou sua. Eu nunca serei.

Ele deu um suspiro exasperado. —Você precisa ser grata pela maneira como eu a trato. Outros poderiam ter comprado você que a tratariam muito, muito pior.

Sua mandíbula ficou tensa com fúria. —Exceto que eu não teria sido sequestrada se não fosse por você. Não sei por quê, mas você me escolheu, não foi?

—Você é perceptiva, Flor. Eu deveria saber disso.

—Antes, você disse que precisava das minhas habilidades. O que você quer dizer com isso?

—Eu preciso de suas habilidades com um laser, — ele continuou. —Minhas fontes me informaram que você produz resultados excelentes.

Sua mente vacilou. Ela estava realmente tendo essa conversa? Se ela não estivesse vendada e algemada, ela teria acreditado que estaria em uma consulta.

—Eu... eu não entendo.

—Eu tenho uma... imperfeição. — Ele riu, mas o som foi frio, enviando lanças de medo ao coração dela.

Que tipo de imperfeição ele quis dizer, cicatrizes? Manchas solares? Acne? Uma tatuagem da qual ele se arrependeu? As possibilidades eram inúmeras. Por que diabos ele iria tão longe a ponto de sequestrar alguém para tratar ele? Isso tinha algo a ver com o motivo pelo qual ele a manteve com os olhos vendados? Certamente ele deve perceber que ela precisaria ver ele se ela fosse tratá-lo, embora se ele ousasse colocar um laser em suas mãos agora, ela iria queimar seus malditos olhos antes de tratar qualquer parte de si mesmo que ele não gostasse.

—Você sabe que poderia apenas ter agendado uma consulta? —

Apesar de sua posição, ela não pôde evitar o tom sarcástico em sua voz.

—Isso simplesmente não era possível. Fazer isso significaria que eu teria que me aventurar pelo mundo, e não posso correr o risco de que as pessoas me vejam. As pessoas que trabalham para mim e contra mim acreditam que sou filho de meu pai em todos os sentidos. Não posso permitir que pensem que sou menos.

—Você poderia simplesmente ter pedido a alguém para vir aqui para trabalhar em você. Tenho certeza de que você poderia pagar.

—Eu precisava ter alguém em quem pudesse confiar. O que aconteceria se eu contatasse a pessoa errada e soubesse que preciso de ajuda? Isso não pareceria nada bom para mim.

—O que te faz pensar que pode confiar em mim?

—Eu não confio, ainda não. Mas você é como eu em mais aspectos do que jamais admitiria para si mesma. Você também se mantém isolada dos outros, apenas de uma maneira diferente.

Ela se irritou com a ideia de ser parecida com aquele homem. — Eu deixo outras pessoas me verem!

—Ver você, mas não tocar em você ou ser físico de qualquer forma.

—E com quem você está fisicamente, *Monster*? — Ela rosnou o nome. —Mulheres que você rapta? Mulheres que você venda? Mulheres que você paga?

Frustrantemente, ele riu novamente. —Sim, de vez em quando. Eu tenho muito dinheiro. Com a quantidade de dinheiro à minha disposição, posso ter o que quiser.

—Mas não consultas regulares com um terapeuta a laser!

Ele deu um suspiro exasperado, e ela seguiu a queda de seus passos enquanto ele andava para frente e para trás na frente dela. — Isso não está indo exatamente como eu planejei. Eu esperava que você

estivesse pronta, Flor, mas agora não tenho tanta certeza.

—O que você quer dizer?

—Você precisa se comportar. Seja sensata. Se eu puder confiar em você, você terá mais liberdade. Você pode interagir com outras pessoas que trabalham para mim...

—Eu não trabalho para você, — ela retrucou. —Eu sou praticamente sua escrava!

Ele deu uma risadinha. —Você faria bem em se lembrar disso. O que quero dizer é que, se você for boa, será bem tratada. Você terá refeições decentes, e posso até permitir que você ande lá fora no terreno. Imagine sentir o ar fresco e a luz do sol no rosto novamente. Você terá uma vida confortável.

—Isto não é uma vida. Eu mal estou existindo. — A ideia de estar do lado de fora de novo quase a fez quebrar. Ela não percebeu o quanto ela sentiu falta de ver o sol e ter o vento chicoteando seu cabelo de seu rosto.

—Talvez, mas pode ser melhor. — Sua voz era sedutora, tentando atrair ela para seu estilo de vida. —Basta fazer o que eu digo, se curve à minha vontade e vou tratá-la com justiça.

Ela mal podia acreditar no que estava ouvindo. —Estou sendo mantida contra a *minha* vontade. Como isso é justo?

—Acredite em mim, eu, de todas as pessoas, entendo que a vida não é justa. — Ela detectou tristeza em sua voz e, talvez, arrependimento?

—Tire esta venda, por favor, — disse ela. —Abra as algemas e me deixe sair deste quarto. Vou enlouquecer se ficar mais tempo aqui sozinha.

Ele hesitou. —Não, eu não acho que você está pronta.

—Estou, por favor! — Ela se arrependeu de todas as suas observações sarcásticas. Quando ela aprenderia a manter a boca

fechada? Se ela pudesse convencer ele de que era mansa e submissa, ele lhe daria acesso ao resto da casa e a outras pessoas. Se isso acontecesse, ela poderia encontrar alguém que a ajudasse, ou até mesmo encontrar uma maneira de sair daqui. Deve haver um telefone ou conexão à Internet no edifício. Ninguém vive ou foi capaz de fazer negócios sem eles. Se ela pudesse pegar um telefone e ligar para as autoridades na América...

Seus pensamentos foram sumindo. E daí se ela pudesse? O que ela diria a eles? Ela ainda não tinha ideia de onde estava. Talvez eles pudessem rastrear a ligação, ela não sabia. Eles poderiam rastrear um país totalmente diferente? Parecia improvável.

Apesar de tudo trabalhar contra ela, ela precisava tentar.

—Eu vou me portar bem, — ela tentou novamente. —Eu prometo.

Ela o sentiu se aproximar, o cheiro de sua colônia ficando mais forte, mas ainda não insuportável. O ar entre eles esquentou com o calor de seu corpo, e seus ouvidos captaram o som lento e constante de sua respiração. Ela se equilibrou em antecipação, sua própria respiração presa, quando ele estendeu a mão e as pontas dos dedos roçaram suas têmporas, onde a venda envolvia seu rosto.

Ela queria ver ele, queria saber como era o rosto do homem que a havia levado. O calor de sua pele queimou por suas têmporas, o cheiro dele a deixando inebriada e mexendo com algo dentro dela. O confinamento solitário deve tê-la deixado desesperada por contato humano, apesar de tudo que ela passou. Ela não queria as mãos deste homem perto dela. Ela só queria sair deste quarto.

Mas então suas mãos se retiraram e ele se afastou. —Não, você ainda não está pronta.

Raiva e pânico surgiram dentro dela. —Estou pronta! — Ela gritou. —Por favor! Não me faça sentar mais neste quarto. Eu vou enlouquecer se eu fizer isso.

—Então você vai enlouquecer.

—Por favor, — ela gritou de novo, balançando-se para a frente e para trás na cadeira. —Por favor, não me deixe assim.

Mas sob seus gritos ela ouviu o clique da porta abrindo e fechando, e ela soube que estava sozinha mais uma vez.

Sua raiva explodiu. —Porra! — Ela gritou. —Seu bastardo de merda. Me solta, seu filho da puta!

Ela se levantou de um salto e chutou a cadeira, fazendo ela voar. Uma dor cegante se estilhaçou por seus pés, fazendo ela gritar. Mas ela ainda estava algemada e vendada, e havia poucos danos que ela poderia fazer a qualquer coisa além de si mesma.

Ela caiu de joelhos. —Me deixe sair, — ela soluçou. —Apenas me deixe sair.

Quando sua raiva e tristeza diminuíram, e ela chorou até secar, a porta se abriu novamente.

Ela poderia dizer que era o homem de cabelos brancos que havia entrado novamente. Algo sobre a atmosfera mudou quando Monster estava no quarto, uma presença que o outro homem não tinha.

Sem dizer uma palavra, ele a soltou e removeu a venda. Ela piscou contra a luz repentina.

Ele deixou cair um pedaço de pão no chão na frente dela, e então se virou e saiu do quarto novamente, trancando a porta atrás de si.

Lily pegou o pão e o jogou com toda a força que conseguiu em direção à porta fechada. Atingiu a madeira e caiu no chão.

Ela olhou para ele por um momento, e então seu estômago deu um gemido baixo de fome.

Sem mais nada para fazer, ela se arrastou até o pão, pegou-o e deu uma mordida.



Nove



Os dias se passaram, pelo menos Lily presumiu que as horas se somavam aos dias. Sem nenhuma maneira de dizer as horas e sem ideia se era noite ou dia, ela lutou para manter o controle.

Com apenas pão e água para sobreviver, seu estômago começou a doer e ela lutou para usar o banheiro como faria normalmente. Seu cabelo ficou mole, sua pele seca e pálida. Mesmo os livros que ela estava lendo começaram a se misturar em um, e ela se viu perdendo a cabeça enquanto lia.

Depois de alguns dias, ela desistiu de se preocupar se as câmeras estavam no quarto. Eles já tinham visto tudo o que podiam. Ela começou a tomar longos banhos, ou levar seu livro para ler no banho. A água ajudava a acalmar seu corpo e mente, e muitas vezes ela adormecia ali e acordava com a água fria. Quando isso aconteceu, ela simplesmente encheu de água quente e voltou para seu livro, que de alguma forma ela sempre conseguia jogar para o lado e no chão antes de dormir. Mas então um dia ela se inclinou na banheira para abrir a torneira, e a água estava apenas gelada.

Merda.

Lily abriu e desligou a torneira, de alguma forma esperando que ligasse a caldeira, mas nada mudou. Ela correu a água a todo vapor pelo que pareceu uma hora, verificando continuamente, mas ainda assim a água corria gelada. Como último recurso, ela tentou o chuveiro, mas também estava gelada.

Ela balançou a cabeça e reprimiu as lágrimas. —Não por favor. Apenas me dê uma coisa.

Ela olhou por cima do ombro para os cantos do banheiro, as bordas do espelho, em qualquer lugar que as câmeras pudessem estar escondidas. Eles sabiam o que ela estava fazendo, se consolando no calor do banho. Eles não foram capazes de permitir que ela tivesse esse pequeno conforto.

Ela olhou para baixo na banheira de água fria, claro para o fundo da banheira de porcelana. Talvez ela devesse simplesmente entrar na água fria, se deitar com a cabeça totalmente submersa e inspirar profundamente a água. Pelo menos então tudo estaria acabado. Ela tinha ouvido falar em algum lugar que se afogar era uma boa maneira de morrer, como adormecer.

Dando um passo para longe do banho, ela balançou a cabeça.

Não, ela era melhor do que isso, mais forte. Ela havia passado por tantas coisas em sua vida. Perder um pouco de água quente não seria a única coisa que a empurraria para o limite.

Sem estimulação e sem mudança de noite e dia, ela começou a dormir muito e sem um padrão real. Sempre que ela acordava, ficava desorientada de novo, se perguntando onde estaria e quanto tempo havia passado.

Quando ela teve energia, ela implorou e suplicou na porta para que alguém a deixasse sair, mas ninguém apareceu, exceto quem empurrou suas refeições patéticas pela abertura na porta.

Com tanto tempo em suas mãos, ela não podia evitar seus pensamentos vagando em direção ao seu passado. Ela chorou por tudo que havia perdido e se perguntou como sua vida poderia ter sido diferente. Ela se culpava por ficar tão desligada das outras pessoas, criando uma situação em que ninguém sentiria sua falta. Ela desejou ter seu tempo novamente. Embora algumas coisas ela não fosse capaz de mudar, outras estariam ao seu alcance. Ela nem mesmo se permitiu se abrir com seu terapeuta, algo que parecia ridículo agora. Ela não

queria melhorar? Alguma parte dela acreditava que ela deveria ter continuado a ser punida por causa do que aconteceu?

O arrependimento por sua vida a consumiu. Ela havia perdido muito tempo. Claro, ela tinha um emprego que amava, uma carreira, mas foi aí que sua vida terminou. Passando todas as noites e fins de semana assistindo à televisão com um pote de sorvete Ben and Jerry's. Ela nem mesmo confiava em si mesma o suficiente para ter um gato. Que mulher sozinha na sua idade não tinha pelo menos um animal de estimação? Ela passou sua vida sozinha, deliberadamente se fechando, e agora ela se encontrava na solidão e ansiava pela interação dos outros.

Lily esperou ao lado da porta, sentada no chão, na esperança de pegar quem colocava suas refeições monótonas de pão e água nela. Mas se ela se sentou perto da porta, a refeição nunca se materializou. No momento em que ela se levantou para usar o banheiro, ou qualquer outra coisa, a refeição foi empurrada pela porta. Isso a fez se perguntar se o quarto tinha câmeras escondidas em algum lugar, mas ela vasculhou o lugar e não encontrou nada.

Finalmente, a porta se abriu e o criado do Monster entrou no quarto. Ele ergueu as algemas e a venda como uma pergunta.

Exausta, doente e meio enlouquecida, Lily assentiu e se arrastou até ele. Ela parou um pouco diante dele e se ajoelhou com as mãos atrás das costas, a cabeça baixa.

—Por favor, — ela disse, sua voz quase um sussurro, como se muito tempo tivesse se passado desde que ela falara direito com alguém que ela havia esquecido. —Basta colocá-los.

Ela olhou para o chão enquanto ele se movia atrás dela e algemava suas mãos. Então a venda cobriu seus olhos. Parte dela relaxou. Ela sabia o que viria a seguir. Monster viria e falaria com ela, e agora ela teria dado qualquer coisa apenas para ter uma conversa com alguém, para ter o mais leve vislumbre de esperança de que algo em seu futuro mudaria.

Ela não podia continuar assim.

—O senhor falará com você agora, — disse o homem, e saiu do quarto.

Lily ficou de joelhos, a cabeça baixa, imóvel.

Mesmo quando ela o sentiu entrar no quarto, e a porta se fechou com um sussurro, ela ficou como estava.

Ele caminhou lentamente em volta dela e parou bem na sua frente.

—Você está pronta?

Sua voz profunda causou arrepios dentro dela. Ela faria o que fosse necessário para mudar sua situação. Todos os pensamentos de escapar e convencer alguém a ajudar ela fugiram de sua mente. Ela faria o que ele quisesse. Ela se curvaria à vontade dele.

—Sim, — ela sussurrou. —Por favor, estou pronta.

Ele fez uma pausa e disse. —Você pode ficar de pé, Flor. Eu vou te ajudar a sentar na cadeira.

Ela tentou fazer o que ele disse, mas tanto sua fraqueza quanto sua incapacidade de usar as mãos a fizeram tropeçar para frente. Ele a pegou, dedos fortes em volta de seus braços, e ela percebeu que seu nariz e boca estavam perto de uma parte sólida de seu corpo, seu peito, ela assumiu. O contato humano a fez querer chorar e as lágrimas encheram seus olhos. Quão fodida ela estava agora que queria pressionar seu rosto contra seu corpo sólido, para inalar seu perfume e absorver seu calor? Ela sempre evitou o contato de outro ser humano, se sentiu desconfortável e estranha se alguém tentasse abraçar ela ou até mesmo apertar sua mão, mas agora seu corpo ansiava pelo contato. Tudo o que ela queria era que alguém a segurasse e dissesse que tudo ficaria bem.

Ela tinha enlouquecido.

Monster a segurou longe dele, e ela murchou com a falta de

contato. Ele a segurou com o braço estendido, mas a guiou para que ela andasse para trás. A parte de trás de suas pernas bateu na cadeira e ela dobrou o joelho, suas costas fazendo contato com o assento.

Ela afundou nele. A venda estava úmida com suas lágrimas. Não havia sentido em implorar ou fazer comentários inteligentes. Ele faria o que quisesse. Nada que ela pudesse fazer ou dizer faria qualquer diferença.

—Sim, — ele disse, eventualmente. —Eu acho que você está pronta.

Seu coração acelerou, sua respiração se tornou superficial. Ele permitiria que ela o visse agora?

Ele se moveu para trás dela e seus dedos fizeram contato com o nó na parte de trás de sua cabeça. Ele o desfez o suficiente para soltar a venda e então deu a volta. Ela o sentiu parado na sua frente.

Nervosa no caso de ela ter feito algo errado, ela congelou. A venda havia se soltado, a luz aparecendo nas bordas.

—Está tudo bem, Flor, — ele disse. —Você pode se livrar disso.

Acreditando em sua palavra, ela balançou a cabeça e a venda caiu de seus olhos.

Ela respirou fundo.

Sua mente estava confusa, tentando assimilar as duas coisas opostas que viu.

Monster estava diante dela, olhando ela com solenes olhos castanhos chocolate.

Sua beleza a atingiu como um golpe. Ele tinha uma mandíbula lisa e quadrada, um nariz reto e esculpido e cabelo escuro ondulado cortado curto e penteado para trás com algum tipo de produto. Suas maçãs do rosto salientes e lábios carnudos davam-lhe a aparência de um modelo, uma beleza quase sobrenatural. Ele estava elegantemente vestido com um terno cinza com uma camisa branca por baixo e

sapatos pretos que brilhavam sob a luz artificial de seu quarto.

Mas seus olhos captaram a parte dele que ela não podia ignorar. Descendo pelo centro da testa, pelo lado esquerdo do nariz, para contornar o canto da boca esculpida, estava a marca de nascença mais escura que ela já vira. Onde a maioria dessas marcas de nascença eram vermelhas ou roxas, as dele pareciam quase pretas.

Anos de treinamento para não reagir às marcas de nascença de seus pacientes permitiram que ela escondesse seu choque inicial e consternação.

Sinto pena dele, ela percebeu com espanto.

Como ela poderia sentir pena de alguém que a sequestrou e agrediu? Ela deveria estar feliz por ele estar desfigurado. Mas ela não pôde evitar suas emoções. Se não fosse pela marca de nascença, ele estaria em Hollywood, governando o mundo com sua beleza. Em vez disso, ele estava escondido aqui como uma aberração.

—Você vê a verdade, Flor? É por isso que você foi trazida aqui.

Seus olhos estavam fixos nos dela, e ela estremeceu em seu olhar. Ela estava com medo de dizer ou fazer algo errado, de destruir qualquer progresso que fizera nos últimos dez minutos.

—Você... você quer que eu...

Ele ergueu a mão ao lado do rosto com a marca de nascença e riu. —Eu quero que você trabalhe naquilo que me torna um monstro.

—Uma marca de nascença não pode fazer de você um monstro. É a sua alma que faz isso. — As palavras saíram antes mesmo de ela registrá-las, e ela fechou a boca, horrorizada por ter falado e arriscado ser fechada de volta neste quarto sem ninguém para falar e nada para fazer.

—Oh, eu sei disso. Eu deveria ter dito a coisa que me torna um monstro para o mundo exterior. Eu sei o que sou por dentro, mas o que está por dentro é muito mais fácil de esconder.

—Então... você quer que eu trabalhe em você? — Conforme ela falava, mais forte sua voz se tornava.

—Sim, quero que você me livre daquilo que arruinou minha vida.

—Sua vida não parece arruinada para mim. — Ela não conseguia esconder o tom amargo em sua voz.

Ele deu uma risada fria. —Você não tem ideia de como minha vida tem sido. Você acha que uma questão de dias neste quarto a deixou louca? — Ele olhou para ela, as sobrancelhas escuras erguidas, como se esperasse uma resposta. —Quebrou você, mesmo?

—Eu não aguentava a solidão, — ela disse calmamente.

Ele a contornou, caminhando lentamente ao redor do perímetro do quarto, passando a ponta dos dedos pelos móveis, pelas paredes, parando na estante onde acariciou amorosamente as lombadas dos livros.

—Passei toda a minha vida neste quarto, — disse ele. —Você lutou com dias. Imagine isso sendo anos.

Sua mente girou. Ele foi mantido neste quarto toda a sua vida? Certamente isso era uma mentira? Mais truques para confundir ela, para confundir sua mente.

—Não entendo.

—Tive o pai perfeito, — disse ele. —Mas ele tinha vergonha de seu filho imperfeito.

—Seu pai manteve você neste quarto por anos? — O que ele estava contando a ela era nada menos que uma história de terror. Monster realmente foi mantido aqui, por seu próprio pai, no entanto? Será que seu pai tinha vergonha da marca de nascença no rosto do filho e o manteve escondido? —Onde está seu pai agora? — Ela perguntou, se agarrando à única coisa que ela poderia perguntar que faria algum sentido.

—Isso não é importante agora.

Sua mente zumbia, tentando preencher a lacuna entre a mulher sequestrada e a terapeuta profissional. —Você quer que eu trabalhe em sua marca de nascença? — Ela tentou novamente.

—Sim. É exatamente por isso que eu trouxe você aqui.

Seu cérebro parecia estar finalmente engrenando. —Posso fazer a marca parecer mais tênue, mas só depois de vários tratamentos. Eu não posso fazer isso desaparecer.

Seus olhos escuros se estreitaram. —Eu preciso que vá embora.

—Eu não posso fazer isso. Ninguém no mundo pode fazer isso! — Talvez se ele tivesse começado o tratamento quando criança, a marca de nascença poderia ter desaparecido quase ao ponto de ser invisível, mas conforme uma pessoa cresce, a marca de nascença também cresce, e a cor e a profundidade da marca no rosto do Monster nunca desapareceria completamente.

—Então você será minha até descobrir.

Lágrimas encheram seus olhos. —Você me deu uma tarefa impossível, — ela gritou. —Eu nunca vou ser capaz de fazer o que você quer.

—Então você nunca será livre.

—Não, — ela soluçou, abaixando a cabeça mais uma vez. —Você não pode fazer isso comigo.

—Decida o que você quer, Flor. Você pode ajudar a limpar o monstro do meu rosto ou pode ficar neste quarto e apodrecer.

Com isso, ele se afastou dela e saiu.



Dez



O homem de cabelos brancos entrou para remover as algemas.

—Posso perguntar seu nome agora? — Ela disse enquanto ele a destrancava.

Ele deu um aceno lento. —Tudor. Meu nome é Tudor.

—As coisas vão mudar agora? — Lágrimas tremeram em seus olhos. Ela não sabia como conseguiria o que lhe era pedido, mas pelo menos agora tinha algumas respostas. Ela foi sequestrada porque o homem que estava no controle de tudo... isso... o que quer que fosse... tinha uma das marcas de nascença mais escuras e grossas que ela já tinha visto no lado do rosto. O que ele disse a ela fazia sentido. Ela não tinha ninguém que estaria procurando por ela, e ela era boa em seu trabalho. Ela apareceu em vários artigos médicos pelos resultados que alcançou, artigos que foram publicados online, junto com alguns artigos de jornais e revistas quando ela mudou a vida de crianças. Eram histórias de interesse humano, ela ouvira quando foi entrevistada. Na maior parte, ela odiava fazer entrevistas como essa. Embora ela adorasse que os filhos estivessem mais confiantes e os pais ficassem emocionados e quisessem que todos soubessem o quão felizes eles estavam, querendo dar esperança a outras pessoas que estavam na mesma situação, ela frequentemente se sentia como as pessoas que normalmente leem as histórias se sentiam então, com pena e alívio em seus corações que não foram eles ou um de seus filhos que tiveram que lidar com tal desfiguração total.

Devem ser esses os lugares onde ele encontrou o nome dela.

—Sim, — disse Tudor. —As coisas vão mudar agora, mas se você tentar algo estúpido, vai se arrepender. Ele é um homem muito poderoso e não considera a traição levemente.

Eu teria que ser leal a ele primeiro para poder traí-lo, ela pensou, mas não disse.

Ela acenou com a cabeça. —Eu entendo.

—Ele estará de volta em breve. Não faça nada estúpido enquanto isso.

O homem que ela agora conhecia se chamava Tudor e deixou sozinha mais uma vez.

Seu interior estremeceu de nervosismo e excitação. Ela finalmente teria permissão para sair deste quarto? Sua mente girou com a ideia de poder entrar em outra parte da casa. Haveria janelas? Ela teria permissão para ver o lado de fora? O quanto isso significava para ela era incompreensível. Para poder ver a luz do sol novamente, ou mesmo a lua. Apenas ter uma ideia da hora do dia, ser capaz de colocar sua mente em uma parte tão simples e fundamental da vida parecia tão importante. Ela seria capaz de ter uma ideia de para qual país ela foi trazida? Ela não sabia, mas a esperança cresceu dentro dela como um balão.

Impaciente, ela caminhou pelo quarto, roendo as unhas já pequenas. Ela se sentou na beira da cama, o joelho balançando para cima e para baixo de nervosismo, e então ela se levantou novamente e voltou a andar.

Finalmente, passos vieram de fora e ela reconheceu pelo peso exato e passo que eles pertenciam a Monster. Ela congelou, olhando para a porta. Pela primeira vez, ele iria entrar sem primeiro algemar e vendá-la. Isso significava que ele confiava nela agora? Nesse caso, ele deu sua confiança com muita facilidade.

A porta se abriu e ele entrou no quarto.

A visão de seu rosto a surpreendeu, foi como um soco físico no peito. Seus olhos eram do mais profundo marrom, cílios grossos e escuros emoldurando eles. Maços do rosto salientes e nariz forte, mas finamente cinzelado. Lábios carnudos e queixo quadrado. Ainda assim, ela não conseguia tirar os olhos da marca negra e saliente que cobria metade de seu rosto. A natureza era uma cadela cruel. Ele poderia ter sido um ator ou modelo, inferno, ele poderia ter sido o que quisesse ser, mas em vez disso ele estava aqui, com ela.

—Você está pronta? — Ele perguntou a ela novamente.

Desta vez, ela acenou com a cabeça. —Estou pronta.

—Então venha comigo.

Lily tremeu, dando passos em direção a ele com as pernas trêmulas. —Onde estamos indo?

—Estou levando você para a sala de tratamento.

—Você tem sua própria sala de tratamento? Seu próprio laser?

—Claro. — A sugestão de um sorriso brincou em seus lábios. — Não haveria muito sentido em trazê-la aqui se eu também não tivesse o equipamento correto.

—Oh, certo.

Ela esperava que ele precisasse tirar ela da casa para que ela fizesse os tratamentos em seu rosto? Sim, embora ela não quisesse criar falsas esperanças nessa possibilidade. Ela pensou que ele a levaria para um hospital particular ou clínica. Ela não achava que ele teria comprado o seu próprio. Ela esperava que ele não tivesse comprado o tipo de laser portátil que poderia ser comprado para uso doméstico pela Internet. Esses tipos de lasers não fariam diferença em seu rosto. Ele precisava de um laser cosmético profissional de última geração, o melhor que o dinheiro poderia comprar, mas isso custaria por volta de dezenas de milhares de dólares.

Lily seguiu Monster para fora do quarto e para o longo e largo

corredor. Tetos com cornijas e paredes com painéis brancos combinados com pisos de madeira escura. Seus olhos buscaram a luz do dia, esperando por uma janela posicionada em algum lugar ao longo da parede, mas não havia nenhuma. Onde ficava esse lugar? *Que* lugar era este? Se ela não tivesse achado isso uma loucura, ela teria começado a acreditar que estava em algum tipo de abrigo subterrâneo.

—Você pode me dizer algo? — Ela perguntou enquanto seguia suas costas largas pelo corredor.

Ele olhou por cima do ombro para ela, o lado sem marcas de seu rosto voltado para ela, então ela quase poderia ter imaginado que ele era perfeito. —Depende.

Ela hesitou e então disse. —Você poderia me dizer que horas são?

Um sorriso tocou um canto de seus lábios. —São nove horas.

—De manhã ou à noite?

—De manhã, Flor. — Ele se virou para encarar o jeito que ela estava andando, mas continuou a falar. —É o início de um novo dia.

Ela ergueu as sobrancelhas em descrença. Era apenas ela ou ele parecia... feliz?

Seu desejo de se deparar com uma janela durou pouco quando Monster parou do lado de fora de uma porta do lado direito do corredor. Ele estendeu a mão, abriu a porta e entrou na sala.

—Por aqui, — disse ele, estendendo a mão em um gesto para que ela entrasse. —Esta será a sua clínica.

Cautelosamente, Lily entrou na sala. O lugar estava quase vazio, com exceção de um armário de aço inoxidável que parecia aparafusado às paredes pintadas de branco, o tipo de cama encontrada em um consultório médico e a grande máquina de laser profissional ao lado da cama.

Uma pequena parte dela relaxou. Ele pagou pela melhor

tecnologia. Ela ainda não seria capaz de remover completamente a marca de nascença, mas com este tipo de máquina poderosa, ela seria capaz de fazer ela desaparecer.

—Bem? — Ele disse, olhando para ela com curiosidade. —O que você acha?

Ele se sentia orgulhoso de si mesmo pelo que havia criado? De alguma forma, em sua mente distorcida, ele achava que ela iria elogiar ele?

—Posso trabalhar com isso, — disse ela, passando os dedos pela parte superior da máquina.

—Bom. — Ele assentiu. —Isso é bom.

—E agora? — Ela perguntou.

—Eu acho que você poderia tomar um banho quente e uma refeição decente. Preciso que você se refresque e se concentre em nossa primeira sessão.

Ela acenou com a cabeça. —Obrigada. Isso seria bom.

Eles deixaram o equipamento e voltaram para o quarto dela. Era assim que ela estava pensando no espaço agora, como *seu* quarto?

Ela entrou e se virou para encarar ele.

—Eu ainda tenho que trancar a porta, — disse ele. —Espero que entenda.

—Claro.

Ela o deixaria pensar que tinha vencido, mas jurou a si mesma que nunca pararia de procurar uma maneira de sair dessa situação. Ela nunca permitiria que ele a quebrasse completamente, para fazer ela perder as esperanças. Ela sempre teria esperança.

Monster entrou mais no quarto com ela, fechando a lacuna entre eles. Ainda assim, sua proximidade a afetava, como se ele emitisse uma carga elétrica à qual seu corpo reagisse. Ele era lindo e

horripilante, e embora ela o odiasse com cada centímetro de seu ser, ela não pôde evitar se sentir atraída por ele.

Ele estendeu a mão e tocou seu cabelo, afastando-o do pescoço e por cima do ombro. Seu corpo inteiro ficou rígido, sua respiração travada em seu peito.

—Estou feliz que possamos trabalhar juntos, Flor, — ele disse, seus olhos escuros procurando os dela. —Você me deixou preocupado por um tempo.

Ela fez o possível para não tremer.

Então ele deu a ela o mais breve dos sorrisos e se virou.

Ao sair, ele disse. —A água quente estará de volta em cinco minutos.



Onze



Assim como Monster havia prometido, a água quente foi ligada novamente.

Lily ficou embaixo de seu primeiro banho quente em dias e inclinou a cabeça para trás, permitindo que a água quente corresse por seu cabelo e caísse sobre seu corpo. Ela usou o sabonete perfumado para ensaboar o cabelo e a pele, e lavar a sujeira dos últimos dias. Ela fez o possível para ficar limpa, mas não foi capaz de tomar um banho gelado. Enquanto ela passava as mãos sobre o corpo, ela se maravilhou com a mudança em sua forma. Seus dedos correram sobre os ossos do quadril, contornando o contorno das costelas abaixo de seu torso. Ela teve que conter uma gargalhada amarga. Se ao menos ela soubesse um sequestro e fome era tudo o que precisava para se livrar daquelas curvas a mais que ela odiou nos últimos dez anos.

Ela desligou a água, saiu do chuveiro e se enxugou com a toalha. Entrando no quarto com uma toalha enrolada em seu corpo, enquanto esfregava uma toalha menor contra o cabelo úmido, ela se dirigiu ao armário. Ela escolheu uma roupa semelhante à que estava usando, calças elegantes e uma camiseta de mangas compridas, junto com roupas íntimas limpas e se vestiu.

Uma batida veio na porta e ela se virou, esperando que Monster voltou para o quarto, pronto para sua primeira sessão. Mas, em vez de uma pessoa, uma bandeja deslizou pelo chão de madeira e parou. A porta se fechou novamente, e ela ouviu o clique da fechadura de volta no lugar.

Lily olhou para os dois lados dela, se perguntando mais uma vez se ela estava sendo observada, mas o sopro de especiarias aromáticas flutuou, alho, orégano e algo cítrico e seu estômago se retorceu de fome.

Ela deu alguns passos hesitantes em direção à bandeja. Cada fibra de seu corpo a impelia a correr até ela, cair de joelhos e enfiar a comida na boca com as mãos. Mas a parte sensível de seu cérebro a fez parar. Por que a mudança repentina da refeição do pão seco? Era uma recompensa por ela concordar em ajudar Monster, ou havia mais do que isso? A refeição pode estar envenenada, talvez misturada com um sedativo? De alguma forma, as roupas confortáveis, o banho quente e os produtos de higiene pessoal não combinavam com alguém que drogaria sua comida. De qualquer forma, Monster não gostaria que ela fosse drogada enquanto operava o laser.

Ele comprou você de alguém que te bateu e sequestrou. Não finja por um segundo que você sabe como funciona a mente desse homem.

Ela nem conhecia o homem, muito menos sua mente.

Talvez ela devesse recusar a comida, drogada ou não. Parte dela queria recusar por princípio, dizer a esses homens para pegar a refeição e empurrar. Mas ela estava com tanta fome que se sentiu oca, uma dor nauseante que ela nunca experimentou antes. Em nenhum momento de sua vida ela sentiu tanta fome. Mesmo quando ela estava de luto, ela ainda conseguia pequenas quantidades de comida. Ela simplesmente não tinha força de vontade para resistir.

Ela deu alguns passos mais perto, os cheiros ficando mais fortes, e qualquer quantidade de força de vontade que ela tinha se dissolvido. Ela correu os últimos dois passos, caindo de joelhos ao lado da bandeja. Era algum tipo de carne, vaca ou porco, com molho à base de tomate, com arroz e feijão ao lado. Uma colher estava ao lado do prato, que também era de plástico, e ela a agarrou e comeu, enfiando comida na boca. Temperos picantes, tomate doce, carne que se desfez, arroz macio e feijão, tudo isso enfiado em sua boca. Ela mal se deu tempo para saborear os sabores enquanto mastigava apenas o

suficiente para permitir que ela engolissem. Ela não conseguia comer rápido o suficiente.

Antes mesmo de ela registrar que havia terminado, a colher raspou o fundo do prato de plástico. Lily a jogou para o lado e pegou o prato para lamber o resto do molho do fundo. Um copo plástico com água estava ao lado, algo que ela nem havia notado devido ao seu foco na comida e ela o pegou e engoliu o conteúdo.

Com tudo acabado, ela exalou um suspiro e se recostou. Ela esperou por um momento, imaginando como seu estômago reagiria ao súbito influxo de comida rica e apimentada, mas, felizmente, ele se acalmou. Imediatamente, ela se sentiu mais forte. Agora que ela estava limpa, vestida e alimentada, ela se sentia mais como antes.

A raiva pelo que havia acontecido com ela cresceu dentro dela como uma cobra se desenrolando. Ela era uma mulher independente, educada e inteligente, e algum idiota tinha acabado de aparecer e levá-la como se ela fosse um pedaço de propriedade que poderia ser possuído. Ela precisava sair deste quarto, e como não havia janelas, ou aberturas de ventilação, ou qualquer outra coisa que ela pudesse ver, a única saída era pela porta. Ela precisava esperar e aproveitar a oportunidade. Ela já tinha tido permissão para sair de seu quarto e seguir para o corredor. Talvez em breve ela pudesse ir mais longe, e então ela poderia ir longe o suficiente para encontrar algumas pistas sobre onde estava sendo mantida. Ela pode até ver um telefone com o qual ela consiga falar em outro horário.

Ela olhou para a bandeja, seus olhos pousando na colher abandonada. Lentamente, ela estendeu a mão e pegou de volta. Usando o dedo indicador, ela pressionou a ponta da colher para trás o máximo que ousou sem quebrar e permitiu que ressoasse de volta.

Lily mordeu o lábio inferior e olhou ao redor novamente. Alguém estava assistindo? Ela acreditou mais de uma vez que as câmeras estavam no quarto, uma forma de ficar de olho nela. Ela precisava ter cuidado.

Ela ousou fazer isso? Ela disse a si mesma que iria com o que Monster queria, a fim de tentar e ver se havia outras opções abertas para ela. Se ela o aborrecesse, poderia se ver novamente em confinamento solitário, com apenas pão e banho frio. Mas ela também se lembrou de sua promessa de nunca desistir. Ela não precisava fazer nada certo neste momento, mas ela deveria estar preparada e aproveitar a oportunidade quando uma se apresentasse.

Lily colocou a colher na mão e se levantou. Onde ela poderia ir onde não seria vista?

Seu olhar se desviou para o guarda-roupa. Não haveria câmeras lá.

Sabendo que ela só chamaria atenção para si mesma se tentasse entrar, ela caminhou até lá e abriu a porta. Ela enfiou a mão dentro como se remexesse nas roupas novamente e apertou rapidamente a ponta da colher. Desta vez, ela não permitiu que a ponta voltasse, mas a agarrou com a mão, deixando uma extremidade afiada e irregular.

Seu coração disparou. Ela criou uma arma. Uma arma frágil e não muito eficaz, talvez, mas mesmo assim uma arma. Se ela pudesse esfaquear Monster em algum lugar vulnerável com isso, no olho ou nas bolas, isso poderia apenas ganhar tempo para passar por ele.

Lily colocou a parte de cima da colher no guarda-roupa e espalmou a arma feita do cabo. Sem saber onde mais colocar, ela o enfiou na manga da camisa, sentindo duro contra a parte interna do pulso.

Não querendo se sentar na cama, estar nela tinha muitas implicações, ela se sentou no chão ao lado da cama e encostou as costas na lateral. Ela não podia fazer nada mais do que sentar e esperar.

Os minutos se passaram e Lily refletiu sobre o que poderia estar acontecendo em casa. Que dia é agora? Ela deve ter sido dada como desaparecida agora e as pessoas estariam procurando por ela. Seu carro abandonado no estacionamento embaixo de sua clínica teria chamado a atenção, a menos que Mãos de Cigarro tivesse movido o

veículo para evitar exatamente isso. Claro, mesmo se ela tivesse sido dada como desaparecida, seus colegas de trabalho teriam percebido que ela não estava apenas doente agora a polícia não pensaria em procurar fora do país. Nenhuma parte dela esperava algum tipo de resgate milagroso. A polícia armada não arrombaria as portas para chegar até ela tão cedo.

A porta se abriu e todos os músculos de seu corpo ficaram rígidos. Ela se levantou com dificuldade, a parte interna do pulso pressionada contra o lugar onde o cabo da colher estava escondido.

A porta se abriu e Monster entrou no quarto.

Lily ficou tensa, com os olhos arregalados. Ele olhou para ela, antes de olhar para a bandeja vazia. Ele a estudou por um momento, seus olhos se estreitando, as linhas de sua testa se aprofundando em sua concentração.

Seu estômago estava em nós. O calor subiu de seu peito e se espalhou por seu pescoço e bochechas. A ponta quebrada da colher parecia do tamanho de um facão em sua manga, e ela teve que se impedir de ofegar de estresse.

Ele ergueu seu olhar duro e castanho para o dela. —Espero que você entenda que as pessoas aqui não são estúpidas. Não somos como os capangas que a pegaram inicialmente.

Ela se forçou a encontrar seu olhar, desafiador. —Não? Qualquer homem que mantém uma mulher contra a vontade dela é muito pior do que um idiota aos meus olhos.

Ele estendeu a mão. —Apenas me dê a colher.

Seus lábios se estreitaram. —Que colher?

Ele deu um suspiro exasperado, como se ela não fosse mais do que uma criança irritante. —Eu esperava que tivéssemos superado esse tipo de bobagem, Flor.

Ela tirou a colher quebrada da manga, tentando fazer parecer que

estava simplesmente segurando-a com indiferença, em vez de conspirar para arrancar o olho com a ponta dentada, e estendeu para ele. Sua mão tremia.

—Não fiz nada de errado, — disse ela. —Pressionei o prato com muita força enquanto comia e ele quebrou, só isso.

—Se isso é tudo, por que você estava tentando esconder?

Ela apertou os lábios. —Eu não queria que você ficasse bravo por eu ter quebrado sua propriedade.

Ele deu alguns passos pelo quarto e envolveu seus dedos fortes em torno do pulso dela, segurando a mão que ainda segurava a colher quebrada. Ele o brandiu na frente de seu rosto, e ela se encolheu para trás.

Ele se inclinou em direção a ela, roçando sua bochecha com a dele para falar baixo em seu ouvido. —Não me faça punir você, Flor. Coisas acontecem comigo quando tenho que punir uma mulher. O monstro que você vê no meu rosto não é nada comparado ao monstro que está dentro.

Seu perfume a envolveu, sua presença dominante, a estranha beleza dupla de seu rosto. Pelo pouco que ela sabia sobre ele, este homem viveu uma vida que ela mal conseguia compreender. Ter ele tão perto, enquanto ele rosnava ameaças veladas em seu ouvido, mexeu com algo dentro dela. Anos se passaram desde que ela experimentou tais sensações sobre alguém, e ela apertou as coxas, tentando suprimir sua reação.

Ela estava confusa. O que foi isso? Algum tipo de síndrome? Ela tinha certeza de que tinha lido sobre isso em algum lugar, sobre um cativo se tornando atraído pela pessoa que a levou. Era isso que estava acontecendo aqui?

Não, não era só isso. Ela nunca poderia imaginar ser atraída por alguém como Mãos de Cigarro, que a levou pela primeira vez, mas algo sobre esse homem intenso e misterioso falou com ela.

Ele se afastou dela, seus dedos ainda em volta de seus pulsos. Seus olhos se encontraram, o ar carregado de tensão entre eles. Seu peito subia e descia, sua respiração tão superficial quanto a dela, e ela sabia que tudo o que havia sentido também havia sido experimentado por ele.

—O que quer que você esteja pensando, Flor, pare agora.

Seu rosto se inflamou com calor. Como ele a leu tão bem? Era tão injusto. Ele parecia saber cada pequena coisa que ela fazia ou estava pensando, mas ela não sabia absolutamente nada sobre como sua mente funcionava.

—Eu... eu não estava pensando em nada.

Ele sorriu. —Num momento você quer me esfaquear, e então no próximo você quer me foder. Acho que você pode estar ainda mais ferrada do que eu.

Ela puxou o pulso para longe, e ele estendeu a outra mão e arrancou a arma improvisada de suas mãos. Ele a enfiou no bolso de trás da calça.

—Não peça o que você não pode suportar, — ele disse, finalmente liberando seu pulso.

—Considerando o que você me fez passar na semana passada, não acho que você tenha o direito de questionar o que posso ou não posso lidar.

Isso o parou e ele olhou para ela, seu olhar percorrendo seu rosto. —Você me interessa também. Isso pode ser perigoso. Eu preciso confiar em você com um laser. Como vou fazer isso quando não consigo nem mesmo confiar em você com uma colher de plástico?

—Sou uma profissional, — respondeu ela. —Eu nunca abusaria da confiança de um paciente, mesmo de um paciente que me sequestrou.

Ele sorriu, mostrando dentes brancos perfeitos e retos. —É bom saber. Vou organizar nossa primeira sessão em breve.

Monster saiu do quarto, levando a bandeja vazia e a tigela com ele, e Lily se deixou cair na beira da cama, com a cabeça entre as mãos. O que diabos havia de errado com ela? Ela estava realmente pensando em tratar sua marca de nascença? Ela conseguiria usar o laser para machucar ele, queimar aqueles lindos olhos castanhos e fugir? Algo sobre usar o laser para causar danos, depois de passar toda a vida usando ele para curar, revirou seu estômago.

Ou foi a ideia do laser que revirou seu estômago, ou a ideia de machucar Monster?

Não, ela o machucaria se fosse necessário. Ela estava pensando em usar a ponta da colher para esfaqueá-lo, não é? Se ele não tivesse notado a falta, e dado a ela tempo para esconder a arma improvisada e bolar um plano, então ela o teria usado.

O problema era que Monster não seria a única coisa que ela precisava passar para chegar a um lugar seguro. Ela já sabia que ele tinha pelo menos duas outras pessoas trabalhando para ele que moravam na casa, então ela também precisava passar por eles. Além disso, ela não sabia o quão fortemente trancado este lugar era. E se, como ela se perguntou, toda a propriedade fosse construída sob o solo, e então não houvesse janelas para escapar, e apenas uma saída que ela imaginava que não ficaria destrancada.

Simplesmente ferir Monster não seria o suficiente.

Ela teria que matar ele.

Se ela o matasse, as pessoas que trabalhavam para ele não teriam nenhum motivo para manter ela aqui. Talvez eles até ficassem gratos a ela por se livrar dele. Por tudo que ela sabia, eles poderiam estar aqui contra sua vontade também.

Mas ela poderia matar alguém? Na verdade, tirar uma vida com as próprias mãos?

Ela tinha isso dentro dela?



Monster

(Onze anos antes)



Várias semanas se passaram antes que outra garota fosse trazida para ele.

Durante esse tempo, Monster repassou sua experiência com a prostituta repetidamente em sua cabeça, sua mão firmemente ao redor de seu pau, se masturbando até o clímax. A memória trouxe consigo uma emoção secreta e suja. Ele sabia que não deveria sentir nenhum prazer com a experiência, mas era jovem e totalmente inexperiente. Ele nunca tinha sido ensinado como se comportar com uma mulher, ou com ninguém, para falar a verdade. Como ele poderia saber se o que aconteceu foi diferente do primeiro encontro de qualquer outro jovem com uma mulher?

E ainda assim, ele sabia. Talvez fosse devido aos livros que leu, os encontros românticos de toques suaves e declarações sussurradas de amor mas, no fundo, ele sabia que o contato com uma mulher não deveria ser como ele experimentou. No entanto, ele não podia negar que seu incidente com a prostituta o excitou. Foi seu primeiro e único encontro com uma mulher e resultou em violência e orgasmo. Como ele poderia desligar seu cérebro para desconectar as duas coisas agora? A dor e a humilhação de outra pessoa resultaram em seu prazer, e sua juventude, ainda totalmente informe, tomou as duas coisas e as entrelaçou para sempre.

Quando a porta se abriu para revelar uma mulher diferente, uma

loira que poderia tê-lo lembrado da garota com cabelo cor de mel que lhe trouxe suas refeições, se ela não tivesse sido tão falsa em todos os sentidos. Seu tom de pele era muito escuro para a cor de água oxigenada de seu cabelo, sua maquiagem espessa ao redor de seus olhos e boca. Onde a garota que trouxe suas refeições o lembrava do brilho do sol e da pureza, esta mulher era dura e falsa.

Ela avistou seu rosto e forçou um sorriso. —Oi querido, — ela ronronou. —Seu pai me disse que você precisava ser cuidado.

Apesar de si mesmo, seu pau mexeu em suas calças.

Era assim que seria para ele. As mulheres só sucumbiam aos seus desejos por causa do dinheiro e do poder que seu pai tinha sobre elas. Ele era um prisioneiro aqui, vivendo exatamente como seu pai queria que ele vivesse. Ele não tinha escolha e tomaria qualquer pequena quantidade de prazer que fosse oferecida a ele onde pudesse.

Ela caminhou até ele em seus saltos. Ele teve a impressão de que esta tinha mais experiência do que a anterior, que talvez seu pai tivesse percebido que precisava contratar alguém mais resistente. Se ao menos seu pai também tivesse percebido, isso simplesmente tornaria mais difícil para ele quebrá-la.

Os dedos dela deslizaram para dentro da camisa dele, brincando com seus botões. —Então, seu pai não quis me dizer seu nome. Do que você quer que eu chame você?

Desta vez, ele não hesitou. —Você vai me chamar de Monster.

Seu sorriso vacilou, mas ela rapidamente o endireitou. —Monster? Você tem certeza disso, baby?

Ele agarrou seu pulso com sua grande mão, interrompendo seu movimento. —Sim. E se você me chamar de baby de novo, vou fazer você pagar por isso.

—Oh! — O sangue foi drenado de seu rosto. —Certo... Monster. O que você quiser.

Embora ela tivesse perdido um pouco de sua arrogância, ela continuou a desabotoar sua camisa até que seu peito estivesse nu. Ela se abaixou e colocou os lábios contra sua pele, beijos suaves, mordidelas e lambidas, disparando entre seus mamilos.

Monster desejou reagir a ela, mas nada sobre essa mulher falsa e sedutora o fez ir. Não era isso que ele queria. Ele queria a prostituta de antes. Ele queria que ela olhasse para ele com a maquiagem borrada enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

—O que você quer que eu faça com você? — Ela perguntou entre beijos.

—É o que eu quero fazer com você que é importante.

—Oh. — Ela agitou os cílios para ele, timidamente, embora ela não olhasse diretamente para o rosto dele. —E o que é isso?

—Eu quero bater em você.

Ela recuou com a resposta dele, seu corpo instantaneamente ficando tenso. —Você pode me espancar, ba... quero dizer, Monster. É isso que você quer dizer?

—Quero dizer que eu quero bater em você e ver você chorar.

Ela acenou com a cabeça, o mais leve indício de um sorriso nervoso piscando em seu rosto. —Eu entendo. Uma fantasia, certo? Você quer que eu interprete essa fantasia?

Ele estreitou os olhos para ela. —Se é assim que você quer chamá-lo.

Ela se afastou dele, indo em direção à cama. Ela puxou a saia que usava enquanto caminhava, expondo um traseiro nu. Ela não estava usando calcinha. Sem olhar para ele, ela se inclinou sobre a cama, erguendo o traseiro para ele.

—Você pode me bater. Eu posso te implorar para parar, se é isso que você quer.

Algo finalmente se agitou em sua virilha, aquele formigamento de excitação, e ele sentiu que começava a endurecer. Suas palmas coçaram e ele caminhou pelo quarto em direção a ela.

Monster agarrou seu quadril, seus dedos cavando em sua pele. Ele a segurou firme e ela sugou o ar sobre os dentes, seu corpo tenso. Ele ergueu a outra mão e desceu com força em uma bochecha de sua bunda.

Ela deu um grito, seu corpo empurrando para frente com o impacto.

—Não tão forte!

—Cale-se.

Ele ergueu a mão e bateu nela novamente. Ela soltou um grito e o vermelho floresceu na palidez de sua pele onde ele a havia golpeado. A visão o excitou, e ele a espancou novamente.

—Não pare, — ela chorou.

Ela estava fingindo? Encenando a fantasia como eles discutiram? Fazer ela fingir não era bom o suficiente. Ele queria que o que ela sentia fosse real.

Ele soltou seu quadril e estendeu a mão para amarrar seu cabelo loiro em seu punho. Ele deu um puxão no cabelo dela, fazendo com que sua cabeça se puxasse para trás, seu queixo se erguesse e suas costas se arqueassem, empurrando seu traseiro em direção a ele.

Seu grito se tornou um grito de dor. —Não, por favor, isso dói!

—É suposto que sim, — ele rosnou, e desceu a mão com ainda mais força, o golpe ferindo sua palma.

—Por favor. — Ela soltou um soluço, e perversamente ele notou que ela fechou os olhos com força, uma lágrima escorrendo do canto e escorrendo pelo lado do rosto, deixando um rastro na maquiagem.

Seu pau latejava.

—Eu vou te foder agora, — ele disse a ela.

—Minha bolsa, — disse ela, com a voz trêmula. —Eu tenho preservativos na minha bolsa.

Ele sabia o suficiente sobre sexo para entender que eles precisavam estar protegidos. Ele se abaixou para a bolsa dela, que era apenas um pedaço de tecido grande o suficiente para conter alguns preservativos e alguns pacotes de lubrificante, e removeu os dois. Seu pai tinha explicado como os preservativos funcionavam, uma conversa que ele imaginou que seria embaraçosa vinda de qualquer outro pai, mas com ele era completamente natural, então ele rasgou o pacote com os dentes, abriu o zíper da calça, se libertando, e rolou o preservativo em sua ereção.

A prostituta permaneceu curvada sobre a cama, seu traseiro ainda vermelho brilhante de onde ele havia batido. Seu corpo se contraiu, mas ela não fez nenhuma tentativa de se levantar da cama ou dizer a ele para parar.

Era para isso que ela estava sendo paga.

Ele fechou os olhos e imaginou que era a garota que trouxe suas refeições que ele estava empurrando. Sua primeira vez dentro de uma mulher. Seu coração ansiava por uma conexão emocional com a pessoa, mas ela era simplesmente um vaso.

Ainda assim, ele era um jovem e não pôde evitar a reação de seu corpo à sensação de seu calor apertado envolvendo seu pau. Seus dedos cravaram em seus quadris e ele se empurrou mais fundo, sua mente nadando de prazer. Suas bolas estavam quentes e apertadas quando ele saiu dela e empurrou novamente.

Ela deu um pequeno 'oh,' mas ele não sabia se era de prazer ou de nojo. Agora, ele não se importava. Seu único foco era atingir seu pico e levar esta mulher pelo que ela tinha vindo aqui oferecendo.

Ele empurrou e empurrou novamente, batendo nela, seus movimentos ficando mais frenéticos. Ele não pensou em dar-lhe

prazer, ela foi trazida aqui para ele, paga por ele e ele foi em direção ao seu orgasmo com um foco que era inabalável.

Seu orgasmo enrolou mais baixo em seu estômago, puxando suas bolas mais altas em seu corpo. Ele ficou mais duro, e então a represa quebrou, liberando seu orgasmo em vários jatos no preservativo.

Ele abaixou para descansar, curvado sobre suas costas, sua respiração ofegante. Ele começou a amolecer e se abaixou para segurar o preservativo no lugar enquanto puxava para fora do corpo dela.

Ela se endireitou e puxou a saia de volta para baixo. Enxugando as lágrimas de seus olhos, ela se virou para a porta.

—Espere, — disse ele, de repente cheio de remorso. —Eu machuquei você?

—Está tudo bem, — disse ela, olhando para o chão. —Já tive muito pior.

O prazer que ele experimentou em estar com ela se desvaneceu. Seu estômago se revirou e a náusea o invadiu como uma onda.

O que diabos havia de errado com ele?

Ele balançou sua cabeça. —Eu sinto muito.

—Esqueça. — Ela agarrou sua bolsa do chão e correu para fora do quarto.

Ele gostaria de poder descobrir uma maneira de se conectar emocionalmente sem usar violência. Era disso que se tratava. Ele precisava sentir algo que o excitasse, precisava estar emocionalmente conectado à outra pessoa. Todos os sorrisos e beijos foram representados, tão falsos quanto seus cabelos, roupas, maquiagem e provavelmente seus nomes. Quando ele as atingiu, a dor que sentiram foi real. As lágrimas lavaram a maquiagem e permitiram que ele visse a verdadeira mulher por baixo.

Sim, era fodido. Mas considerando como ele viveu sua vida até

agora, como ele poderia esperar ser normal?



Doze



Lily caminhou pelo quarto, esperando que Monster voltasse.

Uma hora se passou antes que a porta se abrisse novamente, mas seu estômago embrulhou de decepção quando Tudor entrou.

—Ele mudou de ideia? — Ela perguntou, repentinamente nervosa. Se ele decidisse que ela não era confiável para trabalhar em seu rosto, o que seria dela? Ele não tinha outro uso para ela. Se ela não pudesse fazer diferença em sua marca de nascença, ele simplesmente a mataria?

Tudor balançou a cabeça. —De jeito nenhum. Ele está esperando por você na clínica.

Ela respirou fundo e acenou com a cabeça.

Para sua surpresa, Tudor segurou seu pulso. Seus olhos azuis perfuraram os dela com uma intensidade que ela não tinha visto antes.

—Se você fizer qualquer coisa para tentar prejudicar ele, — disse o homem mais velho, —eu mesmo cuidarei para que você seja morta. E não pense por um momento que será uma morte que a libertará de qualquer dor que esteja sentindo agora, porque não o fará. Será uma morte longa e prolongada, em que você perderá a cabeça no final e nunca encontrará alívio. Você me entende?

Com os olhos arregalados, ela assentiu.

Ele soltou a mão dela. —Bom. Porque Monster não é o monstro

que finge ser. Eu o conheço a vida toda, e como ele age às vezes não é culpa dele. Se você tivesse sido criada como ele foi, você teria alguns... problemas também.

Ela hesitou, não querendo abusar da sorte, mas então perguntou: —Você quer dizer como ele foi mantido neste quarto?

—Em parte isso, mas também outras coisas. O pai dele...— Tudor parou e balançou a cabeça. —Já falei demais. Ele está esperando por você.

Ela não queria pressionar mais, mas sentia que havia aprendido algo, e não apenas sobre o Monster. Tudor gostava de Monster. Ele estava preocupado que ela o machucaria, e ela se perguntou se ele queria dizer de uma forma puramente física.

Ela o seguiu para fora do quarto e de volta ao corredor. Como antes, ela manteve os olhos abertos para qualquer coisa que pudesse usar para sair daqui ou pedir ajuda, mas o corredor estava vazio. Tudor entrou pela porta da clínica e deu um passo para trás, segurando a porta aberta para ela passar.

Monster estava sentado na beira da cama clínica, com a cabeça baixa.

Seu coração se apertou. Algo sobre ele naquela posição o fazia parecer tão vulnerável. Suas mãos estavam entrelaçadas, seus dedos torcendo.

Ele está preocupado, ela percebeu. O que está para acontecer o está preocupando.

Percebendo que não estava mais sozinho, ele ergueu a cabeça e transformou seu rosto em uma máscara severa.

—Estou pronto. Espero que você esteja.

Ela assentiu com a cabeça e os dois olharam para Tudor.

—Eu estarei lá fora. — O homem mais velho abaixou a cabeça e saiu da sala.

—Se vou tentar remover sua marca de nascença, — disse Lily, se forçando a ser corajosa, —eu tenho que lhe fazer algumas perguntas.

Sua expressão escureceu. —Eu trouxe você aqui. Eu paguei por você. Você não consegue fazer acordos comigo.

—Não é um acordo. É como eu trabalho.

Ele apertou os lábios. —Como fazer perguntas afeta a forma como você trabalha?

—Eu preciso sentir a pessoa que estou tratando. Preciso saber quem eles são para ter uma conexão melhor com eles.

—Você deve saber que eu não faço nada pessoal, Flor.

—Talvez não, mas eu faço. Isso me permite ler melhor um paciente, quando ele está sentindo muita dor ou desconforto. Também me permite vê-los de forma diferente. Se eu conheço uma pessoa em um nível pessoal, posso ver onde o laser fez a diferença.

Ele sorriu. —Soa como me bisbilhotar.

Ela encolheu os ombros com indiferença, como se não se importasse de uma forma ou de outra. —Bem você decide. Você já teve tanto trabalho para me trazer aqui. Você quer que eu faça meu melhor trabalho, ou não?

Ele a olhou com raiva, e então seus ombros caíram. —Muito bem. O que você quer me perguntar?

Lily mergulhou. —Quanto tempo você ficou naquele quarto?

Ele desviou o olhar e por um momento ela pensou que ele se recusou a responder. —Toda a minha infância, — disse ele, por fim, — e os primeiros anos da minha vida adulta.

Sua mente vacilou com o pensamento. —Por que?

—Meu pai tinha vergonha de mim. Ele temia que se algum de seus sócios de negócios me visse, eles me veriam como uma forma de chegar até ele. Acho que era sua única fraqueza.

—Por que ele não tratou você como uma criança? Se ele tivesse feito isso, poderia ter feito uma grande diferença para você.

Ele balançou sua cabeça. —Honestamente, eu não sei. Talvez fosse porque ele não queria que ninguém me visse, nem mesmo alguém da profissão médica. Não havia muitas pessoas em quem ele confiasse. Ele poderia contratar alguém para tratar do meu rosto, mas não conseguiria evitar que seus inimigos chegassem até aquela pessoa e os usassem para prejudicar a ele ou a mim. —Um débil fantasma de um sorriso cruzou seu rosto. —Talvez ele se importasse comigo, afinal. Talvez ele estivesse tão assustado por mim quanto por si mesmo.

Ela não queria estourar sua bolha, mas ela lutou para acreditar que qualquer homem que realmente amasse seu filho iria manter ele em isolamento durante toda a sua infância.

—Mas por que você não procurou tratamento para si mesmo assim que tinha idade suficiente?

Ele encolheu os ombros. —Por muito tempo, eu não sabia que era possível. Ninguém nunca me disse que poderia haver algo que pudesse ser feito para ajudar.

Outra questão candente surgiu em sua mente. —Então, você nunca esteve fora desta propriedade?

Ele balançou a cabeça novamente. —Não fora do terreno, não.

—Mas como você trabalha?

—Este mundo moderno é perfeito para quem precisa ser outra pessoa para os outros.

Ela franziu o cenho. —O que você faz...

Ele ergueu a mão bruscamente para detê-la. —É o bastante. Precisamos começar o tratamento agora.

—Tudo bem, — ela cedeu.

Monster deitou na cama.

—Eu preciso preparar sua pele para o laser, — ela disse a ele. — Você se sente confortável comigo raspando a área?

Ele assentiu. —Eu fiz minha pesquisa. Eu sabia que seria necessário. O barbeador e a espuma estão perto da pia.

Ela saiu do lado dele e foi até a pia. Como ele disse a ela, um barbeador de cinco lâminas de aparência cara estava colocada ao lado, junto com um pouco de espuma e uma toalha. Ela encheu uma pequena tigela cirúrgica em forma de rim com um pouco de água morna e, em seguida, carregou tudo o que precisava para a unidade de aço inoxidável ao lado da cama.

—Você está pronto?

Ele acenou com a cabeça em resposta.

Ela umedeceu a pele do lado da marca de nascença com água e pano, e então começou a alisar suavemente a espuma em um lado de seu rosto. Com a área coberta, Lily limpou a mão no pano e pegou a lâmina de barbear. Começando em sua testa, ela trabalhou para baixo. Ela não queria que nenhum fio de cabelo absorvesse a luz e destruísse a intensidade do laser.

Enquanto ela descia mais, o barbeador raspou contra o crescimento da barba mais grossa em sua mandíbula, e ela parou a cada dois golpes para lavar a lâmina na água. Ela estendeu a outra mão para firmar seu queixo e ergueu seu rosto ligeiramente em sua direção.

Eles se olharam e seu coração gaguejou, algo apertando baixo e fundo em seu estômago. Isso era uma coisa tão íntima de se fazer. Como ele poderia confiar que ela não o machucaria? Depois de tudo que ele fez a ela, ele deveria estar apavorado que ela cortasse seu rosto, e ainda assim ele parecia entender o estranho poder que ele a mantinha sob.

Ela afastou o olhar e se concentrou em terminar o trabalho.

Quando o fez, ela enxugou a pele dele e, em seguida, aplicou uma fina camada de gel. —Isso ajuda a focar a luz do laser, — explicou ela, tentando dissipar o momento que havia acontecido entre eles.

Monster permaneceu em silêncio.

Lily foi para o laser profissional. Ela ligou a máquina e abriu os armários e gavetas da unidade de aço inoxidável, procurando o que precisava, luvas e óculos de proteção.

—Então, — ela disse, ficando ao lado dele, —o laser funciona focalizando cuidadosamente a marca de nascença. Ele atravessa a camada superior da pele sem causar danos e, em seguida, aquece os vasos sanguíneos que são a causa da pigmentação escura. O calor se decompõe e cauteriza os pequenos vasos, que deixam uma cor mais clara.

Ele acenou com a cabeça, mas ela podia ver a tensão em sua mandíbula. —Então, vou ver uma diferença após esta sessão?

—Sim, uma pequena talvez. Mas você vai precisar de muitos tratamentos antes de ver uma diferença real.

—Eu entendo.

—Você precisa de um anestésico local, — disse ela. —Isso vai impedir de sentir o laser.

Seus lábios se apertaram, suas narinas se dilataram. —Não, eu não preciso.

—Sim, você necessita. O laser vai doer. Confie em mim.

—Eu não preciso de nenhuma injeção.

—Bem. Um creme anestésico então. Qualquer coisa para amenizar.

—Não, eu não quero nada assim. Eu posso lidar com a dor.

Ela olhou, assustada, para a porta. —Tudor vai pensar que estou machucando você. Ele já me disse o que fará comigo se achar que

estou machucando você.

Ela viu um lampejo de algo, apreciação, carinho, afeto, em seu rosto?

—Tudor sabe que não tenho nenhum analgésico em casa.

Ela hesitou, sem saber o que fazer a seguir. O laser seria como uma faca quente sendo arrastada por sua pele. Ele não tinha ideia de quanto doeria.

—Por favor... — ela tentou novamente, mas ele a cortou.

—Apenas faça isso, — ele estalou, seus dentes cerrados.

Lágrimas encheram seus olhos. —Vai doer.

Sua voz se suavizou. —Eu sei disso, Flor. Eu mereço a dor.

—Por favor, me deixe usar alguma coisa, mesmo que seja apenas um pouco do creme anestésico.

Ela não deveria estar sentindo pena dele agora. Ela deveria querer machucá-lo. Depois de tudo que ele fez com ela, roubando-a de sua vida, batendo nela, tocando-a, ela deveria querer pegar o laser e queimar seus olhos de merda e correr. Ainda assim, ela não conseguia parar de doer seu coração por ele. Ele não era um bom homem, mas estava sofrendo mentalmente. Ele era um produto do que quer que o tenha feito ficar escondido assim por todos esses anos. Por que seus pais não encontraram ajuda quando criança? Se eles tivessem feito isso, sua marca de nascença poderia ser uma sombra desbotada agora, em vez da meia máscara quase preta que ele usava sobre seu belo rosto.

—Por favor, Monster, — ela tentou novamente. —Apenas um pouco do creme vai tirar o pior da dor.

Mas ele cerrou os punhos e os abaixou com força sobre os braços da cama, fazendo-a vibrar. —Eu disse não! Faça o que lhe é dito ou você sofrerá as repercussões.

Lily mordeu o lábio inferior e fechou os olhos brevemente. Se a dor o chocasse, ele avançaria nela? Bateria nela?

—O que você está esperando, Flor? — Ele rosnou.

Ela ligou o laser. Posicionou acima de sua marca de nascença. Ela apertou o botão e o laser começou a clicar, a luz piscando em sua pele escura.

Ele sugou o ar sobre os dentes e as mãos apertaram os apoios de braço.

—Você quer que eu pare?

—Não, — ele assobiou. —Continue.

Sua dor se tornou um gemido baixo em sua garganta, seu corpo inteiro tenso e irradiando tensão. Ela não podia imaginar a dor que ele estava sentindo agora. Suas emoções guerreavam dentro dela. Ela deveria estar feliz por ele estar sofrendo, mas seu coração se partiu por ele. Ele já tinha sofrido muito.

E quando seu gemido se tornou um rugido, seus dedos apertaram os apoios de braço, uma lágrima escorrendo de seus olhos e rolando por sua bochecha.



Treze



Com a sessão encerrada, Lily explicou os cuidados posteriores a Monster.

Ele olhou para ela, seus olhos ligeiramente estreitados como se contemplando algo. —Claro, eu tenho você aqui, se eu precisar de você, — ele disse.

Ela pensou ter visto ele tentar sorrir, mas em vez disso ele estremeceu de dor quando a expressão mudou sua pele dolorida.

Ela acenou com a cabeça. —Sim. Não tenho muita escolha nesse assunto.

—E quando será nossa próxima sessão?

—Aconselho esperar pelo menos seis semanas até repetirmos o tratamento.

Monster franziu a testa. —Seis semanas é muito tempo.

—Esse é o tempo que você precisa para sua pele cicatrizar.

—Aguardo duas semanas.

Ela balançou a cabeça. —Não! Você vai acabar com cicatrizes.

Seus lábios se apertaram, suas narinas dilataram. —Eu não me importo. Prefiro ficar com uma cicatriz do que ter essa monstruosidade na metade do meu rosto.

Pela primeira vez, ela ouviu a dor emocional em sua voz. Ele

carregou isso consigo por toda a vida, foi ensinado que as pessoas teriam pena e repulsa por ele. Seu pai o fez acreditar que ele era horrível demais para ser permitido em público.

—Por favor, — disse ela. —Vamos apenas esperar e ver o quão rápido você cura. Algumas pessoas se curam mais rápido do que outras e, se for esse o caso, vamos adiá-lo por uma semana.

Lily percebeu o que isso significava. Ela não iria para casa tão cedo. Ela não tinha ideia do que ele planejava fazer com ela quando finalmente entendesse que ela não era capaz de fazer milagres com um laser, especialmente em alguém de sua idade. Ela não seria capaz de fazer a marca de nascença desaparecer completamente. Se ela fosse capaz de tratar uma marca de nascença quando ainda era jovem, ela poderia desbotá-la o suficiente para tornar imperceptível, especialmente com a adição de maquiagem de cobertura. Mas ela adivinhou que Monster tinha quase trinta anos, se não mesmo trinta e poucos, e nessa idade seu tipo de marca de nascença tinha uma textura saliente. Além disso, a marca de nascença de Monster era a mais escura que ela já tinha visto.

Ele cruzou os braços sobre o peito largo. —Não, isso não é rápido o suficiente.

—Qual é a pressa repentina? — Ela deixou escapar. —Você parecia estar assim há anos e não fez nada a respeito. Porque agora?

Ele desviou o olhar. —As coisas mudaram.

Ela sabia que não deveria sentir pena dele, mas não conseguia evitar. Apesar de toda sua bravata e exterior duro, ela podia sentir que ele estava com dor.

—Que tipo de... — ela tentou, mas ele a cortou, cortando o ar com a mão.

—É o suficiente. É hora de você voltar para o seu quarto.

—O que?

De alguma forma, ela pensou que as coisas poderiam ter mudado agora, que ela poderia ter acesso livre ao resto da casa, e não seria mais trancada. Que estúpido da parte dela. Ela ainda era uma prisioneira aqui. Claramente, a conexão que ela acreditava ter experimentado com ele estava toda em sua cabeça.

Com a ideia de voltar para o quarto, as paredes da clínica de repente começaram a se fechar. Sua mente girou, seu coração batendo em uma vibração estranha. Uma onda de frio percorreu seu corpo, rapidamente seguida por uma onda de calor. As palmas das mãos ficaram úmidas e ela começou a tremer.

—Flor?

Ela detectou a preocupação em sua voz, mas ele parecia distante. Sua percepção de onde tudo estava na sala parecia errada. Tudo parecia enviesado e até o chão começou a se inclinar. Sua respiração tornou superficial, então ela não conseguia respirar, seu coração disparado. Ela estendeu a mão para os lados para tentar agarrar algo para ficar de pé, mas seus dedos apenas agarraram o ar. Mas então algo se apoderou dela e a colocou de pé novamente.

—Ei, o que há de errado?

Sua voz profunda interrompeu seu devaneio.

—Olhe para mim, Flor. Olhe para mim.

Ela ergueu o olhar e se concentrou nas piscinas profundas e castanhas de seus olhos. Naquele momento, nada mais existia. Simplesmente a conexão entre eles, como caminhos invisíveis que conectavam suas almas.

Lentamente, a sala começou a se endireitar novamente.

Lily piscou. —Eu sinto muito. Não tenho certeza...

Ele balançou levemente a cabeça e baixou as mãos. Só naquele momento ela percebeu que ele estava segurando a parte superior de seus braços. Ela podia sentir a impressão de seu toque ainda

pressionando em sua pele.

—Está tudo bem, — disse ele. —Eu entendo. Eu me senti da mesma forma, também, quando...

—Quando o que?

Mas ele não respondeu e ele não a olhou nos olhos novamente. O momento, quando parecia que ninguém mais existia, havia desaparecido.

—Não importa. Você vai voltar para o seu quarto agora, Flor. Mas se você se comportar, vou garantir que você saia do quarto mais tarde hoje. Se você me mostrar que posso confiar em você, sem nenhuma ação estúpida, vou retribuir por essa confiança. Está entendido?

Mordendo as lágrimas, ela assentiu.

—Tudo bem então. — Ele ergueu a voz. —Tudor? Ela está pronta para voltar.

A porta se abriu e o homem mais velho entrou. Seu olhar passou rapidamente entre os dois, e ela percebeu que ele deve ter ouvido cada palavra e som que eles fizeram.

Ela se voltou para o Monstro. —Por favor, — ela implorou. —Eu não quero voltar. Não aguento mais ficar trancada lá.

Seus olhos escuros se encontraram com os dela novamente. —Não será por muito tempo, Flor. Eu irei até você em breve, eu prometo.

Ela não sabia por que deveria confiar em suas promessas, mas confiava.

Ela permitiu que Tudor meio guiasse, meio arrastasse de volta para o quarto.

Mas o homem mais velho parecia ter se amolecido em relação a ela. —Posso pegar alguma coisa para você? — Ele perguntou. —Vou falar com a cozinha, se houver alguma coisa que você queira?

Ela deu um sorriso triste. —Café, — disse ela. —Eu realmente

sinto falta do café.

Ele acenou com a cabeça uma vez. —Verei o que posso fazer. —Ele se virou para sair do quarto e depois se virou para encarar ela. —E obrigado por hoje. Eu entendo que tudo isso é difícil, mas é necessário para ele.

E com isso, ele saiu do quarto e trancou a porta atrás de si.

Lily se deixou cair ao lado da cama e colocou a cabeça entre as mãos. Ela não deveria se preocupar com essas pessoas. Eles eram os bandidos. Eles a sequestraram e a mantiveram como prisioneira. Eles negaram a ela os confortos básicos de comida decente e água quente, e a mantiveram em isolamento até que ela desabou.

Ouviu o tamborilar de pés leves no corredor do lado de fora e, em seguida, a porta se abriu e uma nova bandeja menor foi empurrada. Imediatamente, o quarto se encheu com o aroma inebriante e de dar água na boca de café moído na hora, preto e forte. O aroma era ainda melhor do que a refeição que tinha servido a ela no início do dia.

—Oh! —Ela correu e caiu de joelhos ao lado da bandeja. Uma xícara de porcelana branca cheia de café preto forte. Alguns cubos de açúcar mascavo estavam no pires. Um pote de creme foi posicionado ao lado da xícara.

Ela deixou o creme, mas acrescentou o açúcar, girando-o com uma pequena colher de chá de prata. Levantando a xícara delicada, ela circulou ambas as mãos ao redor dela, absorvendo o calor, e então levou o café ao rosto e deu uma longa cheirada.

—Oh Deus.

Se alguém tivesse dito a ela algumas semanas atrás que uma xícara de café teria sido melhor do que um orgasmo, ela os teria jogado para fora da sala.

Depende de com quem é o orgasmo, uma vizinha perigosa sussurrou em sua cabeça.

Cale a boca, disse ela, e deu um gole no café.

Embora quisesse fazer isso durar, ela se pegou bebendo a xícara e, quando terminou, pegou a jarra de creme. Ela estava há tanto tempo sem refeições regulares que nada iria se perder ao seu redor, e ela tomou um gole do creme espesso também.

A cafeína do café parecia uma droga, aumentando seus batimentos cardíacos, deixando ela nervosa. Em sua vida normal, ela felizmente tinha bebido duas xícaras grandes por dia sem notar muita diferença, mas ela estava há tanto tempo sem cafeína que seu corpo ficava exausto com apenas uma xícara. Incapaz de ficar parada, ela foi ao banheiro e se olhou no espelho. Suas bochechas pareciam mais magras do que antes, seus olhos castanhos parecendo muito grandes em seu rosto. Ela estava definitivamente mais sofrida, e o pensamento a fez pensar nas garotas que ela havia deixado no contêiner no porto. O que aconteceu com elas agora? Alguma delas ainda estava viva, ou elas estavam vivendo vidas onde gostariam de estar mortas?

Lágrimas repentinas ameaçaram cair pelo destino daquelas garotas com quem ela nunca teve a chance de falar, e de todas aquelas que sofreram destinos semelhantes. Se ela alguma vez saísse daqui, ela jurou que faria algo sobre isso. Ela iria à polícia e contaria a eles sobre Mãos de Cigarro. Ela descreveria para a polícia cada pequeno detalhe que pudesse pensar. Se eles tivessem que revistar cada porto e cada contêiner na Costa Leste, valeria a pena.

E quanto ao Monster? A vizinha em sua cabeça saltou. *Você o denunciaria também?*

Claro. Que escolha ela teria? Ele trabalhou com aqueles homens, mesmo que nunca os tivesse conhecido. Se ele pagou dinheiro a eles, estava inadvertidamente apoiando o que eles faziam.

Não, a voz falou novamente. *Ele sabia exatamente o que eles faziam. Ele sequestrou e transportou você. Pare de tentar tornar ele um cara legal em sua mente.*

A porta se abriu e Lily deu um pulo, repentinamente culpada,

como se ele pudesse ler seus pensamentos.

Monster estava na porta, o lado imaculado de seu rosto lindo como o inferno. Ele mantinha seu corpo largo forte e ereto, um paletó cinza ajustado nos ombros, uma camisa branca por baixo. Os primeiros dois botões no pescoço estavam abertos, expondo a pele imaculada de sua garganta e dando à roupa uma aparência mais relaxada.

—Você está pronta para uma caminhada?

—Eu não sou um cachorro.

Ele riu, um som profundo e gutural. —Estou bem ciente disso, Flor. Agora você quer sair ou não?

Ela acenou com a cabeça. —Sim. Sim eu quero.

Ele estendeu o braço para ela. Hesitante, ela se aproximou, olhando seu braço com inquietação. Ela não faz isso, de mãos dadas ou de braços dados. Simplesmente não era quem ela era agora, e Monster não iria mudar isso de repente.

Ele deu um suspiro de exasperação. —Muito bem, — disse ele. — Pelo menos caminhe ao meu lado.

Ela poderia administrar isso. Seus corpos estavam tão próximos agora, permitindo que ela apreciasse o tamanho dele. Ela não era uma mulher pequena, e ainda assim ele a diminuía. Um metro e oitenta e cinco, ela adivinhou, se não mais alto. Se não fosse pela marca de nascença, ela o teria considerado classicamente bonito, e ele estava sempre bem vestido.

Para quem ele se vestia, ela se perguntou, considerando que ele nunca permitiu que ninguém o visse?

Não havia sentido em ponderar sobre tais frivolidades. Ela estava prestes a ser levada para o ar fresco pela primeira vez em semanas, e ela precisava se concentrar no que estava por vir. Sair do prédio era importante para sua alma, mas ela também precisava ficar alerta para

qualquer oportunidade que pudesse aproveitar. Ela precisava manter os olhos abertos para portas abertas, telefones, computadores. Qualquer coisa que pudesse permitir seu contato com o mundo exterior.

Qualquer coisa que possa ajudar ela a escapar.



Quatorze



Quando eles passaram pela porta da clínica e caminharam, lado a lado, mais pelo corredor, o coração de Lily acelerou. Ela nunca esteve tão longe de seu quarto desde que foi trazida aqui.

Ela já estava se sentindo exausta com o café, maravilhada com o efeito, quando ela não tomou nenhum por várias semanas, e ela reprimiu sua alegria crescente, querendo manter o foco.

O longo corredor chegou a uma seção em T, e Monster virou à direita. Várias outras portas pesadas de madeira escura saíam do corredor, e Lily se perguntou o que estaria atrás delas. Finalmente, o corredor se abriu em um grande saguão de entrada aberto. Uma ampla escadaria de madeira subia do centro, levando a um pequeno patamar onde a escada se dividia em duas. Um segundo corredor conduzia ao que parecia ser uma segunda ala semelhante àquela em que ela havia sido mantida, e alguns outros quartos conduziam ao saguão de entrada principal.

Mais importante ainda, acima da escada e da área de patamar, havia uma janela.

Lily engasgou.

A luz do sol brilhante entrava pela janela, derramando em raios pelo tapete estampado de aparência cara nas escadas. O céu além era de um azul glorioso, e ela teve vislumbres de verde onde os galhos das árvores esvoaçavam um pouco além. Ela piscou com o brilho repentino, mas não queria fechar os olhos por medo de ser uma das

últimas vezes que ela veria a luz.

—Oh, meu Deus, — ela respirou.

Monster franziu a testa para ela. —O que há de errado?

—Eu tinha esquecido como a luz do sol é linda.

Um sorriso de remorso tocou seus lábios. —Sim, eu me lembro como era.

Se você se lembra, ela queria gritar, como você poderia fazer a mesma coisa com outra pessoa?

Por enquanto, ela ficou quieta. Ela não queria dar a ele nenhum motivo para mover ela e levar de volta para a prisão. Pelo menos agora ela sabia como chegar à porta da frente. Rapidamente, ela olhou ao redor, tentando localizar um telefone, mas ela não viu nenhum.

—Por ali, — disse Monster, acenando com a cabeça para a direita, —é a cozinha e a área de alimentação. À esquerda, está a sala de estar, embora eu tendo a usar ela mais como um escritório do que qualquer outra coisa. Não tenho muitos convidados com quem gostaria de passar as noites. A segunda ala da casa contém a academia e a piscina. Um grande conservatório atravessa a parte de trás da casa.

—E quanto ao Tudor? — Ela perguntou. —Você não passa as noites com ele?

Ela estava tentando ter uma ideia de quem estaria na casa a qualquer momento.

—Tudor tem seus próprios aposentos lá em cima. Ele trabalha para mim. Não nos socializamos juntos.

Mas ele se preocupa com você, ela quase disse, mas conseguiu manter a boca fechada. Ela estava ficando boa nisso.

Exceto que Monster notou que ela segurou algo. —Diga o que você ia dizer.

Ela balançou a cabeça brevemente. —Não é nada. Eu só pensei

que você e Tudor pareciam mais do que sócios de negócios.

—Ele me conhece há toda a minha vida. Ele trabalhou para meu pai antes de trabalhar para mim.

—Eu vejo.

—Não, você não vê. Não realmente.

Ela não sabia o que dizer sobre isso, então ela permaneceu em silêncio.

—Você gostaria de sair agora? — Ele perguntou.

—Sim.

Ele caminhou até a grande porta da frente. Várias fechaduras foram colocadas na parte superior e inferior, e ele metodicamente começou a trabalhar nas travas. Ela se mexeu, inquieta e olhando ao redor enquanto ele os fazia. De uma coisa ela tinha certeza, ela não seria capaz de escapar deste lugar sem primeiro passar por aquela porta. Poderia haver outra saída, mas ela tinha certeza de que seria igualmente protegida.

Finalmente, a porta se abriu.

Lily respirou fundo, deu um passo à frente e olhou para uma longa estrada de cascalho que contornava a lateral da casa. Os gramados de cada lado da garagem eram verdes, embora ela notasse sistemas de irrigação embutidos na grama. As plantas que floresciam nas bordas eram grandes e tropicais, palmeiras de folha de bananeira, buganvílias com suas folhas coloridas de rosa e vermelho, plantas com grandes folhas verdes escuras e flores laranja e vermelhas brilhantes que Lily não conseguia nomear.

Além do terreno bem cuidado, uma enorme parede, de pelo menos três metros de altura, os cercava. As paredes eram cobertas por arame farpado enrolado.

Seu coração afundou. Seu quarto não era a prisão. Esta casa inteira era uma prisão.

—Você tem cinco minutos, — disse Monster, dando um passo para trás, para dentro da casa.

Ela olhou para ele, franzindo a testa em confusão. Ele a estava deixando sair sozinha? —Você não vem?

—Não. Eu te disse. Eu não deixo ninguém me ver.

—Mas... quem vai ver você?

—Você ficaria surpresa com o número de outras pessoas que trabalham aqui.

A esperança brilhou dentro dela. Havia outras pessoas aqui, talvez até mesmo pessoas que a ajudariam.

Ele deve ter visto a ansiedade em seus olhos. —Este lugar é protegido por homens armados que eu emprego. Se eles virem você fazendo algo que não deveria, são instruídos a prendê-la. Não pense por um momento que eles farão qualquer outra coisa, então não tente nada estúpido.

O gelo se estabeleceu em suas veias. Para que ele precisava desse tipo de segurança? Parte dela queria voltar para o quarto novamente.

—Eu não vou fazer nada estúpido, — ela disse, sua voz quase um sussurro.

—Bom. Eu vou esperar aqui por você. Se você virar à direita e contornar o perímetro da casa, levará aproximadamente quatro minutos e meio para retornar a este local. Se você ficar por mais tempo, farei com que alguém venha e encontre você, e você não ficará feliz com o resultado.

De repente, ela percebeu que não era a única prisioneira ali. Se Monster não se permitia sair de casa, não importa a propriedade, por medo de alguém ver ele, então ele ainda era um prisioneiro também. Seu pai poderia tê-lo deixado sair do quarto todos aqueles anos atrás, assim como ele estava fazendo com ela agora, mas Monster ainda não tinha escapado.

É por isso que ele quer que eu cure seu rosto. Ele finalmente teve o suficiente. Ele finalmente quer ser livre.

Sentindo-se louca, ela se virou e estendeu a mão para ele. — Venha comigo.

Seus olhos escuros se estreitaram. —Eu não posso fazer isso.

—Ninguém vai ver você.

—Você está errada. Há mais pessoas assistindo do que você pode ver.

Por que ela queria ajudar ele? A cura de pessoas estava tão arraigada em sua psique que ela não podia evitar tentar curar o mesmo homem que a sequestrou?

Lily deu alguns passos hesitantes para fora da varanda, e então olhou para ele. Ele ficou nas sombras, o lado de seu rosto com a marca de nascença quase escondida pela luz contrastante. O truque da luz o fazia parecer normal, mais do que normal, de uma beleza de partir o coração e, pela primeira vez, perfeito.

Lily deu um passo para trás para se juntar a ele na varanda.

—O que você está fazendo, Flor? — Ele rosnou das sombras.

—Eu vou sair quando você sair. Então eu sei que fiz meu trabalho corretamente.

—E se eu nunca sair?

Seus olhos se encontraram e ela sustentou seu olhar. Talvez ela fosse uma prisioneira aqui, mas ele também era.

—Estou pronta para voltar para o meu quarto agora.



Monster

(Dez anos antes)



Ele estava farto de ser mantido neste quarto.

Monster era um homem adulto agora, e mesmo com uma mulher ocasional trazida para ele, como pedaços de carne jogados para um leão enjaulado, ele ficou inquieto. As aulas de seu pai se tornaram inúteis. Ele tinha aprendido o suficiente, agora era a hora de começar a fazer. Ele queria colocar todas aquelas horas, dias e anos de aulas particulares em prática. Ele queria trabalhar lado a lado com seu pai.

Ele não era mais uma criança e estava farto de ser tratado como tal.

Em sua frustração, ele passou hora após hora malhando com o equipamento de ginástica posicionado no canto de seu quarto. Ele correu por quilômetros na esteira, com o torso nu, até derramar suor e as pernas tremerem de cansaço. Mas mesmo exausto, não foi o suficiente para suprimir o desejo dentro dele por mais. Ele levantou pesos até seus músculos incharem e doerem, e ainda não era o suficiente. Mesmo seus amados livros não podiam mais lhe trazer paz e, em vez de escapismo, ele se viu ansiando pela vida dos personagens dos livros, o que por sua vez o enchia de um ciúme amargo.

Ele precisava de mais.

Apesar de tudo, seu pai ainda tinha um estranho tipo de poder sobre ele. Monster era fisicamente maior do que seu pai agora. Ele cresceu alto e musculoso, onde seu pai envelheceu, perdeu peso e

ficou ligeiramente encurvado. Mas não era tudo sobre o domínio físico que seu pai exerceu sobre ele todos esses anos. Ele amava seu pai e o respeitava, tanto quanto ele o temia. Ele queria agradar ao homem mais velho e sabia que exigir mais deixaria seu pai com raiva. Mas que outra escolha ele tinha? Ele não poderia continuar assim pelo resto de sua vida. De que adiantava toda a educação do mundo se ele enlouqueceu antes de ter a chance de usá-la?

Finalmente, depois que outra lição foi concluída e seu pai começou a sair pela porta, Monster teve coragem de falar.

—Pai, preciso falar com você.

Seu pai fez uma pausa e se voltou para ele. —O que é, Monster? Sou um homem ocupado.

—Eu sei disso. — Ele captou o vislumbre de uma ideia. —Achei que talvez pudesse ajudar a torná-lo menos ocupado. Aliviar um pouco do seu fardo.

—O que você está falando?

—Eu gostaria de alguma responsabilidade. Eu gostaria de ir e te ajudar a administrar seu negócio, e não apenas com você me ensinando, mas realmente tomando decisões e ajudando com seus negócios.

—Não. Você não está pronto.

—Estou pronto pai, — insistiu ele. —Você me ensinou tudo o que pode.

—Não quero ouvir mais nada sobre isso, — disse o homem mais velho, se voltando para a porta.

Mas Monster não podia esquecer agora. A maldição foi aberta, e tudo o que ele estava pensando recentemente saiu de sua boca. —Você me criou para ser inteligente. Você não pode esperar que eu não queira me envolver mais ou fazer perguntas. Eu sei que essa situação não é normal. Eu sei *que* não *sou* normal, mas preciso de mais.

O rosto já duro de seu pai se tornou sólido como uma pedra. — Você precisa se sentar, filho, antes que eu o coloque no chão.

Monster se forçou a ser forte. —Você não pode mais me intimidar, pai. Eu sou maior do que você agora. Eu sou mais forte.

Irritantemente, seu pai riu. —Você precisa de mim. Você não sabe nada sobre a crueldade do mundo exterior.

—E a crueldade deste mundo? Deste minúsculo mundo que você me forçou a habitar?

—Eu cuidei de você. Você não tem ideia da verdade do que poderia ter sido.

—Então me diga! Me diga a verdade!

Sua raiva cresceu dentro dele como uma entidade viva, algo independente de si mesmo. Ele não era mais uma criança. Ele era um homem adulto e merecia ser tratado como tal. Que seu pai não parecia mais o homem robusto e duro que uma vez fora, de repente se deu conta dele. Ele parecia encolhido, suas bochechas encovadas, seus ombros curvados.

—Eu quero saber quem eu sou! — Ele demandou. —Você deve me dizer quem eu sou.

Seu pai fez uma careta. —Você é o homem que eu fiz você.

—Mas eu quero saber mais. Quero saber meu nome verdadeiro, ninguém se chama Monster!

—Você é. Foi o primeiro pensamento que tive no momento em que vi você sair sangrando e gritando por entre as pernas de sua mãe.

—Você pensou que eu era um monstro? Seu próprio filho?

—Você deveria ser grato a mim. Se não fosse por mim, você provavelmente estaria morto ou seria tratado como uma aberração em algum vilarejo empoeirado.

—Por que? É de lá que venho, de uma aldeia? Onde está minha

mãe? Devo ter tido mãe, não é? Ela ainda está viva?

O outro homem riu, o som frio. —Sua mãe era uma prostituta barata. Ela veio até mim grávida e disse que o bebê era meu. Eu mal me lembrava dela, mas eu a mantive aqui até o bebê nascer, até você nascer. No momento em que todos viram você, ficaram horrorizados com você, até o padre se benzeu. Eu considereei matar você naquele momento. Achei que seria mais gentil, mas a verdade é que queria um filho. Eu trabalhei tanto na minha vida que queria alguém para quem repassar o negócio. Para continuar meu trabalho. Eu não podia permitir que minha competição e meus inimigos levassem tudo embora com a minha morte. Então, fiz um teste de paternidade e ele provou que você era meu.

Ouvir o início de sua vida expresso em palavras fez seu coração inchar até que ele pensou que fosse explodir. Parte dele, ele percebeu, se perguntou se ele realmente era um monstro e surgiu de algum poço de fogo.

Mas não, ele havia nascido. Como qualquer outra criança. E ele teve uma mãe.

—Onde ela está? — Ele perguntou novamente, sua voz quase um sussurro.

—Quem?

—Minha mãe! — O sussurro agora era um rugido.

Ele riu de novo, e Monster cerrou as mãos ao lado do corpo, tentando se conter para não enrolar os dedos ao redor da garganta agora esquelética de seu pai e estrangulá-lo até a morte.

—Você não ouviu o que eu disse, Monster? Sua mãe era uma prostituta. Infelizmente, ela também era uma prostituta que queria seu filho. Era ridículo dela pensar que daria certo. Ela pensou que eu lhe daria dinheiro para sustentar vocês dois, para que ela pudesse sair da rua e desistir da prostituição. Ela pensou que você fosse a saída dela, como se eu fosse permitir que alguma prostituta criasse meu único

filho.

—O que você fez?

—Eu matei ela. Estrangulei ela até a morte no mesmo quarto em que você está morando nos últimos vinte e dois anos.

Vinte e dois anos. Pelo menos agora ele tinha uma idade.

Mas a notícia da frieza do assassinato de sua mãe nas mãos de seu pai o deixou atordoado de uma forma que ele nunca havia imaginado. Ele viveu no túmulo de sua mãe durante toda a sua vida. Ele trepou com mulheres, prostitutas como sua mãe, no mesmo lugar em que ela havia morrido.

A sensação que ele experimentou apenas alguns momentos antes ao saber que ele nasceu de uma mulher, que ele era inteiro e humano como qualquer outro, evaporou.

Não, ele era um monstro. Ele não era melhor do que o homem cruel e sem coração que estava diante dele. A simples existência dele foi a causa da morte de sua mãe, se ela nunca tivesse estado grávida dele, ela nunca teria vindo para este lugar frio e morrido nas mãos de um homem que não tinha capacidade de amar.

Ele queria chorar por essa mulher sem rosto, por essa estranha que lhe dera a vida, apenas para ter a dela tão brutalmente tirada. Ele queria se atirar em seu pai e bater nele por toda a dor que ele havia causado.

Mas uma vida inteira de treinamento não terminou tão facilmente.

Seu pai falou. —Ela teve que morrer para que você se tornasse quem estava destinado a ser.

A possibilidade de ele ter um destino o fez erguer os olhos. —O que você quer dizer?

—Eu não podia arriscar que ela te levasse embora. Eu precisava muito de você.

—Por que você poderia precisar de mim?

Seu pai deu um passo à frente e novamente ele ficou surpreso com o quanto parecia ter encolhido. —Todos esses anos de aulas, todos os ensinamentos sobre violência, todos os testes físicos e mentais que fiz você passar não foram à toa, Monster. Quero que você seja meu sucessor, faça crescer o que comecei e conquiste o mundo.

—Você quer que eu enfrente o mundo quando mal pude deixar meu quarto? — Ele não conseguia esconder a amargura em sua voz.

—Eu precisava te ensinar como ficar sozinho. Se as pessoas com quem trabalho souberem da sua... deficiência... verão isso como uma fraqueza. Em nosso negócio, a fraqueza o matará. Você nasceu na idade perfeita, Monster. Todos os nossos negócios podem ser conduzidos online e ninguém precisa saber como você é. Mas você deve ser forte, feroz e cruel. Você não deve quebrar por uma única pessoa.

—Por que devo ser todas essas coisas? Por que você não pode fazer isso?

Pela primeira vez, os olhos de seu pai baixaram. —Estou morrendo, Monster. Estágio três de câncer de fígado. Os médicos me deram três meses, no máximo.

O quarto pareceu inclinar, como se ameaçasse avisá-lo. —Não, isso não pode estar certo. Os médicos precisam fazer seus testes novamente.

—Eu sei há seis meses. Fiz mais testes do que posso contar. Os médicos não estão errados. Eu estou morrendo.

Monster deveria estar se alegrando. Finalmente, ele iria se livrar do homem que o havia espancado e o manteve escondido do resto do mundo. Ele seria capaz de fazer o que quisesse. Mas em vez de se alegrar, o medo o prendeu em suas garras. Como ele poderia entrar em um mundo onde já conhecia as reações de todos? Ele ficaria cara a cara com pessoas suficientes para saber exatamente como ele seria tratado. Talvez se ele tivesse seu pai ao seu lado, seu pai como ele era quando estava bem, forte, poderoso, perigoso, então ele teria a

coragem de entrar no mundo real e tentar construir uma vida para si mesmo, mas sozinho? Não, ele não podia. Ele faria o que seu pai pedisse e continuaria a administrar seus negócios para ele. Ele ficaria escondido nesta casa, e talvez um dia encontrasse coragem dentro de si para partir.



Quinze



A semana seguinte passou sem incidentes.

Todos os dias, Monster ia vê-la, permitindo que ela saísse do quarto e entrasse no resto da casa. Ela se deparou com Tudor em várias ocasiões e encontrou uma velha hispânica com pés minúsculos que não só trazia suas refeições, mas também as cozinhava.

Monster apresentou a mulher como Marianna. Marianna sorriu timidamente para Lily e balançou a cabeça em uma saudação.

Por que a mulher não tinha medo dele? Assim como Tudor, a outra mulher que trabalhava para a Monster parecia ter afeição apenas por seu chefe.

Embora ainda tivesse pesadelos com sua experiência quando estava à mercê de Mãos de Cigarro, ela parou de pensar em casa e começou a pensar no quarto como seu quarto, a cama como sua cama.

Várias vezes ao dia, ela ia à clínica e aplicava creme na pele de Monster. Ele teve sorte, tão sortudo quanto alguém com uma marca de nascença do seu tamanho poderia ter e estava se curando rapidamente. Ela até foi capaz de ver algumas áreas onde a mancha havia desaparecido.

Não demoraria muito até que ela pudesse repetir o tratamento a laser.

Ela aplicou mais algumas pinceladas da loção em sua pele enquanto ele se deitava na maca. As luvas que ela usava permitiam

que ela mantivesse a separação necessária para se manter profissional e massageava suavemente o creme para não irritar a pele frágil.

Ela o pegou olhando para ela intensamente, seus olhos parecendo procurar seu rosto, e ela sorriu de volta. —Tudo bem?

—Você é muito bonita, Flor. Você sabia disso?

Ela balançou a cabeça. —Não, eu não sou. Estou muito na média.

—Você está errada. Seus olhos são de um tom de verde hipnotizante, e eu não posso olhar para seus lábios sem me perguntar qual seria o gosto deles.

Ela parou de acariciar sua pele e puxou sua mão. —Acho que terminamos por hoje.

Ele se sentou e tirou as pernas da cama. —Você não gosta que eu fale sobre seus lábios?

—Não gosto disso.

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Como o quê?

—Como se você tivesse pensado muito no gosto da minha boca.

Um sorriso torceu o canto de seus lábios. —E se eu tiver?

Ela se virou, se ocupando em arrumar. —Então pare com isso.

Ela o sentiu se levantar da cama e ficar bem atrás dela. Ela praticamente podia sentir o calor de seu corpo e sua respiração contra sua nuca.

O coração de Lily bateu forte e ela congelou, prendendo a respiração, esperando pelo próximo movimento dele. Suas mãos se levantaram e pairaram ao lado de seus braços, e ela prendeu a respiração esperando que ele a tocasse.

O que ela faria quando ele fizesse? Ela o afastaria ou cairia nos braços de um monstro?

A porta da clínica se abriu e Tudor entrou voando.

—Senhor, — disse o homem mais velho, respirando pesadamente.
—Sinto muito, mas há uma perturbação fora das paredes.

—O que?

—Tiroteio. Acredito que a causa seja aquele problema que discutimos.

Ambos os homens trocaram um olhar, e então olharam para Lily.

Lily olhou para os dois homens. —O que está acontecendo?

Monster ergueu a mão para detê-la. —Fique aqui.

—Não, espere!

Mas eles não estavam mais ouvindo ela. Os dois homens saíram correndo da sala, descendo o corredor correndo, para que ela pudesse ouvir seus pés batendo no chão de madeira.

O que diabos estava acontecendo?

Ela não ia ficar escondida. Seu estômago se agitou de nervosismo. Pode ser alguém aqui para ajudá-la? Talvez a polícia finalmente tenha conseguido localizar ela e enviado uma equipe de homens armados para resgatá-la. Ela ousou pensar uma coisa dessas?

Lily saiu da clínica e espiou pela esquina, olhando para o corredor na direção em que os homens tinham ido. Ela apurou os ouvidos, tentando captar qualquer coisa que pudesse lhe dar uma pista do que estava acontecendo, mas com a falta de janelas ou portas externas nesta parte da casa, era impossível ouvir qualquer coisa.

Movendo-se o mais furtivamente que pôde, ela correu em direção à frente da casa.

Marianna passou correndo por ela, indo na direção oposta.

—Marianna, o que está acontecendo?

—Não, não, senhorita, — a mulher mais velha gritou, sua voz cheia de medo, seus olhos escuros arregalados. —Você deve se

esconder!

—Por que? O que está acontecendo?

Marianna agarrou a mão dela e começou a tentar puxar ela de volta para o corredor.

Lily se afastou dela. —Não, não posso.

Marianna lançou a ela um último olhar, como se achasse que Lily estava louca, e então largou a mão dela, se virou e saiu correndo.

—Merda.

Ela olhou para trás na direção em que a cozinheira havia corrido e depois para a frente da casa. Sim, ela poderia ir e se esconder, e uma grande parte dela queria fazer exatamente isso, mas a outra parte nunca se perdoaria se perdesse uma oportunidade.

—Merda, merda, merda.

Decidindo-se, ela correu para o saguão de entrada, parando na parte inferior da escada. A porta da frente estava totalmente aberta e Monster e Tudor não estavam em lugar nenhum.

O barulho rápido e o estouro de tiros automáticos vinham de fora, mas eram distantes.

Eles estavam fora das paredes.

A última coisa que ela queria era levar um tiro, mas se Tudor e Monster haviam saído das paredes altas de arame farpado, então ela também poderia. Ela correu para a varanda. Ficando perto da lateral da casa, ela correu ao redor do lado de fora, se abaixando.

Monster foi para fora.

Ele não estava completamente apavorado em ser visto. A revelação a confundiu, mas ela não podia perder tempo com isso agora. Ela precisava encontrar uma maneira de sair deste lugar.

A propriedade era enorme. Seus pulmões estavam queimando com

o esforço, suas coxas doíam por se agachar enquanto corria. Onde diabos estava o portão?

Ela ouviu gritos e o tiroteio parou.

Os tiros vieram daquela direção? Agora que o barulho havia parado, era difícil dizer, mas ela podia ver as árvores além da parede alta e ela não sabia se elas iriam mudar a direção do som.

Ela correu em uma esquina e bateu com força em um corpo sólido.

Lily soltou um grito. Mãos agarraram seus braços e a giraram de volta, uma mão movendo para prender sua boca. Houve tempo suficiente para ela ver que havia cinco pessoas, e cada uma delas usava balaclavas pretas sobre o rosto.

—Não! — Ela gritou, abafado sob a mão. Ela lutou, chutou as pernas atrás dela.

—Pare com isso, Flor, — uma voz sibilou em seu ouvido.

Monster?

Ela se sentiu relaxar um pouco. Monster tirou a mão de sua boca, embora ele ainda a empurrasse para frente, de volta para a casa.

—O que está acontecendo? — Ela exigiu, dirigindo sua pergunta para ele por cima do ombro.

—Você não pode realmente pensar que vou te dizer isso.

—Eles estão aqui para mim?

—O que? — Ele parecia genuinamente perplexo.

—As pessoas com armas. Eles vieram para me resgatar?

Ele deu uma risada fria. —Você não pode realmente pensar que ainda vai ser resgatada?

Lily não tinha ideia do que ela deveria dizer sobre isso, mas pelo jeito que ele falou, ela acreditava que as pessoas não tinham nada a

ver com ela.

Ele a empurrou para dentro de casa antes de se virar para os outros homens mascarados. —Fiquem alertas, — ele os instruiu como um grupo, então ele se virou para um dos homens mascarados em particular. —Aumente a segurança mesmo se você tiver que trazer mais homens. Faça o que for preciso para manter este lugar seguro.

O homem acenou com a cabeça, e eles se viraram como um grupo, e Lily notou as armas seguras em seus quadris enquanto corriam de volta por onde tinham vindo.

Monster fechou a porta e travou todas as fechaduras.

—Onde está Tudor? — Ela perguntou, percebendo que o outro homem estava faltando.

Monster se virou para ela. —Um desses homens era Tudor. Ele é o chefe da minha equipe de segurança, era assim quando meu pai estava vivo. Ele não participa de muitos combates corpo a corpo hoje em dia, mas ele coordena o resto da equipe.

Ela o encarou. —Em que tipo de negócio você precisa de uma equipe de segurança?

Ele estendeu a mão e puxou a máscara da cabeça, permitindo que ela visse os dois lados contrastantes de seu rosto.

—Você não deveria ter me seguido, — ele rosnou, não respondendo a sua pergunta. —Você está tentando se matar?

—Eu não acho que preciso tentar muito. Parece que todo mundo quer me ver morta atualmente.

Ele olhou furioso para ela. —Eu não.

Ela ergueu as sobrancelhas. —Não? Você já ameaçou isso com bastante frequência.

Ele fez uma careta. —Eu não estou tendo essa conversa com você. Existem coisas muito mais importantes acontecendo.

—Como o quê? Eu ouvi pessoas atirando.

—Está sendo cuidado.

—O que aconteceu?

—Rivais meus no mundo dos negócios. Eles vêm ameaçando assumir o controle há algum tempo e parece que queriam cumprir sua palavra.

—Qual é o seu negócio?

Ele ergueu as sobrancelhas. —Se eu te contar isso, terei que te matar.

—Lá vai você com as ameaças de morte novamente. Mas não tenho ninguém para contar.

—Meu negócio é em armas.

—Tipo...— ela procurou em sua mente o que sabia sobre o assunto. —Tráfico de arma e coisas assim?

Ele esfregou a boca com a mão. —Não. Muito maior do que isso. Não acredito em colocar armas nas mãos de crianças. Desenvolvemos o tipo de armas que os países querem comprar.

Seus olhos se arregalaram. —O que? Tipo nuclear?

Ele riu novamente. —Não, não é tão grande, mas mísseis, entre outras coisas.

—Mas... mas por quê?

A confusão nublou seu rosto. —Porque esse é o negócio. Meu pai cresceu do nada e então passou para mim.

—Você não precisava aceitar.

Sua confusão se aprofundou nas rugas de sua testa, no aperto de sua boca. —Claro que sim. O que mais eu teria feito? Eu nasci para isso. Todo o motivo pelo qual meu pai me criou dessa maneira foi para que eu estivesse pronto para este mundo.

—Mas você não está no mundo. Você está aqui, nesta prisão de uma casa. — Ela não queria pressionar ele, não queria arriscar ser trancada de volta no quarto, mas ela tinha que saber. Ele era um enigma. Apesar de tudo que ele tinha feito, ela queria entendê-lo.

—Posso conduzir meus negócios a partir desta casa. Meu pai me explicou como eu não podia arriscar que as pessoas me vissem como eu sou. Os homens com quem trabalho só respeitam o que podem temer. Eu não gostaria de fazer nada para destruir essa ilusão.

—Mas certamente você não pode dirigir um negócio sem nunca sair deste lugar?

—Nossa sociedade moderna é o lugar perfeito para alguém como eu. Posso me esconder atrás de uma máscara de conexão com a internet, de imagens falsas, de e-mails e conversas telefônicas.

—Ninguém nunca viu você?

Sua expressão escureceu. —Ninguém que já viveu para contar a história.

Seu estômago se apertou de medo. Ela o tinha visto.



Dezesseis



—O que acontece agora? — Lily perguntou a Monster.

Ele balançou sua cabeça. —Nada. Você continua me tratando, e quando eu estiver curado e parecer um homem normal, posso deixar este lugar e negociar com meus inimigos cara a cara.

—Mas você nunca parecerá um homem normal, — disse ela.

Ele ergueu os dedos para tocar o lado do rosto com a marca de nascença. —Por que? Porque você nunca será capaz de me curar completamente?

Foi a vez dela balançar a cabeça. —Não. Porque mesmo com a marca de nascença, você ainda é mais chocantemente bonito do que qualquer homem que eu já vi.

Lily tapou a boca com a mão. *De onde diabos tinha vindo isso?*

Mas as palavras dela o fizeram parar. Seus olhos brilharam intensamente, um músculo em sua mandíbula se contraindo. —Isso é para ser uma porra de uma piada?

Ela recuou surpresa. —O que? Não, claro que não!

—Me disseram como sou horrível durante toda a minha vida. Não espere por um segundo que eu vou acreditar em você me dizendo que sou bonito. O que você está tentando alcançar? Você acha que pode me manipular de alguma forma?

—Não! — Ela repetiu. —Só estava dizendo o que pensei. Sim,

você tem uma marca de nascença, mas o rosto por baixo ainda é lindo.

—Você está errada, — disse ele, seus lábios se estreitando, as narinas dilatadas. —Eu sei o que eu sou. Eu vi a repulsa nos rostos das poucas pessoas com quem entrei em contato durante a minha vida, eu vi no rosto do meu próprio pai quando ele olhou para mim.

Ela fixou os olhos nos dele. —Você vê alguma repulsa nos meus olhos quando olho para você?

—Você é boa em esconder seus sentimentos de seus pacientes. Eu imagino que seja uma parte importante do seu trabalho.

—Eu não estou fingindo. Ninguém com qualquer tipo de desfiguração jamais me causaria repulsa, e eu sei que você não pode ver isso por causa do seu passado, mas você é lindo, Monster. Você tem o tipo de recursos que eu esperaria ver na primeira página de uma revista.

—O quê, uma revista sobre aberrações?

—Não fale assim sobre você, — ela retrucou.

Seus olhos se estreitaram. —Então pare de mentir para mim. O que você acha que vai conseguir? Que você vai ficar do meu lado certo e eu vou deixar você ir?

Ela gaguejou. —Não... Não! Eu nunca pensei isso. Eu estava apenas falando a verdade.

—Você quer a verdade? A verdade é que sou um monstro, por dentro e por fora. Mesmo se você conseguir consertar meu rosto, você nunca vai mudar quem eu sou por dentro.

—Então por que você me trouxe aqui? Se você diz que é um monstro por dentro e por fora, por que quer que seu rosto mude?

—É muito mais fácil fazer as pessoas confiarem em você se você for bonito. Por que você acha que eu não deixo as pessoas me verem? Eles experimentariam emoções enquanto eu tento conduzir os negócios. Emoções de repulsa, ou talvez até de pena. Eu quero que

eles me respeitem, e eles nunca o farão com o meu rosto como está.

—Como eles podem tratá-lo como qualquer coisa se você não quer se expor? — Forçando para longe seu constrangimento em iniciar o contato, ela estendeu a mão e tocou suavemente a mão dele. —Só porque disseram que você é um monstro a vida toda, não significa que você é. O que aconteceu para fazer você se odiar tanto?

Seus olhos escuros se arregalaram de surpresa. —Eu não me odeio.

—Não? Me parece assim. Seu pai o mantinha trancado naquele quarto e lhe ensinou que você era algo que as pessoas temiam, mas não havia verdade nisso. Você era apenas uma criança naquela época. Ele era o monstro, não você.

Ele esfregou a mão no rosto e balançou a cabeça. —Eu deveria ter feito algo quando meu pai ainda estava vivo. Eu me questiono constantemente, me perguntando por que não o fiz. Ele era um valentão e estava tentando me fazer gostar dele. Eu sabia disso, mas não fiz nada. Eu era grande o suficiente para enfrentar ele fisicamente por anos, mas ainda assim o deixei me bater. Mesmo quando ele me disse que assassinou minha mãe e considerou me matar também, eu ainda não retaliei. Que tipo de pessoa fraca isso me torna?

Sua mente vacilou. Seu pai matou sua mãe? —Oh meu Deus.

Ele balançou a cabeça novamente e desviou o olhar. —Eu sinto muito. Eu não deveria estar dizendo essas coisas.

—Ele o manteve como um prisioneiro, Monster. Você era uma criança e ele o encarcerou e bateu em você, mas ele ainda era seu pai. Você o amava, apesar de tudo. Essa é a sua maior força, Monster. Eu vejo isso em você. Apesar de tudo que você passou, você ainda tem a capacidade de amar com cada centímetro do seu ser.

Mesmo assim, ele não olhou para ela e fragmentos de gelo perfuraram seu coração. Alguma parte dela sabia que ele iria deixá-la ver seu passado, e ela estava apavorada com o que iria encontrar.

—Eu não era criança o tempo todo. Eu cresci, mas ainda não fiz nada.

—Você não foi exposto ao mundo exterior. Talvez você tenha crescido fisicamente, mas o mundo não mudou para você. Ele manteve você mentalmente como uma criança, mantendo-o longe de outras pessoas.

Ele balançou a cabeça novamente. —Não, nem sempre. Houve coisas que ele fez... coisas que *eu* fiz... que me levaram muito longe da infância.

O alarme disparou por ela. —O que você quer dizer? Ele tocou em você? Abusou sexualmente de você?

Mas ele riu, o som desprovido de qualquer humor. —Não, ele não. Ele nunca foi assim. Mesmo com todos os seus defeitos, ele nunca me tocou dessa forma. Mas quando ele viu que eu tinha idade suficiente para me interessar por mulheres, ele as trouxe para mim. Prostitutas. Elas ficaram horrorizadas quando viram o que elas estavam sendo pagas para agradar, mas ele as espancou até que elas fizessem o que elas foram pagas para fazer.

Ela estava doente do estômago. O que ele estava dizendo? Que ele fez sexo com mulheres não apenas paga para isso, mas espancada também?

—Eu sei que você não quer ouvir isso. Não quero dizer a você, mas talvez parte de mim queira que você entenda. Eu odiava que elas não olhassem para mim. Eu me odiava por ser tão repulsivo. Lembre-se de que essas mulheres estavam sendo pagas para fazer sexo. Elas eram o tipo de mulher que faria sexo com qualquer pessoa por dinheiro, mas não conseguiam nem olhar para mim. E parte de mim as odiava por isso. Eu só queria que alguém me aceitasse como eu era. Parte de mim sentia prazer em suas lágrimas. Eu estava amargo sobre quem eu era, como eu parecia. Eu descontava minha raiva nelas e sentia prazer em sua dor.

Ela mal conseguiu dizer as palavras. —Você bateu em mulheres e

as obrigou a fazer sexo com você?

Ele balançou sua cabeça. —Não, eu não as forcei. Elas vieram até mim de boa vontade porque meu pai as pagava, e talvez elas estivessem com medo dele, possivelmente com medo de mim também. Mas sim, fui rude com elas. Eu queria que elas olhassem para mim. Eu queria ver o medo em seus olhos. — Ele desviou o olhar. — Eu disse que havia escuridão em mim, Flor. Eu disse que era um monstro por dentro e por fora. Pense no que eu fiz para você. Eu tirei você de sua vida e trouxe aqui para ser minha propriedade. Nunca pense que sou uma boa pessoa, porque não sou.

Ela queria chorar. Ela estava tão dividida. Cada parte de seu cérebro racional gritava para ela se afastar deste homem, que alguém tão completamente quebrado nunca poderia ser recomposto de novo, enquanto a parte dela que só queria curar, consertar e melhorar queria tomar ele nos braços e segurá-lo até que a dor profunda e intensa que ela sentiu nele fosse embora.

—Eu... eu...— Mas ela não sabia o que dizer.

—Não estou contando porque quero que sinta pena de mim, ou até mesmo me entenda. Estou lhe dizendo simplesmente porque quero que você saiba quem eu sou. Quero que você perceba que pode ser capaz de ajudar fora de mim, mas, no fundo, fiz coisas imperdoáveis e você não pode fazer coisas como me dizer que sou bonito.

Ela deu um suspiro trêmulo, um nó doloroso alojado profundamente na base de sua garganta. Ela abriu a boca para falar, mas as palavras se enredaram no nó e se recusaram a ceder. Apenas em sua expiração sua respiração se tornou uma resposta, e uma lágrima escorreu de seus olhos e escorreu por sua bochecha.

Seu tom suavizou. —Você não deveria chorar por mim, Flor. Eu não mereço suas lágrimas.

Ela apertou os lábios, o queixo tremendo. —Como posso não chorar? Sua história está partindo meu coração.

Ele olhou para ela, estudando seu rosto, e ela se perguntou o que ele estava pensando. Ele estava prestes a mandar ela de volta para seu quarto?

—Ah, foda-se, — ele rosnou.

Ele estendeu a mão e capturou seu rosto com as duas mãos.

Seu instinto inicial foi empurrar ele para longe, sua frequência cardíaca catapultou com esta invasão de seu espaço pessoal, mas então ele se aproximou e a beijou, seus lábios firmes, confiantes, sua língua empurrando em sua boca para se conectar com a dela.

Sua mente tropeçou. Esta era a última coisa que ela esperava. Embora ela soubesse que deveria o afastar, ele de alguma forma quebrou seu medo, e ela descobriu que estava gostando dele beijando ela.

Suas mãos deixaram seu rosto e deslizaram em torno de suas costas, uma deslizando por sua espinha, para a nuca, para enfiar em seu cabelo. A outra moveu-se para baixo, para segurar uma bochecha de seu traseiro e pressionar ela firmemente contra ele. Ela podia sentir a longa extensão de sua excitação dura contra seu estômago, e as primeiras palpitações de excitação começaram em sua barriga.

Não deveríamos estar fazendo isso.

Ela sabia que era errado em todos os níveis, especialmente depois de tudo que ele acabara de dizer, mas ela não podia evitar como seu corpo reagia a ele. Ela *queria* tocá-lo, *queria* beijá-lo. Pela primeira vez em dez anos, esse contato íntimo não transformou cada centímetro de seu corpo em pedra.

Lily levou a mão ao rosto dele enquanto ele a beijava, as pontas dos dedos ligeiramente contornando a superfície elevada da marca de nascença que ela tinha sido trazida aqui para remover. Exceto que ela mal notou a marca mais. Ela disse a verdade quando disse que conhecer seus pacientes a fazia ver suas marcas de forma diferente, exceto que, em vez de a marca de nascença se tornar mais definida

para ela, ela nem percebeu mais. Ela simplesmente os via como a pessoa que eram, não sua deformidade.

Ela pode ter sido trazida aqui para consertar o rosto de Monster, mas agora o que ela queria mais do que qualquer outra coisa era consertar sua alma.



Dezessete



A porta da frente se abriu, as numerosas fechaduras clicando uma após a outra, e tanto Lily quanto Monster se separaram e se viraram em direção a ela.

Tudor entrou, a balaclava agora removida de sua cabeça e segurada em uma das mãos. Ele olhou para Monster e para a Lily, e algo passou pelo rosto dele que a Lily não consegue ler. Claramente, o homem mais velho percebeu que havia algo entre os dois, mas se ele estava irritado ou satisfeito, Lily não tinha certeza.

—Precisamos conversar, — disse Tudor, se dirigindo ao chefe.

Monstro acenou com a cabeça. —Sim, estou ciente disso.

Tudor passou a balaclava de uma mão para a outra. —Este não será o fim de tudo. Eles vão tentar novamente.

Lily olhou para Monster. —Quem vai? Seus sócios de negócios?

Ela percebeu que Tudor franziu a testa com suas palavras.

—Você já sabe demais, — disse Monster, pegando ela pelo cotovelo. —Você precisa voltar para o seu quarto. Você estará segura lá.

—Segura? De que?

—Apenas faça o que eu digo. Vou dizer a Marianna para trazer uma refeição para você em breve. — Ele franziu a testa e olhou ao redor. —Assim que eu a encontrar.

—Ela ficou assustada com o tiroteio, — disse Lily. —Ela correu para a parte de trás da casa.

Monster apertou os lábios, estudando seu rosto da maneira como ele fez isso a fez encolher. —E ainda assim você não fez, — disse ele, pensativo. —Você correu em direção a isso. Por que fez isso?

—Eu já disse, queria saber o que estava acontecendo.

—Você não estava procurando uma maneira de escapar?

—Não! Eu só queria descobrir o que estava acontecendo.

Ele se aproximou. —Eu vou te punir se você tentar escapar. Você entende isso, não é?

Parte dela queria testá-lo. Ele a beijou, ela ainda podia sentir a pressão de sua boca na dela, ainda sentia o gosto dele em sua língua. A ideia de ele punir ela a fez estremecer, tanto de medo quanto de desejo. O que ele faria com ela? Até onde ele iria?

—Eu ouvi pessoas além das paredes, — ela admitiu. —Eu queria saber como chegar lá.

—Flor? — Ele rosnou seu aviso.

Ela sustentou seu olhar. —Eu só queria saber.

Ele olhou para Tudor. —Espere por mim no meu escritório.

O homem mais velho acenou com a cabeça e se virou para sair.

Ele a pegou pelo braço e deu-lhe um pequeno empurrão para fazer ela se mover, antes de levá-la pelo corredor de volta ao quarto. Desta vez, ela não se importou que ele a estivesse fazendo voltar para lá. Seu coração disparou, mas não por medo de ser presa ou de que ele a machucasse. Ela sentiu o relacionamento entre eles crescendo. Sim, ele era perigoso, ela não duvidou disso por um momento, mas ele também cantarolava com o tipo de tensão sexual que ela nunca tinha visto antes. Por anos, ela ficou sem qualquer tipo de contato sexual ou mesmo contato em geral. Depois do que ela passou como uma jovem

adulta, ela nunca conheceu ninguém que tivesse despertado esse lado dela. E ainda assim Monster fez. Ela não conseguia explicar. Apenas estar perto dele a excitava. Quando ele a tocou, seu núcleo interno se apertou, seu corpo inteiro vibrando com luxúria que se enrolou para baixo, condensando-se entre suas coxas.

Sua respiração ficou difícil e ele a empurrou em direção à porta do quarto e para dentro do quarto dela. Ele bateu a porta atrás de si com uma mão, a outra segurando firmemente o braço dela.

Ele a empurrou contra a parede, prendendo ela contra ela.

Seus olhos escuros cravados nos dela. —Por que você me deixou te beijar lá atrás?

Ela olhou para ele. —Porque você deveria me possuir. Isso não significa que você pode fazer o que quiser?

—Sim, sim. Mas você nunca foi alguém que não resistiu.

—É isso que você quer? — Ela desafiou. —Você prefere que eu lute com você?

Lentamente, ele balançou a cabeça. —Não faça isso, Flor. Eu já deveria estar punindo você por não fazer o que foi dito.

—Então faça isso. O que você está esperando?

—Você deveria odiar ser tocada.

—Então?

Sua mente gritou com ela. *O que você está fazendo? Por que você está provocando ele?* No entanto, todo o seu corpo zumbia de excitação. Ela queria saber o que ele faria a seguir.

—Você não age como se odiasse.

—Talvez eu só tenha ficado boa em fingir.

Ele olhou para ela e ela prendeu a respiração.

Monster deu um passo em direção a ela, fechando a já pequena

lacuna entre eles. Seu grande corpo pressionado contra o dela, e ele estendeu a mão que não segurava seu braço e acariciou sua bochecha, seu dedo deslizando para baixo, através de sua mandíbula, e para baixo ao lado de seu pescoço, afastando o cabelo de sua garganta.

Ele se inclinou ainda mais perto, a boca contra o ouvido dela. — Me diga que você não gosta quando eu toco em você.

Sua outra mão soltou seu braço e acariciou o lado de seu corpo, roçando seu seio. Ela estremeceu em suas mãos, todo o seu corpo vibrando. Até sua respiração tremia ao deixar seus lábios, mas ela queria isso. Mesmo que a deixasse louca, ela ainda queria *ele*.

Seu polegar roçou seu mamilo, que se enrugou com força em resposta. Ele fez uma pausa, sua mão movendo para segurar o grande peso de seu seio, e então o polegar e o indicador fecharam sobre o pico. O escovar contra seu mamilo se transformou em uma beliscada que enviou ondas de choque de dor e prazer por seu corpo.

Lily soltou um gemido, seu corpo afundando. Ela queria se encostar nele, engolir o pequeno espaço que ainda restava entre seus corpos, mas ele a segurou, com as costas pressionadas contra a parede atrás.

—Eu sei que você gosta disso, — ele falou contra seu ouvido, seu hálito quente. Seus lábios fizeram cócegas no ponto sensível logo atrás de sua orelha, e então sua língua fez contato com sua pele, traçando uma trilha úmida e fria em sua garganta.

Lily choramingou quando a lambida se transformou em um beijo, e o beijo se transformou em uma mordida suave, beliscando a pele de sua garganta entre os dentes.

A mão dele deixou seu seio e se moveu para baixo, para baixo, através de seu estômago e para o cóis da calça.

Ele fez uma pausa. —Isso é uma punição, lembra? Me diga para parar.

—Não! — Ela engasgou.

—Faça isso, Flor. Me diga para parar.

Ela balançou a cabeça freneticamente. —Eu não quero que você pare.

—Diga ou eu farei.

Era algum tipo de jogo que ele estava jogando? —Tudo bem, — ela cedeu, percebendo que era a única maneira de fazer ele continuar. —Pare! Eu quero que você pare.

—Assim é melhor, — ele rosnou, e puxou o cós da calça que ela usava, abrindo os botões e puxando o zíper. E então a mão dele mergulhou, por baixo do elástico da calcinha de algodão simples que ela usava, e desceu por entre as pernas. A mão dele deslizou pelo topo de seu monte, as pontas dos dedos percorrendo seus cachos aparados. Seu dedo indicador pressionou entre suas dobras, persuadindo-a a se abrir para ele, e ela afastou as pernas, tentando não pensar sobre o quão molhada já estava.

Aproveitando, ele empurrou um dedo dentro dela, e suas pernas ficaram fracas. Ela pressionou a nuca contra a parede, revirando os olhos. —Oh Deus.

—Me diga para parar, — ele rosnou novamente.

—Oh, pare, por favor, Monster.

Ele empurrou outro dedo dentro dela e ela deu um suspiro. Como ela ficou tanto tempo sem esse tipo de prazer em sua vida?

A bola de sua mão pressionou contra o botão de nervos no ápice de suas coxas, e ela se apertou contra ele, querendo de alguma forma se dissolver nele, se agarrar a ele, segurar ele com força e nunca mais soltar. Ela sabia que isso era errado, desejar ele assim era errado, mas ela nunca conheceu ninguém como ele antes, e algo sobre ele falava com ela em todos os níveis.

Sua boca deixou seu pescoço e capturou seus lábios, beijando ela com firmeza e força, enquanto ele continuava a trabalhar seus dedos

dentro dela. Ele obviamente não estava interessado em ouvir mais ela dizer não.

Uma mão ainda a prendia contra a parede, enquanto a outra empurrava profundamente dentro dela. Ela estava presa entre seu corpo duro e a parede, sua boca reivindicando a dela, seus dedos dentro dela. Ela se sentia totalmente desamparada e completamente curvada à vontade dele, e ela não teria feito de outra maneira.

Seu prazer começou a crescer, se enrolando mais e mais forte, pronto para se abrir e afogar ela em suas ondas. Ela cavalgou a sensação, não querendo perder ela por um segundo, com medo de que pudesse de alguma forma desaparecer. Ela sabia que estava chegando ao orgasmo, algo que ela só tinha feito por conta própria nos últimos dez anos e enquanto ela queria chegar a esse pico, a outra parte dela não queria chegar lá, sabendo que essa felicidade iria terminar quando ela chegasse.

Mas Monster era muito talentoso com seu toque. Ele dobrou os dedos dentro dela e ela não conseguiu mais se conter. Lily gemeu em sua boca enquanto gozava, os rolos de êxtase requintado a golpeando em completa submissão.

Seus dedos agarraram a manga de sua camisa, enquanto os espasmos finais de seu orgasmo estremeciam por ela, tentando encontrar algo para se firmar. Seu corpo inteiro ficou fraco, sua mente ainda confusa com o que acabara de acontecer.

Monster deslizou os dedos de seu corpo e os colocou nos lábios. — Agora eu não tenho que imaginar qual é o seu gosto, — ele disse, suas feições escuras perigosas e encobertas pela luxúria. Ele separou os lábios e inseriu lentamente o dedo, cobrindo a língua com o gozo dela. Ele tirou o dedo da boca e deu um passo para trás. O canto de seus lábios se curvou em um sorriso malicioso. — Agora eu sei.

E com isso, ele se virou e saiu.

Um segundo depois, ela ouviu o clique da fechadura no lugar.



Dezoito



Lily escorregou pela parede e caiu no chão. Ela se sentou, com os joelhos dobrados, os pés no chão, a testa apoiada nas mãos. Sua respiração ainda deixava seu corpo em pequenos suspiros, suas mãos, tremendo.

O que diabos aconteceu?

Ele a queria porque se importava com ela, ou isso era puramente uma coisa de propriedade? Em um momento, ela sentiu como se estivesse conseguindo alcançar ele, que ele se abriu para ela por uma fração de tempo, antes de se fechar novamente. Ele assumiu uma postura dura, mas ela viu as rachaduras de dor dentro dele.

Que ele estava machucado não era surpresa, considerando o que ele havia passado.

Ela imaginou Monster como um garotinho, com não mais de cinco anos, quão confuso e sozinho ele deveria estar. Como uma criança poderia prosperar, não apenas escondida do mundo, mas também acreditando que era algo horrível? Partia seu coração pensar nele sem mãe e com um pai que ele amava e temia. Uma raiva impotente cresceu dentro dela, desejando que ela pudesse voltar no tempo e salvar o menino-Monster, e punir o pai, mas tal coisa era impossível.

Você é quem precisa ser salva agora, disse a vizinha em sua cabeça, mas ela se afastou.

Como ela poderia voltar para sua antiga vida agora?

Ela não tinha ideia, mas certamente era isso que ela ainda queria? Lily procurou dentro de si por uma resposta. Ela não queria se sentir como uma prisioneira, mas ao mesmo tempo ela odiava a ideia de deixar Monster. Ela o condenaria à prisão e ela a uma vida sem ele se surgisse a oportunidade?

Ela não viu Monster novamente pelo resto do dia. Marianna trouxe arroz e carne de porco para ela, mas não mencionou que ela havia saído do quarto. Lily não sabia se ficava satisfeita ou desapontada. Parte dela queria ver Monster novamente, enquanto a outra parte estava mortificada com o que tinha acontecido. Ele trouxe algo nela que ela nem sabia que existia, mas agora que tinha sido lançado, ela não podia fechá-lo novamente. Ela repassou os eventos indefinidamente em sua cabeça, se lembrando das coisas que ele disse a ela e a fez dizer. Ela trouxe à mente a sensação de seus lábios em sua pele, e o olhar em seus olhos quando ele trouxe seus dedos, cobertos por sua excitação, para sua boca e a provou.

Suas bochechas queimaram com a memória, mas ela não pôde evitar a emoção erótica que correu por seu estômago e se condensou em uma pulsação entre suas coxas.

Com um suspiro, ela tentou afastar o sentimento.

Ela não deveria estar pensando em sexo. Coisas sérias ocorreram aqui hoje. Parceiros de negócios de Monster tentaram atacar a casa. Balas foram disparadas e alguém poderia ter se machucado.

Monster queria que sua marca de nascença fosse corrigida para poder enfrentar esses homens.

Lily não sabia o que ela sentia sobre isso. Enquanto ela queria que Monster se sentisse confiante o suficiente para sair desta casa e deixar as pessoas o verem, ela não queria que ele fosse morto.

Ela se manteve ocupada com um dos livros das prateleiras de Monster, mas lutou para se concentrar em qualquer coisa. Eventualmente, ela caiu em um sono profundo e só acordou para usar o banheiro, antes de rastejar de volta para a cama novamente. Seus

sonhos eram sexuais, ele empurrando seus dedos dentro dela, seu rosto enterrado entre suas coxas. Ela gozou dormindo, gritando, embora seus gritos não fossem ouvidos. Os sonhos se cruzaram, confusos e turvos. Ela sonhou com Monster, mas seu rosto estava livre de qualquer mancha. Ele era diferente em si mesmo, ele sorriu e riu com ela, estendendo a mão para tocar sua bochecha com as costas dos dedos. Ele era gentil e afetuoso e parecia feliz.

Este é o homem que ele poderia ter sido, ela pensou em seu sonho.

Uma tristeza avassaladora a encheu. Se ele tivesse permissão para crescer como um ser humano normal, se ele não tivesse sido sobrecarregado com a marca de nascença que ocupou metade de seu rosto.

Mas não, ela tratou muitas pessoas em sua vida que eram bem ajustadas, apesar de suas marcas de nascença. Foi a educação de Monster que o tornou o homem que era. Seu pai era o responsável.

Ou talvez o que ele disse fosse verdade, que ele era um monstro por dentro e por fora. Natureza versus criação. Talvez seus genes também fossem responsáveis por quem ele era.

E se sua veia cruel estivesse simplesmente em seu sangue?



Ela acordou com a porta se abrindo.

Entorpecida de sono e confusa de seus sonhos, ela se obrigou a sentar. Monster entrou com uma bandeja estendida à sua frente. O rico aroma do café encheu o quarto, junto com o cheiro quente de pão recém-assado.

Lily tirou o cabelo do rosto. —O que eu fiz para merecer o café da manhã na cama?

Ele se sentou na beira da cama e deslizou a bandeja no colchão ao lado dela. —Você precisa de sua força.

Instantaneamente, a suspeita cresceu dentro dela. —Por que?

—Porque vamos ter uma segunda sessão com o laser hoje.

Ela suspirou e empurrou a bandeja. —Você não se curou o suficiente ainda. Faz apenas algumas semanas.

—Estou curado o suficiente. Não há dor e até a sensibilidade desapareceu.

—Só porque parece curado, não significa que esteja completamente curado. Existem camadas na pele que você não consegue sentir.

—Não importa, Flor. Eu estou correndo contra o tempo. Você estava aqui ontem. Você teve um vislumbre do meu mundo. Preciso ter o rosto de um homem em quem se possa confiar.

Ela olhou para ele com seriedade e pegou sua mão. Ele olhou para as mãos unidas com surpresa, mas não se afastou.

—Você tem um rosto em que eles podem confiar, — disse ela. — Sua marca de nascença não importa.

—Só quero que as pessoas me vejam por mim, não pelo que estou mostrando.

—Elas vão. Você apenas tem que dar-lhes tempo.

Ele balançou sua cabeça. —Eu não tenho tempo, Flor. Eles vão assumir o meu negócio. Eles querem me eliminar.

—Por que ter a marca de nascença removida faz alguma diferença se isso é o que eles já decidiram?

—Porque algumas coisas não podem ser negociadas por e-mail ou

telefone. Preciso encontrar esses homens cara a cara, raciocinar com eles. Mas se eles me virem assim, vão ter pena de mim e me ridicularizar. Não quero nem preciso da pena deles, só quero o respeito deles.

—Se você mostrar a eles o quão forte você é, apesar de tudo, eles terão que respeitar você.

—Você está errada. Esses homens não perdem tempo para enxergar além da superfície. Eles julgam instantaneamente. — Seu tom suavizou. —Já está desbotado, você sabe. Estou surpreso com o que você fez, embora saiba que nunca serei perfeito.

—Nenhum de nós é perfeito.

Ele se virou na cama para encarar ela. —E você, Flor? O que há em você que a torna menos do que perfeita? Você fala comigo sobre me manter longe do mundo, mas você fez o mesmo. Talvez você tenha enfrentado seus pacientes, mas emocional e fisicamente manteve todos à distância. Eu vi os arquivos do seu terapeuta, lembra?

Seu estômago embrulhou. Ela não tinha certeza se estava pronta para falar com ele sobre seu passado.

—Eu tive meus motivos, — ela disse, finalmente.

Seus olhos escuros procuraram os dela. —Que motivos? Como fui eu que trouxe você aqui, mas agora sinto que você sabe mais sobre mim do que eu sobre você?

Por que ela não conseguia falar sobre isso? A dor era algo que ela enrolou dentro dela e segurou profundamente. Ao falar sobre o que tinha acontecido, ela temeu que a bola de dor aumentasse ao subir e a engolissem completamente. Parte dela não suportava pensar no passado, mas a outra parte não suportava não pensar.

Ignorando as perguntas de Monster, ela tomou um gole do café agora esfriando e se levantou da cama.

—Não temos trabalho a fazer? — Disse ela, erguendo as

sobrancelhas interrogativamente.

—Nós temos?

—Sim, se vamos ter outra sessão com o laser.

Ele fez uma pausa e, em seguida, assentiu lentamente. —Muito bem. Mas não pense que seus segredos ficarão escondidos de mim para sempre, Flor. Vou fazer você falar eventualmente.

Lily não respondeu. Em vez disso, ela foi ao banheiro para se refrescar.

—Você não vai comer seu café da manhã? — Ele a chamou.

Ela saiu do banheiro e se dirigiu para a porta. —Eu comerei quando terminarmos.



Dezenove



Lily preparou a clínica, ligando o laser e se certificando de que tinha luvas e óculos de proteção prontos.

Monster entrou na sala e ocupou seu lugar, deitado de costas na cama cirúrgica.

Lily pegou um tubo do creme anestésico. —Eu presumo que você não vai querer que eu use isso?

Ele olhou para o que ela segurava na mão e balançou a cabeça. —Você presume corretamente.

—Você não está provando nada para ninguém sofrendo, Monster. Você já passou por muita dor.

—Achei que você já tivesse me conhecido bem o suficiente para perceber que não vai mudar minha opinião.

Ela exalou um suspiro de frustração. —Bem, talvez eu não goste de machucar você.

Ele estreitou os olhos para ela. —Você deveria gostar de me machucar. Depois de tudo que fiz você passar, você deve ter prazer nisso.

—Não pense que não passou pela minha cabeça. Agora, vamos continuar com isso?

Ela entregou a ele os óculos de proteção e ele os colocou no rosto, antes de fechar os olhos. A tonalidade dos óculos era o suficiente para

ela ver através dele. Deu-lhe um momento para contemplá-lo sem que ele a perfurasse com aquele olhar frio. Seus cílios escuros estavam contra sua bochecha, as sobrancelhas grossas preparadas e emoldurando seus olhos. Seu queixo quadrado estava tenso com a tensão, e ela podia ver a sombra da barba crescendo bem abaixo da pele. Seus lábios estavam ligeiramente separados, e ela podia ver o brilho de dentes brancos além. Embora ele fosse lindo, não foram seus traços que chamaram a atenção dela. Em vez disso, seu olhar passou rapidamente sobre a marca de nascença que descia pelo centro de sua testa, contornando o lado de seu nariz reto e fino e passando pelo canto de seus lábios. Ele estava certo quando disse que já havia sumido. Ela podia ver pontos onde o roxo quase preto havia sido reduzido a um rosa escuro. Mas ela estava com medo de que ele tivesse almejado muito alto. Ela nunca seria capaz de fazer ele parecer um cara normal andando pela rua. Mesmo depois de um curso completo de oito tratamentos, ainda haveria áreas da marca de nascença que permaneceriam rosadas e com uma textura diferente do resto de sua pele.

Ela não queria decepcionar ele, mas agora ela descobriu que seu medo do fracasso tinha menos a ver com sua preocupação sobre o que aconteceria com ela, e mais a ver com o quão desapontado Monster ficaria.

Ele esperava milagres que ela não era capaz de realizar.

Um de seus olhos se abriu lentamente e se fixou em seu rosto. —O que você está esperando, Flor?

—Desculpe, — ela murmurou, e voltou para o equipamento.

Sabendo o que esperar desta vez, Monster já havia barbeado o rosto de maneira limpa, então Lily apenas aplicou o gel condutor na área.

Segurando a varinha de laser em sua mão direita, ela colocou a mão esquerda na cabeça de Monster, logo acima de sua têmpora. — Fique quieto, — ela disse a ele. —Você sabe que isso vai doer.

Lily inalou lenta e trêmula pelas narinas e começou o tratamento.

O laser clicou em uma taxa rápida quando o feixe de luz penetrou na pele do Monster e destruiu os vasos sanguíneos que causaram a marca de nascença. Ela tentou não se concentrar em como sua mandíbula se contraiu, seus lábios se apertaram. Ela tentou não ver como os dedos dele se enrolaram em torno dos braços da maca.

Um nó se formou em sua garganta, sua visão turva com lágrimas.

Ela piscou para afastá-las. Ela não poderia fazer seu trabalho direito se não pudesse ver o que estava fazendo.

Monster sugou o ar sobre os dentes e fez uma careta.

Resoluta, Lily largou o laser. —Tudo bem, eu não estou fazendo isso. Eu não estou te machucando só porque você sente um pouco de emoção doentia com isso.

Ele se levantou da cama. —Você acha que eu fico emocionado com a dor?

—Sim. — Ela não pretendia meditar suas palavras.

—Não é que eu tenha prazer com isso, Flor. É que não mereço menos.

—Você precisa parar de se culpar pelo que seu pai fez com você. Não foi sua culpa.

—Talvez não, mas os anos que se seguiram foram. Não pense por um momento que tenho vivido como um santo aqui desde que ele faleceu.

Suas bochechas aqueceram. Ela sabia o que ele estava dizendo. Ele estava dizendo a ela que havia mais prostitutas, que seu trabalho significava que pessoas eram feridas, talvez até mortas.

A raiva repentina ferveu dentro dela. Era uma raiva que vinha de muitas coisas, da experiência terrível que ele a fez passar para trazer ela aqui, para seu tratamento quando ela chegou, a raiva por ele não

se tornar um homem mudado depois que ele se encontrou livre de seu pai, a raiva que ela sentia de um homem que ela nunca conheceu. Um homem que pensava que não havia problema em manter uma criança trancada longe do mundo pelo simples fato de ter nascido com uma marca de nascença cor de vinho do Porto. Sua raiva varreu por ela como um incêndio na floresta apanhado pelo vento, queimando todas as outras emoções de sua alma. Se ele quisesse tanto ser punido, ela lhe daria o que ele queria e teria a satisfação de fazer ele para apagar o fogo.

—Quer saber, você merece a dor. — Ela estendeu a mão e empurrou ele no peito, empurrando-o de volta na cama. —Agora fique quieto.

Ela firmou a mão, sabendo que não poderia trabalhar nele se não pudesse controlar o tremor que queria passar por seu corpo. Ela apertou com força o lado de sua cabeça com a outra mão, os dedos enroscando em seu cabelo. Ela tentou não pensar na maciez dos fios, ou na maneira como ele a olhava, como se de repente ela o deixasse inseguro se podia confiar nela.

Bom, ela pensou, amargamente. É assim que me sinto por você o tempo todo.

Ela ligou o laser novamente, a máquina clicando em sua pele com a luz penetrante, erradicando os vasos sanguíneos que causavam sua marca de nascença escura. Ela apertou os lábios, o queixo tremendo, quando viu a dor em sua expressão. Ele não lutou, ele aceitou, e isso tornou as coisas ainda piores.

Ele merece isso, ela disse a si mesma. Depois de tudo que fez, ele aguentará um pouco mais de dor.

Mas se isso era verdade, por que estava partindo seu coração machucar ele?



Com o tratamento completo, Lily entregou a Monster um novo suprimento de creme que ele precisaria para sua pele, e ele a levou de volta para o quarto dela.

—O que acontece agora? — Ela perguntou mesmo quando a porta foi fechada em seu rosto e trancada. Ela bufou com raiva. —Caramba!

Monster mal tinha falado com ela desde o tratamento. Ele percebeu a raiva dela em relação a ele? Certamente ele não poderia culpar ela por isso, considerando tudo que ele a fez passar? Estupidamente, ela não conseguia parar a culpa de crescer dentro dela. Ela não tinha feito nada de errado, mas ela não podia fingir que não tinha pelo menos um pouco de satisfação com a dor que ela causou a ele.

Você abusou de sua posição.

Não, ela não tinha. Ela não tinha feito nada que ele não tivesse pedido que ela fizesse.

Frustrada por ter sido trancada de volta em seu quarto, ela fez o possível para ocupar seu tempo e pensamentos. Ela tomou banho, leu, dormiu e comeu as refeições que foram trazidas para ela, mas quando as horas se transformaram em dias, ela começou a se preocupar. Ela foi reduzida a bater na porta, gritando o nome de Monster. Onde ele estava? O que ele estava fazendo? Ela o irritou tanto que ele revogou todos os direitos que ele ofereceu a ela recentemente?

Um movimento veio na porta, e o coração de Lily saltou, esperando que Monster finalmente tivesse vindo para ela. A porta se abriu, mas em vez de Monster entrando, Marianna entrou apressada, uma tigela de comida na bandeja em suas mãos.

—Marianna, — disse ela, se agarrando ao braço da outra mulher

enquanto pousava a bandeja com seu almoço. —O que está acontecendo? Por que ele não veio me ver?

—Sinto muito, senhorita. O senhor está ocupado com o trabalho.

—Sim, eu entendo isso, — ela retrucou, —mas isso não o impediu de me ver antes. Ele está cuidando da pele dele?

Ela balançou a cabeça. —Eu acredito que sim, senhorita.

Lily bufou de exasperação. —E quanto a Tudor? Onde ele está?

—Ele também está ocupado, senhorita. Sinto muito.

Lily avaliou a mulher menor. Ela poderia passar direto por ela e sair para encontrar o próprio Monster.

Os olhos de Marianna se arregalaram, como se ela tivesse lido exatamente o que se passou pela mente de Lily. —Por favor, senhorita. Não faça isso. Você vai nos colocar em problemas.

Lily fez uma pausa. —O que eles fizeram com você, Marianna? Você foi roubada e trazida para cá, como eu?

Uma confusão genuína passou pelo rosto da mulher mais velha. — Não, senhorita. Eu queria trabalhar para o senhor. Eu vivia uma vida de grande pobreza antes de vir aqui para trabalhar. Ele é bom para mim.

—Mas você sabe que ele me aprisionou? Nunca pedi para ser trazida aqui.

Ela não encontrou os olhos de Lily. —Eu sei disso, senhorita. Sinto muito, mas era necessário. Ele precisava de sua ajuda.

—Mas eu não o estou ajudando trancada neste quarto! — Ela gritou, começando a se sentir desesperada.

—Sinto muito, — disse Marianna, saindo do quarto.

—Não, espere!

Mas a mulher mais velha se moveu com velocidade surpreendente,

disparando de volta para fora da porta e fechando a porta com ela. Lily bateu na madeira, seus dedos lutando para encontrar a maçaneta, mas assim que ela envolveu a mão em torno dela, ela ouviu o clique da fechadura se encaixando no lugar.

Ela cerrou os punhos e os bateu contra a madeira. —Monster! — Ela gritou. —Venha me enfrentar, seu covarde! Me deixe sair deste maldito quarto!

Furiosa, ela se virou. Ela queria descarregar sua raiva e fúria em algo, qualquer coisa. Ele a beijou, foi íntimo com ela de uma maneira que ela não tinha estado com ninguém por dez anos, e então ele a trancou de volta aqui e se esqueceu dela.

Com um grito de raiva, ela arrancou os lençóis da cama, pegou um dos travesseiros e o jogou na parede. Ela chutou a cadeira de madeira pesada, mas só conseguiu machucar o pé descalço, então ela estendeu a mão e empurrou a cadeira. Ele atingiu o chão com um estrondo, mas ainda assim sua fúria não se dissipou. Ela precisava destruir algo, rasgar algo em pedaços até que ficasse ofegante e exausta.

Seu olhar percorreu o quarto e finalmente pousou na prateleira de livros.

Sem se dar tempo para pensar, ela correu e enfiou a mão na prateleira. Com um golpe de braço, ela mandou os livros, a maioria de capa dura e algumas brochuras, voando para o chão. Como um homem faminto por uma refeição, ela caiu de joelhos e pegou o primeiro livro que encontrou. As capas se abriram e ela pegou um punhado de páginas com a outra mão e rasgou ao meio.

Com um uivo enlouquecido de prazer, ela jogou as páginas para o alto e elas caíram ao seu redor como confete.

Eu perdi minha cabeça, ela pensou abstratamente, mas isso não a impediu de pegar o próximo livro e repetir o processo, e depois outro, e outro.

Tão perdida na destruição, ela nem percebeu a abertura da porta do quarto.

—Que diabos está fazendo?

Lily olhou para cima para encontrar Monster parado na frente dela. Seu rosto estava branco de fúria, seus olhos escuros ainda mais escuros do que antes. Suas mãos eram punhos cerrados ao seu lado.

—Eu disse, — ele repetiu lentamente, mordendo cada palavra. — Que diabos está fazendo?

A loucura finalmente desapareceu e ela olhou ao redor para se encontrar sentada em um lago de papel rasgado e palavras confusas.

—Eu... eu... queria chamar sua atenção.

—Você certamente conseguiu fazer isso, — ele rosnou.

Caindo sobre um joelho, ele estendeu a mão e puxou vários dos livros arruinados em sua direção.

A raiva caiu de seus ombros e ele balançou a cabeça consternado. —Oh, Flor. Como você pode?

Ela teve um vislumbre da capa do livro que ele segurava tão preciosamente contra o corpo, como se ela tivesse matado seu animal de estimação favorito.

O Homem Elefante.

—Sinto muito, — ela sussurrou, e ela quis dizer isso.

Ele ergueu os olhos para ela. —Esses livros eram a única coisa que eu tinha na minha infância que significava alguma coisa. Eles foram o único conforto e alegria que tive em minha vida. Eles foram o meu escapismo, e você acabou de destruí-los.

—Bem, talvez você não devia ter me colocar em uma posição onde eu *quero* destruí-los. — Ela não pôde evitar a mordida em sua voz. —Assuma alguma responsabilidade, Monster. Você me tranca aqui e espera que eu não retalie?

—Eu tinha outras coisas acontecendo. Eu estava tentando te manter segura.

Ela bufou. —Me manter segura? Pelo que eu posso dizer, a única pessoa que já me colocou em perigo é você.

Ele colocou o livro arruinado no chão entre eles, mas manteve a cabeça baixa. —Eu não te conhecia então. Eu não entendia o que estava fazendo.

—Ignorância não é desculpa.

Ele ergueu os olhos para ela. —E se eu deixasse você ir agora, se eu oferecesse para que você voltasse para casa, você iria?

Uma onda de calor e frio varreu seu corpo. —É isso que você quer? Você quer que eu vá?

—Não. Eu quero sua resposta.

Ela lutou internamente consigo mesma. —Não gosto de deixar um trabalho inacabado.

—Isso não está respondendo à minha pergunta.

—Você é meu paciente agora. Eu não te deixaria sem cura.

Seus olhos escuros estudaram os dela. —Isso é tudo que eu sou para você, seu paciente?

Ela se recusou a cair nessa armadilha. Foi ele quem a sequestrou e a trancou. Ela não seria aquela que confessaria seus sentimentos a ele, não que ela tivesse algum sentimento a confessar. A única coisa que ela sentia por ele era pena e irritação. Uma atração física não conta como emoção.

Em vez de esperar por uma resposta que nunca viria, ele fez outra pergunta.

—Por que você não gosta de ser tocada, Flor?

Sua cabeça se ergueu. —Isso não é da sua conta.

—Eu possuo você agora. Tudo o que você é, é da minha conta.

Ela desviou o rosto dele, não querendo que ele visse as emoções crescendo dentro dela. —Você não pode possuir meu passado.

Ele estendeu a mão, seu dedo indicador tocando sua mandíbula, guiando seu rosto de volta para o dele.

Monster se inclinou para ela e ela prendeu a respiração. Ela estudou sua boca, os lábios exuberantes, o arco de Cupido perfeito. Sua boca se separou ligeiramente e seus olhos se fecharam quando ele se inclinou e a beijou.

Eles rastejaram pelo chão um para o outro, escalando os cadáveres de vários livros assassinados para subir nos braços um do outro. Lily colocou os braços em volta do pescoço dele e apertou os seios contra seu peito. Ele agarrou suas coxas e as puxou ao redor de seus quadris, antes de se levantar e levar ela para a cama.

Ele a jogou no colchão, jogando-a de costas, e então se juntou a ela. Ele rastejou por seu corpo, olhando carrancudo.

—Você destruiu meus livros, — ele rosnou.

—Eu sinto muito. — Sua voz era um guincho.

—Você sabe o que acontece quando você me aborrece?

—Você me pune.

—E como eu faço isso?

—Tocando em mim. — Ela mal podia acreditar que tinha dito as palavras.

Ele se sentou, montando em suas coxas. Mantendo os olhos fixos nos dela, ele alcançou o pulso esquerdo, desabotoou a manga e lentamente enrolou, expondo seu antebraço forte e musculoso. Ele estava claro pela falta de luz do sol, uma mancha de cabelos escuros cobrindo sua pele. Ela observou, prendendo a respiração, enquanto ele repetia o processo com a outra manga, os músculos do antebraço

flexionando enquanto ele usava a mão.

—Desabotoe sua calça, — ele disse a ela.

Ela balançou a cabeça. —Não.

—Faça o que eu digo.

Seu coração batia forte, sua boca secando. Como ela poderia querer algo tanto, e ainda ter tanto medo disso?

Ele olhou para ela. —Eu possuo você, Flor. Não me deixe com raiva.

Com as mãos trêmulas, seus dedos foram para o botão de sua calça. Todas as suas entranhas pareciam ter sido substituídas por insetos esvoaçantes. Ela nunca conheceu alguém que colocasse suas emoções em guerra dessa forma. Mesmo que ela estivesse furiosa com ele apenas alguns momentos antes, agora ela só queria saber o quão longe ele iria levar ela.

Ela soltou o fecho e então ele tirou o peso de suas pernas, permitindo que ela abaixasse a calça pelos quadris. Seus dedos engancharam sob o elástico de sua calcinha. —Esta também.

Com o coração batendo forte, ela fez o que ele disse. Em vez de colocar seu peso de volta em cima de suas pernas, ele agarrou seus tornozelos e os puxou de cada lado de suas coxas, então agora ele se ajoelhou entre eles.

Ela se sentia tão exposta, ele totalmente vestido, enquanto ela estava completamente nua da cintura para baixo, as pernas abertas desenfreadamente diante dele, permitindo que ele visse bem no âmago do que a tornava uma mulher.

Monster deu um sorriso lento e perigoso. —Eu te tenho agora.

As pontas dos dedos dele deslizaram pela parte interna de sua coxa, fazendo cócegas em um caminho leve como uma pena até o ápice de suas coxas, fazendo ela se contorcer. Ela queria sentir seus dedos ali novamente, trazendo ela ao clímax como antes.

Provocadoramente, ele deslizou o dedo entre suas dobras, da base do períneo até o clitóris e vice-versa. Ela deu um gemido baixo e jogou os braços atrás da cabeça, descansando-os contra o travesseiro. Seus quadris arquearam, querendo mais.

—Como você pode dizer que odeia ser tocada e, no entanto, cada vez que toco em você, você já está molhada?

—É diferente com você, — ela conseguiu ofegar quando ele empurrou um dedo dentro dela.

—Por que?

Ela soltou um gemido. —Não sei.

Ele acrescentou um segundo dedo e ela torceu a cabeça contra o travesseiro e gemeu.

Ele enfiou os dedos com mais força. —Sim, você sabe. Me diga.

—Quando você me manteve sozinha por tanto tempo, fiquei desesperada por contato humano.

Outro impulso. —Tem mais.

—Não era do toque que eu tinha medo, — ela disse entre suspiros. —Era a intimidade. — Ela torceu a cabeça novamente, tentando manter o foco no que ela queria dizer, enquanto o prazer crescente em seu núcleo ameaçava assumir o controle. —Eu me mantive afastada de todos por tanto tempo que me esqueci de como ser íntimo. Mas então eu te conheci e me reconheci.

Ele se acalmou. —De que maneira?

—Você está ferido, como eu.

Ele a recompensou aprofundando seu movimento. —Quem machucou você, Flor?

—Eu fiz. Eu me machuquei.

—Como?

Ela se contorceu contra ele, tentando encontrar sua libertação. — Por favor, Monster. Agora não. Não posso falar sobre isso agora. — Ela apertou os quadris em sua mão, querendo tanto mais, mas ela não podia falar sobre isso. Definitivamente não agora.

—Você vai me dizer, no entanto, — ele insistiu. —Não agora, mas em breve.

Nesse momento, ela teria concordado com quase tudo. —Sim, sim, — ela ofegou. —Eu vou.

—Boa menina.

Ele abaixou o rosto entre suas coxas e sua boca quente fechou sobre seu clitóris. Ela gemeu de prazer, arqueando os quadris para se pressionar ainda mais contra sua boca. Sua língua enrolou em torno do feixe de nervos sensível, provocando ela com golpes lentos e, em seguida, movimentos suaves. Seus dedos pressionaram profundamente dentro dela, alternando o ritmo com sua língua.

Lily se contorceu e arqueou sob sua atenção.

—Por favor, — ela implorou. —Quero você.

Ela queria tocar ele também. A intimidade ia de duas maneiras, e ele ainda estava se segurando dela.

—Quando eu finalmente te levar, Flor, quero que você implore por isso.

—Estou, — gemeu ela, —estou implorando!

Mas ele curvou os dedos dentro dela, encontrando o ponto ideal em sua parede interna, e seu orgasmo a invadiu, lavando todos os pensamentos e palavras de qualquer lugar alcançável. Ela era uma bola de sensações, os dedos dos pés se curvando, as costas curvando da cama. Seus olhos rolaram e o orgasmo a percorreu novamente e de novo, deixando ela como uma bagunça encharcada de suor e trêmula no colchão.

Antes que ela tivesse tempo de se recuperar, Monster saiu da

cama.

Rapidamente, ela se forçou a sentar. —Ei, onde você pensa que está indo?

Ele começou a desenrolar as mangas da camisa. —Tenho trabalho a fazer.

—É sério? Você vai me deixar assim de novo?

—Eu não tenho certeza do que mais você esperava. Você não parecia estar reclamando muito um minuto atrás, e eu deveria estar te punindo.

—Mesmo? Porque me parece que o castigo foi realmente me deixar aqui por dias sem nenhum contato.

Seus olhos se estreitaram. —O que você quer dizer?

Ela estendeu a mão e agarrou suas calças para se cobrir. Ela não podia falar com ele quando estava seminua. —Você sabe exatamente o que quero dizer. É assim que vai ser conosco? — Ela exigiu. —Um de nós faz algo errado e o outro o pune por isso? Isso dificilmente será uma boa base para um relacionamento saudável.

Frustrantemente, ele riu. —Flor, eu não tenho absolutamente nenhuma ideia de como ter um relacionamento chamado 'saudável.' Fodido é tudo que eu sei.



Monster

(Nove anos antes)



Ele não estava com seu pai quando morreu. Seu pai nunca teria permitido que ele testemunhasse tal momento de fraqueza, de extrema vulnerabilidade.

Monster sabia que algo estava muito errado quando seu pai finalmente parou de aparecer para as aulas. Depois de vinte anos, ele nunca perdeu um único dia, então algo tinha que ter acontecido.

Mesmo quando o câncer devastou o corpo agora frágil de seu pai, ele ainda apareceu na hora certa, embora Monster descobrisse que era ele quem conduzia as aulas, em vez de seu pai.

Mas então, um dia, ele não apareceu.

Ele foi informado por Tudor Mattocks, braço direito de seu pai. Ele colocou a mão no braço de Monster como forma de conforto e disse. —Seu pai faleceu durante a noite. Sinto muito pela sua perda.

Monster acenou com a cabeça. —Obrigado por me dizer.

Ele se sentiu tonto, desequilibrado. Apesar da crueldade de seu pai, ele foi a única presença constante na vida de Monster, e agora ele não estava mais lá. Ele nunca mais ouviria seus passos, ou sentaria em uma de suas aulas, com medo de errar em algo e receber um golpe, enquanto também queria desesperadamente agradar seu pai e receber seus elogios. Era um tipo de amor amargo. Um amor que realmente transcendeu o amor e o ódio.

Tudor baixou a cabeça e disse. —Você é o dono da casa agora.

Não dando tempo para Monster responder, ele girou nos sapatos e saiu do quarto.

Ele deixou a porta aberta.

O coração de Monster bateu forte, alto em seu peito, então pareceu subir por sua garganta. O que isso significa? Se ele sáísse do quarto sem permissão, qual seria a punição? Seu pai não estava mais aqui para castigar ele. Será que Tudor completaria a tarefa agora que seu pai não conseguia?

Mas Monster era um grande homem agora. Seu pai havia fornecido equipamento de ginástica e ele poderia facilmente passar várias horas por dia na esteira ou levantando pesos. Isso havia aumentado seus músculos e treinado seu corpo para um pico de aptidão física. Ele não permitiria que Tudor levantasse a mão para ele.

Mas você deixou seu pai bater em você por mais de vinte anos.

Ele afastou o pensamento. Isso era diferente.

Com a boca secando e a adrenalina correndo em suas veias, ele deu alguns passos lentos e hesitantes em direção à porta aberta. Ele não tinha acompanhante, nenhuma ameaça de seu pai emergindo das sombras e exigindo saber o que ele estava fazendo fora de seu quarto.

Uma figura avançou, e Monster congelou, seu coração batendo forte, as palmas das mãos molhadas de suor. Sua mente transformou a pessoa na de seu pai, menor agora, já que o câncer havia curvado seu corpo, emergindo da morte para punir a desobediência de seu único filho.

Mas então ele piscou e a realidade da verdadeira identidade da pessoa diante dele emergiu. Era a senhora idosa que estava trazendo suas refeições para ele recentemente.

Ela o avistou e abaixou a cabeça. —Bom dia senhor.

Ela não iria questionar ele? Exigir saber o que estava fazendo fora

de seu quarto sem supervisão?

Em vez disso, ela disse. —Gostaria de seu café da manhã na cozinha esta manhã, senhor?

Mesmo assim, os olhos da mulher não encontraram seu rosto. Ele sabia que era uma criatura de aparência assustadora, que o pessoal não conseguia sequer olhar.

—Umm, sim. Isso seria ótimo, obrigado.

Ele se encontrou em um mundo paralelo e não reconhecia mais a casa que viveu em toda a sua vida.

Sem outra opção, ele se dirigiu para a cozinha. Tudor estava no balcão da cozinha. —Seu café e jornal, senhor, — disse o homem, apontando para os dois itens no balcão. —Hoje temos um dia agitado. Temos o infeliz arranjo do funeral de seu pai para atender, e então você precisa ser informado sobre os negócios de seu pai.

—Eu conheço o negócio do meu pai, — ele retrucou.

Tudor abaixou a cabeça. —Claro, minhas desculpas.

Seu pai o estava ensinando sobre todos os contratos que eles mantinham há anos. Ele conhecia cada uma das identidades e fraquezas da oposição. Ele sabia quais dos contratos eram de maior importância para eles e quais poderiam ser retirados ou usados como moeda de troca. Ele sabia exatamente quanto dinheiro cada contrato valia, junto com seu desembolso.

Ele também conhecia os perigos do negócio, como, quando milhões de dólares podiam mudar de mãos em um negócio, outras pessoas sempre queriam uma parte da ação e estavam dispostas a fazer qualquer coisa para consegui-lo.

Uma série de estrondos altos vieram da direção da porta da frente.

Tudor apertou os lábios, as narinas dilatadas. —Vou me livrar deles, senhor.

O outro homem se virou na direção da porta da frente e caminhou, apressado, mas com as costas retas.

Monster permaneceu focado na porta da frente. Vozes baixas e urgentes chegaram até ele, e então veio um grito mais alto e o som de uma porta batendo. Ele ficou tenso, a mão apoiada no balcão da cozinha como se para se equilibrar.

—Ele está morto, não está? — Um homem com pele cor de café e cabelo preto como azeviche entrou na cozinha. Ele falou com Tudor enquanto entrava, seu pescoço torcido para olhar para Tudor por cima do ombro enquanto ele caminhava. —Se o filho da puta está morto, o negócio dele precisa ir para mim. Ninguém vai cumprir nenhum dos contratos se não houver ninguém para dirigir o negócio.

—Existe alguém. — Monster falou, sua voz rica e autoritária, e o homem se virou surpreso. —E sou eu.

Os olhos do recém-chegado se arregalaram, instantaneamente focalizando a enorme marca de nascença em um lado do rosto do Monster.

—Que porra é essa? Isso é para ser algum tipo de piada?

Lentamente, Monster balançou a cabeça. —Não é brincadeira. Eu vou assumir o negócio do meu pai.

—O inferno que você vai, sua aberração de merda. Quem diabos é você, afinal?

—Eu sou filho dele. Ele deixou seu negócio para mim.

Seu queixo caiu. —Você é filho dele?

—Sim eu sou.

—Você só pode estar de brincadeira comigo? Aquele lindo filho da puta gerou uma aberração? — A risada explodiu de seus lábios e a raiva de Monster ferveu dentro dele.

—Eu sou o que sou, — disse ele. —Mas meu pai me criou para

assumir seus negócios quando esse dia chegasse, e é exatamente isso que pretendo fazer.

—Mas ninguém mais sabe sobre você? Ele manteve você escondido todo esse tempo? — Sua mão alcançou a parte de trás da calça.

—Monster...— Tudor avisou.

O homem se virou para olhar para Tudor, uma expressão perplexa e incrédula no rosto. —Como você acabou de chamar ele?

Rapidamente, Monster estendeu a mão e puxou a maior faca do bloco que estava no balcão ao lado dele.

Sentindo movimento, o homem girou de volta, puxando a arma do cós da calça. —Não tente nada, porra, — ele avisou. —Vou atirar em você aqui e agora, filho da puta. Ninguém mais sabe que você existe. Este negócio era para ser meu agora. Ele me devia isso!

—Não, — disse Monster. —Ele *me* devia isso.

Pulando para frente, ele mergulhou, indo para as pernas do outro homem. O homem disparou, mas passou por cima da cabeça de Monster.

Monster atingiu as pernas do homem, jogando ele para trás. A arma voou de sua mão e Monster ergueu a faca e a enfiou fundo na garganta do homem. Seus olhos rolaram e um estranho som gorgolejante saiu de sua boca. Suas mãos agarraram debilmente a faca, mas ele não tinha forças para puxar ela ou sabia que não adiantaria.

Monster se ajoelhou, sentou e observou a luz se apagar dos olhos do homem. Uma dormência fria se instalou em seu coração, em sua alma. As preocupações torturadas de uma criança maltratada não o incomodavam mais. Ele era um homem forte e poderoso, com dinheiro e poder a seus pés. Ele entendeu agora por que seu pai fez o que ele fez. Ele também entendeu por que não podia permitir que os inimigos de seu pai vissem seu rosto. Isso os assustaria? Talvez. Mas

muito provavelmente eles iriam rir dele, sentir pena dele e não mais respeitá-lo. Ele não podia arriscar.

Ele ergueu os olhos para encontrar Tudor segurando uma arma, embora não estivesse apontada para ele.

—Você tinha uma arma, — disse Monster. —Mesmo assim, você não atirou nele.

—Você precisava entender exatamente no que está se metendo. Eu queria ter certeza de que você teria a capacidade de sentir o gosto de sangue se fosse necessário.

—Acho que provei que tenho essa habilidade.

Tudor concordou com a cabeça. —Sim, você tem.

—Este será o último estranho a me ver, — disse ele a Tudor. —Quero construir um muro ao redor da propriedade. Faça com três metros de altura e arame farpado no topo. Quero homens armados posicionados ao redor da parede 24 horas por dia, sete dias por semana. Nenhuma outra pessoa vai entrar nesta propriedade sem meu conhecimento e permissão. Se alguém olhar nessa direção, eu quero saber sobre isso.

Tudor baixou a cabeça. —Sim senhor. Quando você gostaria que a construção começasse?

—Agora mesmo. E providencie para que essa bagunça seja limpa.

—E o funeral.

—Ele não merece um funeral.

Enquanto Monster se afastava, em direção à sala que agora seria seu escritório, ele percebeu que não derramou uma única lágrima por seu pai.



Vinte



Os dias se transformaram em semanas. Embora a tensão permanecesse alta na casa, Monster não fez nenhuma tentativa de tocar ela novamente. Ele permaneceu frio e profissional, e somente quando ela aplicou creme em sua pele, e verificou sua cura, eles se tocaram. Do contrário, eles haviam entrado em um relacionamento estranhamente profissional, o que deixou Lily ainda mais louca do que quando ele a empurrou contra a parede e colocou os dedos dentro dela. Cada vez que ela sentia que poderia ter quebrado algumas de suas paredes, ele parecia construir elas ainda mais alto e mais profundo.

Pelo menos, desde que ela massacrou seus livros, Monster parou de trancar ela em seu quarto dia após dia. Em vez disso, ele deu a ela rédea quase livre da propriedade, e ela caiu em uma rotina fácil e pacífica. Ela começou a cozinhar com Marianna na cozinha, sovando massa para fazer pão fresco, uma tarefa que ela descobriu ser estranhamente catártica e aprendendo a fazer os ricos molhos à base de tomate em que as carnes eram cozidas, para serem servidas com arroz e feijão.

Ela conversou com Marianna enquanto trabalhavam, tentando fazer com que a outra mulher lhe contasse para onde no mundo ela fora trazida. Ela fazia perguntas furtivas sobre o estilo de cozinhar, ou quais temperos eram populares em quais países, mas Marianna só olhava para ela com as sobrancelhas levantadas e os lábios firmemente unidos. Ela não ia passar pela outra mulher.

—E você, Marianna? — Ela perguntou um dia, enquanto elas estavam juntas cortando dentes de alho e cebolas perfumados. — Como você acabou trabalhando aqui?

—É uma longa história, — disse a mulher mais velha, balançando a cabeça.

—Então? Fico feliz em ouvir. Não é como se eu tivesse que estar em qualquer outro lugar esta noite.

Marianna deu uma pequena risada. —Isso é verdade, — disse ela em sua voz com forte sotaque.

—Me conta. O que te trouxe aqui?

—Os homens me trouxeram aqui, — disse ela. —Inimigos de nosso mestre, mas homens para quem trabalhei naquela época. — Ela deu uma risada fria. —Trabalhar para eles talvez não esteja certo. Eles me tiraram da minha aldeia porque meu pai tinha uma dívida com eles. Eles decidiram que eu era o suficiente para compensar seu pagamento, então fui forçada a servir eles como eles quisessem. — Ela olhou para os vegetais e continuou a picar furiosamente. Lily notou as lágrimas brilhando em seus olhos escuros, mas ela não tinha certeza se as lágrimas eram devido à emoção de relembrar sua história, ou das cebolas que estavam cortando. —Eu provavelmente tinha a sua idade quando me levaram, — ela continuou. —Eu deveria estar casada, mas ninguém queria se casar com alguém da família do meu pai. Ele era um jogador terrível e um homem violento. Eu estava com medo dele, com muito medo de fugir e não tinha para onde ir.

—E ele deu você a criminosos para pagar suas dívidas?

Ela acenou com a cabeça. —Os homens me usaram para tarefas domésticas no início, mas logo se tornou mais. Eles colocaram as mãos em mim, fazendo insinuações, e as insinuações rapidamente se tornaram promessas. — Os lábios dela se apertaram, as linhas dos cantos se tornando mais definidas. —Eles me estupraram, vários deles, muitas vezes. Quando eles terminavam, eles iriam me bater também. Lutei para fazer as tarefas domésticas por causa dos meus

ferimentos, então eles me batiam mais um pouco. — Ela parou e colocou a faca na tábua de cortar. — Esses não eram bons homens, senhorita. Eu sabia disso. Eu os ouvi falando sobre outro homem, um homem que se mantinha escondido e que tinha muito poder e dinheiro. Percebi, pelas conversas, que eles consideravam esse homem seu rival e, no que me dizia respeito, qualquer homem que fosse seu rival era meu amigo, mesmo que ainda não soubesse disso. Então um dia consegui escapar e vim aqui. Eu fui espancada e estava ensanguentada. Tudor me encontrou amontoada fora dos portões. Implorei a ele para me deixar entrar. Eu disse a ele de onde vim e que contaria a ele cada palavra que tivesse ouvido. A princípio, nosso mestre pensou que eu tivesse sido deixada em seu portão para espionar ele, mas aos poucos ganhei sua confiança. Demorou quase um ano antes que ele me permitisse ver seu rosto. Eu não fiquei surpresa. Eu já desconfiava que algo assim estava errado. Eu tinha visto coisas semelhantes com bebês em minha aldeia e nos arredores, embora muitos deles não tenham passado da infância.

Lily franziu a testa. — Como eles não conseguiram passar da infância? Marcas de nascença não são fatais.

— Não, mas as pessoas não aceitariam os bebês, considerando eles portadores de azar para a aldeia. Na maioria das vezes, seriam abandonados e deixados para morrer, ou colocados em um dos orfanatos onde não teriam chance de serem adotados.

— Isso é horrível. — Lily estava atordoada. Ela não tinha pensado por um momento que a outra mulher tinha uma história assim por trás dela. — Então você mora aqui desde então?

Ela acenou com a cabeça. — Sim. Senhor tem sido muito bom para mim. Ele até mesmo me paga em uma conta bancária a cada mês como salário, embora eu diga a ele para não fazer. — Ela riu. — Não sei onde ele pensa que algum dia vou gastar o dinheiro.

— Há quanto tempo você está aqui, Marianna?

Ela franziu a testa, seus olhos se erguendo para o céu enquanto ela

calculava. —Cerca de nove anos agora, eu acredito.

—E você tinha a minha idade quando foi trazido para cá? — Ela descobriu que Marianna só tinha trinta e tantos anos. Ela teria dado pelo menos dez anos mais velha.

Marianna deve ter entendido sua linha de pensamento. —Tive uma vida difícil, senhorita, — disse ela, —e isso transparece no meu rosto.

As bochechas de Lily coraram com o calor. —Oh, eu não quis dizer...

Ela riu e colocou uma mão quente sobre a de Lily. Pela primeira vez, Lily não recuou. —Oh, está tudo bem. A beleza nem sempre é uma bênção, aprendi isso nas mãos dos inimigos de nosso mestre. Estou contente como estou agora. A vida tem sido fácil para mim desde que cheguei aqui.

Lily sorriu. —Estou feliz por você.

—E você, senhorita? Como é sua vida aqui?

Ela encolheu os ombros. —Não tenho certeza. Comecei a me sentir em casa agora, embora eu não vá fingir que uma parte de mim não sente falta da minha antiga vida. É o trabalho mais do que qualquer coisa. O resto da minha vida era bastante vazio.

Marianna deu um sorriso secreto. —Mas você tem o mestre agora.

—Tenho ele? Eu tenho? Ele me tem, mais como isso.

—Eu vejo como ele olha para você. Você significa muito para ele, mais do que ele é capaz de admitir, talvez até para si mesmo.



Eventualmente, Lily concordou que a pele do Monster havia se

curado o suficiente para ela conduzir uma terceira sessão com o laser.

Ele reclinou na cama médica e ela preparou sua pele para o tratamento.

—Estou surpreso com a diferença que você fez, — disse ele, olhando para ela. —Eu sonhava com essa mudança, mas acho que nunca realmente acreditei que isso aconteceria.

Ele estava certo. Grandes partes da marca de nascença, especialmente nas partes mais lisas do rosto, como a testa, já estavam rosadas. Outras áreas, nas dobras de seu nariz e mandíbula, ainda estavam escuras, mas o impacto geral de sua marca de nascença havia diminuído muito.

Lily não tinha certeza de como se sentia sobre a mudança. Ela estava satisfeita por Monster se sentir melhor consigo mesmo, mas parte dela sentia falta da beleza quase sobrenatural que ele segurava com uma parte de seu rosto na escuridão permanente, enquanto o outro lado parecia perfeito o suficiente para pertencer a um anjo. A outra coisa com a qual ela se preocupava era Monster sair ao mundo para ficar cara a cara com os homens que ameaçavam seu negócio. Depois de ouvir a história de Marianna, ela percebeu que Monster era um criminoso que estaria lidando com outros criminosos, homens capazes de estuprar e matar. Pelo menos nesta casa ele estava seguro.

—Estou feliz que você esteja feliz com os resultados, — disse ela. —Lembre-se de que a marca de nascença não vai desaparecer completamente, mesmo depois de concluirmos os tratamentos.

—Eu sei. Você me disse quando veio pela primeira vez aqui.

Era estranho estar tão perto dele novamente quando eles eram tão íntimos. Ele se arrependeu do que aconteceu entre eles? Ele não fez nenhuma menção a isso, e ela estava muito envergonhada e constrangida para fazer isso. Ela se sentia como se eles estivessem dançando ao redor um do outro desde então, o conhecimento de quão intimamente ele a tocou como um fio de seda invisível que os unia,

mas do qual eles nunca poderiam falar.

Ela se lembrou daqueles primeiros dias, como ela estava apavorada, como ela quase perdeu a cabeça.

—Você sabe, — ela disse. —Você poderia apenas ter me pedido para vir aqui.

Ele balançou sua cabeça. —Você nunca teria vindo por conta própria.

—Como você sabe disso?

—Porque eu sei que você se preocupa com seus pacientes. Você nunca os teria deixado para vir aqui para mim.

Ela se lembrou de todas as pessoas com quem trabalhava em casa e uma pontada de tristeza a invadiu. Seus pacientes dependiam dela. Ela odiava pensar que os teria decepcionado, ou que eles ficariam preocupados com seus futuros tratamentos com um novo terapeuta. Ela estava mais preocupada com as crianças. Muitos, senão todos, sofreram algum tipo de bullying por causa de suas marcas de nascença, o que os deixou feridos e fragilizados. As crianças podem ser alguns dos algozes mais cruéis, sem se importar com as repercussões ou como fizeram a outra criança se sentir. Seu desaparecimento teria afetado mais fortemente aqueles pacientes.

—Não, você está certo, — ela admitiu. —Eu não teria vindo.

Ela hesitou, e então fez a pergunta que estava queimando em seus lábios. —O que acontece comigo quando seus tratamentos estiverem completos? Você vai me manter aqui?

Seus olhos se encontraram com os dela. —Você gostaria de voltar?

Ele não deu a ela nenhuma razão para pensar que sentia algo por ela. Ela conhecia seu passado e como ele tratava as mulheres, e estaria se enganando se pensasse que ele a via como algo mais do que uma mulher para lhe dar o que precisava.

—Acho que sim, se eu tivesse essa escolha.

Uma sombra que não tinha nada a ver com sua marca de nascença passou por seu rosto, e ele desviou o olhar, quebrando o contato visual. —Não tenha muitas esperanças, Flor, — ele avisou. —Posso ter encontrado um novo emprego para você até então.

Um arrepio percorreu sua espinha. Ela sacudiu a cabeça e tentou se concentrar no trabalho que já tinha.



Vinte e um



Na manhã seguinte, ela acordou como de costume e se vestiu. Ela se dirigiu à cozinha para ajudar Marianna com o café da manhã, mas ao se aproximar do saguão de entrada, ela parou. A porta da frente normalmente fechada e trancada estava totalmente aberta. Algumas caixas grandes estavam do lado de dentro da porta, mas, fora isso, não havia ninguém por perto.

O coração de Lily disparou.

Logo além da porta, a luz do sol brilhante irradiava para a grama verde e rosa, roxos e laranjas das flores tropicais nos canteiros. Além da parede de arame farpado, altos pinheiros se estendiam em um glorioso céu azul.

Você pode ir lá, uma vozinha sussurrou em sua cabeça. Ninguém está aqui. Ninguém vai saber.

Não, eu não posso, argumentou a parte temerosa dela. Os homens do Monster podem me ver. Eles vão dizer a ele.

Eles estão procurando por pessoas do lado de fora da parede, não dentro. Apenas saia para o sol, apenas por um minuto...

Sem nem perceber, seus pés se moveram por conta própria, levando ela para mais perto da porta aberta, passo a passo, e mais perto do ar fresco e do belo sol. Ela ouviu a tagarelice incessante do canto dos pássaros e o zumbido dos insetos. Um sopro de brisa agitou seu cabelo e trouxe consigo a fragrância inebriante das flores.

Lily deixou escapar um pequeno soluço de alegria. Era como se a vida tivesse acabado de passar pela porta e beijado sua bochecha.

Sem discutir mais consigo mesma, ela começou a correr e irrompeu pela porta, na varanda, e então desceu os degraus e entrou no terreno. Ela estendeu os braços e girou, o rosto erguido para o sol. O soluço de prazer se transformou em riso. Ela nem percebeu que sentia falta de estar do lado de fora tanto quanto ela sentia.

Outra coisa pode estar aberta.

A voz falou em sua cabeça, trazendo ela de volta à realidade. Se alguém se esqueceu de fechar e trancar a porta, talvez tenha feito o mesmo com o portão. Ela parou, o jardim ainda girando ao seu redor por um momento, e rapidamente olhou ao redor. Ela ainda estava sozinha.

Não perdendo mais tempo, ela correu ao redor da casa, indo para onde ela pensava que os portões deveriam estar. Quando ela tentou isso antes, ela colidiu com Monster e seus homens antes de ser capaz de ver muito mais, mas desta vez, quando ela contornou a lateral da casa, ela viu um grande portão de metal, como o tipo ela tinha visto em uma garagem antes, só que maior, embutido na parede de pedra. Esse portão estava firmemente fechado e parecia que só funcionava por meio de algum tipo de controle remoto, mas um pouco mais adiante havia um segundo portão, muito menor, destinado a pessoas a pé.

Esse portão estava entreaberto.

Lily cambaleou até parar e respirou fundo.

Havia sua chance de liberdade. Ela não tinha ideia do que havia além do portão, ela nem sabia em que país estava, embora ela tivesse reduzido a um punhado dentro da América do Sul que eles poderiam ter alcançado considerando quanto tempo ela passou no avião no caminho. O que aconteceria se ela corresse para fora daqueles portões? Ela iria encontrar alguém que a ajudasse, ou ela teria problemas piores do que os que teve aqui?

Ela começou a avançar, mas dedos envolveram seu braço e a puxaram de volta.

—Que diabos você pensa que está jogando, Flor?

—Nada! Eu não estava jogando em nada. — Sua presença dominadora se elevou sobre ela. Ela não teve coragem de olhar para ele, sabendo o quão furioso, magoado e desapontado com ela ele ficaria. A decepção e a dor foram as piores, ela odiava tê-lo decepcionado.

—Mesmo? Isso não é o que parecia para mim. Parecia que você estava prestes a fugir.

—Não, por favor, — ela chorou, caindo de joelhos, então ele apenas parcialmente a segurou pelo braço. —Eu não quis fazer isso.

Em que diabos ela estava pensando? Ela realmente queria correr? Era como se seu corpo tivesse apenas reagido por instinto e seu cérebro não tivesse realmente processado suas ações.

Ela realmente queria deixar ele?

Ele a colocou de pé e a segurou, as costas dela contra seu peito, seu braço esmagando seus seios. —Eu vou ter que punir você agora, — ele rosnou em seu ouvido. —Eu te avisei para não me fazer punir você.

O músculo sólido de seu corpo pressionado contra o comprimento de suas costas, e ela podia sentir sua dureza afundando na base de sua espinha. Seu corpo inteiro vibrou, tenso com antecipação. Seu coração já batendo forte agora parecia pular e gaguejar sobre si mesmo em seu peito. O resto do mundo nadou para longe, sua mente girando, apenas parando para se concentrar em como o corpo de Monster se conectou com o dela.

Eles passaram por Tudor e outro homem enquanto voltavam para a casa.

—As instalações não estão seguras, — Monster rosnou para

eles. —Cuide para que tudo fique seguro antes que alguém perca o emprego, se não a vida.

Os dois homens trocaram um olhar e correram em direção ao portão aberto.

Ele a arrastou de volta para o quarto, sua força tornando impossível para ela lutar, se isso era o que ela queria.

Ele a empurrou pela porta do quarto e a fechou atrás de si, fazendo-a pular. Ela se virou para encarar ele, seu corpo inteiro vibrando com sua combinação de medo e necessidade. O olhar que ele deu a ela era puramente primitivo, um desejo tanto de possuí-la quanto de colocá-la em seu lugar. Três longas passadas o trouxeram diretamente à frente dela, e ele não perdeu tempo em livrar ela de suas roupas. Ele puxou o cós da calça dela, rasgando o botão para que caísse no chão e puxando o zíper. Ele empurrou a calça de seus quadris, então ela se agrupou em torno de seus pés. Ela nunca teve permissão para usar sapatos, então ele simplesmente chutou seus tornozelos, forçando-a a sair do tecido. Então ele pegou a barra de sua camiseta e a arrastou para cima e sobre sua cabeça.

—Por que você tentaria me deixar, Flor? Achei que íamos chegar a um acordo.

—Sinto muito, — disse ela, sentindo-se exposta e vulnerável enquanto estava diante dele apenas com a roupa íntima. —Eu não estava...

—Cale-se. Eu não quero ouvir suas desculpas.

Eu não tinha planejado ir embora, ela desejou dizer a ele. Eu só queria sentir a luz do sol novamente.

Mas ela sabia que deveria querer correr. Ele já havia dito a ela que não era um bom homem, mas então por que seu coração chorou ao pensar em deixar ele para trás, e por que seu corpo ansiava por seu toque?

Ela estava tão confusa.

Ele a girou e a empurrou contra a cama, então ela pousou com as palmas das mãos no colchão, seu corpo em um ângulo de noventa graus. Suas mãos fizeram contato com seus quadris, contornando as curvas de seu corpo. Seus polegares engancharam no topo de sua calcinha e ele a puxou para baixo com seu movimento, deixando seu traseiro nu e exposto.

Lily prendeu a respiração. Mortificada, ela percebeu que tinha ficado molhada entre as coxas e o material de algodão de sua calcinha tinha grudado em suas dobras. O desejo apertou na boca do estômago, embora cada parte de seu cérebro dissesse que ela não deveria querer isso. Ela não deveria querer este homem que a levou e a manteve cativa. No entanto, ela queria. Ela não podia negar o que seu corpo estava dizendo a ela.

—Você vai receber sua punição agora, Flor.

Ela prendeu a respiração, os dentes cravados no lábio inferior, os ombros tensos em antecipação.

Ela sentiu o movimento dele antes de qualquer coisa, o movimento do ar ao seu redor quando ele trouxe a mão em um golpe para baixo. Sua palma atingiu sua nádega direita com um estalo. Ela sugou o ar, mas não doeu da maneira que ela esperava. Em vez disso, as vibrações do golpe afundaram em seu núcleo, aumentando sua excitação. Sua mão se levantou e ele bateu nela novamente, fazendo ela gemer. Ela baixou a cabeça, a tensão que sentia nos ombros começando a diminuir. Seu traseiro se inflamou, e o próximo golpe picou sua pele agora sensibilizada. Mas da próxima vez que ele bateu nela, sua boceta se apertou e uma pulsação lenta e prazerosa percorreu seu corpo inteiro. Lily fechou os olhos com força, se concentrando nas sensações quase insuportáveis.

—Flor? — O tom de Monster foi um aviso. —Isso é para ser uma punição.

—Eu sei. — Ela assentiu freneticamente. —Só não pare.

A mão dele fez contato com o traseiro dela novamente, mas desta

vez como um golpe suave. Ele deslizou para baixo, as pontas dos dedos traçando as linhas fracas onde o topo de suas coxas e seu traseiro se encontravam, e então se moveu entre suas pernas.

Lily engasgou.

—Você está molhada, Flor. Isso não estava no plano.

—Eu sinto muito. — Mas ela não pôde evitar se afastar ligeiramente, abrindo caminho para ele. Mais do que tudo, ela queria que ele empurrasse os dedos dentro dela e acabasse com a necessidade dolorosa que começou a florescer dentro dela quando ela finalmente experimentou o que era estar totalmente sozinha.

Sua mão se moveu mais alto, roçando seus lábios molhados. — Você não deveria gostar de ser tocada.

—Eu não, — ela disse entre suspiros. —Quer dizer... eu não gosto.

Ele se moveu ainda mais alto, seu dedo deslizando em uma linha agonizante entre suas dobras, abrindo ela. —Então você não gosta disso?

—Não, — disse ela, com o peito arfando. —Eu não gosto.

Seu dedo deslizou entre seus lábios, mergulhando em sua entrada. —Que tal agora? — Sua voz ficou áspera. —Você gosta disso?

Ela balançou a cabeça.

—Seu corpo trai você, Flor.

Ela não se conteve. Com um gemido, ela pressionou, empurrando contra sua mão.

Seu dedo empurrou mais fundo, totalmente dentro dela agora.

—Esta é uma ideia muito ruim, — ele rosnou. —Eu te avisei sobre mim. Eu te avisei para não me fazer punir você.

—Oh, Deus, — ela chorou quando ele acrescentou outro dedo, abrindo ela. Muitos anos se passaram desde que o sexo fez parte de

sua vida, ela tinha esquecido o quão incrível era. —Eu não me importo. Apenas me puna, por favor, — ela implorou.

—E se a sua punição envolvesse eu te foder até você chorar?

—Sim. — Ela acenou com a cabeça novamente. —Quero isso.

—Eu não tenho nada aqui, — ele disse, seus dedos escorregando de seu corpo. —Eu não tenho nenhuma proteção.

—Eu não me importo, — ela repetiu, e ela não se importou. Tudo o que ela sabia era que queria ser beijada, fodida, tocada e consumida até que nada restasse dela, exceto uma poça exausta de carne e esperma. —Apenas me foda.

Seus dedos se enredaram em seu cabelo, suas unhas rudes arranhando seu couro cabeludo, e então seus dedos se apertaram com força na nuca. Ele puxou bruscamente, puxando o cabelo dela em seu punho. A dor atingiu seu couro cabeludo e ela arqueou para trás para compensar, expondo a garganta e esticando os seios.

—Bom, — disse ele, enquanto abria o zíper das calças com a outra mão. Ela o sentiu se posicionar, o toque suave de seu pau cutucando em sua entrada. —É assim que eu imaginei você.

Com um impulso forte de seus quadris, ele empurrou dentro dela. Fazia muito tempo desde que ela teve um homem dentro dela, e ela experimentou a invasão como um estiramento, um choque ardente que a fez gritar.

Ele se inclinou sobre suas costas, sua boca fazendo contato com seu ombro. Ela gemeu quando ele arrastou a língua para dentro de sua clavícula, e então quando ele puxou para fora e empurrou dentro dela novamente, ele afundou os dentes em seu ombro.

—Oh, Deus, — ela chorou. A doce felicidade de prazer e dor misturados. Uma sensação disparou a seguinte, intensificando ambas.

Monster empurrou dentro dela, duro e agressivo. A mão dele cravou com força em seu quadril, e ela sabia que teria hematomas na

pele pela manhã.

Ela olhou por cima do ombro, para ver sua expressão feroz de concentração. Havia algo tão erótico sobre ele ainda estar em sua camisa e jaqueta, enquanto ela estava nua, exceto pelo sutiã. Gradualmente, seu corpo se suavizou e lubrificou para ele, e a dor deu lugar ao prazer. Ela se encontrou empurrando de volta nele, querendo mais.

Ele deve ter percebido sua necessidade, porque sua mão deixou seu quadril e alcançou a protuberância dos nervos no ápice de suas coxas. Seus dedos fizeram contato com seu clitóris e ele esfregou círculos firmes enquanto seu pau deslizava ritmicamente para dentro e para fora de sua boceta. Lily perdeu o controle, se contorcendo contra sua mão enquanto ele a fodia. Todo o seu ser foi reduzido ao seu corpo e ao desejo que ela precisava saciar.

O orgasmo começou como uma onda apertada em sua virilha, que lentamente se espalhou mais e mais para fora, até envolver todo o seu corpo. E então quebrou, e ele aumentou seu movimento, batendo nela enquanto seus músculos internos pulsavam ao redor dele, e estrelas brancas explodiam atrás de suas pálpebras.

Ela o ouviu dar um grito, e ele se segurou profundamente dentro dela, seus quadris estremecendo para empurrar dentro dela novamente, e então uma terceira vez quando seu próprio orgasmo se desfez e ele se derramou dentro dela.

Eles ficaram parados por um momento, o braço dele envolvendo sua cintura. Seus corpos se ergueram como um só enquanto recuperavam a respiração. Uma gota de suor desceu pela ranhura de sua coluna e ela o sentiu amolecer dentro dela.

Monster saiu de seu corpo e se afastou. Sem nenhum outro lugar para ir, ela rastejou sobre a cama e caiu de lado. Exausta, mas saciada, ela ficou deitada com seu sêmen escorrendo por entre suas coxas. Ela olhou para ele ansiosamente, querendo que ele tirasse suas roupas e subisse na cama com ela, mas em vez disso, ele apenas olhou para ela,

seus olhos percorrendo toda a extensão de sua pele avermelhada e machucada.

Ele se afastou e balançou a cabeça. —Isso foi um erro.

E ele se virou e saiu do quarto.

Lily se encolheu de lado, e então a magnitude do que acabara de acontecer a invadiu. Um soluço explodiu de sua garganta e ela colocou os braços em volta das pernas e se permitiu chorar. Muitos anos se passaram desde que ela se entregou a um homem como aquele, se dar a si mesma fosse uma maneira certa de colocar as coisas. Ela se perguntou se Monster teria pegado de qualquer maneira se ela não tivesse se oferecido. O ato trouxe de volta tantas emoções. O que ela estava pensando? Ela certamente estava ficando louca. Mas não, ela conhecia sua própria mente e seu próprio corpo. Ela o queria, e ele a queria. Esta pode ser uma situação pouco ortodoxa, para dizer o mínimo, mas aquela atração existia desde o primeiro dia, e ambos finalmente cederam a ela.



Vinte e dois



Lily acordou com o som do fim do mundo.

A explosão a catapultou do sono, e ela se endireitou na cama com um suspiro. Seu quarto ainda estava intacto, mas o som da explosão ecoou em seus ouvidos. À distância, ela ouviu o estalo de vigas quebrando e, mais longe, sons de coisas cedendo e destroços caindo no chão.

O que diabos estava acontecendo?

Homens gritando chamaram sua atenção. Era Monster? Mas não, eles estavam falando em um idioma que ela não entendia. O *pop-pop-pop* de tiros se seguiu e ela se jogou para fora da cama, para se esconder no chão ao lado dela.

Ela rezou para que Monster estivesse bem, mas ela não podia evitar se agarrar a uma esperança estúpida e irracional.

Talvez eles estejam aqui por mim. Tudo o que ele disse a você pode estar errado, e estes podem ser soldados dos Estados Unidos que finalmente a rastream e estão aqui para levá-la para casa.

Mas eles não falavam inglês. Talvez eles tenham recrutado alguns moradores locais para quebrar as barreiras?

Não, ela estava sendo estúpida. Essas eram as pessoas sobre as quais Monster havia falado, a razão pela qual ele queria que sua marca de nascença fosse removida. Eles eram o inimigo, e ela precisava se lembrar disso.

Então, por que ela continuou se apegando à esperança? E por que era mesmo esperança? Afinal, era isso que ela queria? Agora que Monster a trouxe de volta à vida, ela planejava abandonar ele ao seu destino, enquanto ela voltava para casa e vivia uma existência normal?

Ela não conseguia pensar sobre tudo isso agora. Os gritos dos homens ficaram mais altos. Havia vários deles, pelo menos.

Monster onde está você?

Lily pairou atrás da cama, indecisa. Ela estava feliz por ter se vestido novamente depois que Monster deixou sua cama algumas horas atrás. A vulnerabilidade de ter que lidar com isso enquanto ela estava nua teria sido demais.

Ela deveria ir lá fora e tentar encontrar ele? Ou seria melhor ela ficar exatamente onde estava? Ela nem tinha certeza se a porta estava trancada ou não. Se estivesse destrancada, ela não poderia simplesmente ficar aqui, se escondendo. Apesar de todos os seus defeitos e fraquezas, ela não era uma covarde. Ela iria sair e enfrentar o que quer que estivesse acontecendo.

Com sua mente decidida, Lily se levantou e correu para a porta. Os sons de tiros ficaram silenciosos no momento. Com a mão trêmula, ela tentou a maçaneta da porta. Para sua surpresa, a maçaneta girou e a porta se abriu.

—Merda, — ela assobiou.

Parte dela esperava que a porta estivesse trancada. Pelo menos isso teria permitido que ela se escondesse no quarto.

Pare de ser uma covarde de merda.

Lily abriu a porta com cuidado e olhou para o corredor. Estava vazio, no momento, sem nenhum sinal do que quer que tenha causado o som de destruição que a acordou. O que quer que tenha acontecido deve ter acontecido na outra ala da casa, acima da qual os aposentos de Tudor estavam localizados. Ela esperava que o homem mais velho

estivesse bem. Apesar de seu começo seriamente difícil, ela não queria que nada de ruim acontecesse com ele.

Se movendo o mais silenciosamente que pôde e se mantendo de costas para a parede para o caso de alguém irromper por uma das portas adjacentes, ela correu pelo corredor, em direção à parte principal da casa. O corredor se abria para o grande saguão de entrada, e Lily parou e deu um suspiro de choque.

Marianna estava caída ao pé da escada.

Lily correu para o lado dela e caiu de joelhos ao lado da outra mulher.

—Marianna? — Ela chamou, o mais silenciosamente possível. Não houve resposta. —Marianna? — Ela disse com mais urgência.

Seus olhos estavam fechados e Lily não conseguia ver nenhum sinal de sua respiração, ou seu peito subindo e descendo. Ela havia caído da escada ou se ferido na explosão que Lily ouviu? Ela estendeu a mão para pegar a mão da mulher, para pressionar seus dedos contra a parte interna de seu pulso para sentir se ainda tinha pulso, mas ela puxou de volta a mão. Uma poça de sangue saiu de baixo do corpo de Marianna, e Lily percebeu o que ela não viu antes, dois ferimentos a bala logo abaixo das costelas de Marianna.

Lily levou a mão à boca. —Oh Deus não.

Ela caiu para trás e se arrastou, se empurrando com os calcanhares. Seus pés atingiram o sangue, e ela deixou marcas onde tentou se afastar. Ela percebeu que sua mão direita estava úmida e olhou para baixo para ver uma marca de mão vermelha contra os ladrilhos de mármore branco.

—Oh! — Ela chiou de novo, esfregando freneticamente a mão na camisa. Lágrimas encheram seus olhos e a cena à sua frente ficou turva. Ela soltou um soluço e cobriu a boca com as duas mãos, com medo de que quem matou Marianna ainda estivesse por perto e pudesse ouvir ela. Olhando ao redor, com os olhos arregalados, ela

esperava que homens armados irrompessem da cozinha ou da sala de estar e atirassem nela ali mesmo.

Onde diabos eles estavam?

Havia apenas uma explicação, eles foram atrás de Monster.

Ela não estava ajudando ninguém sentando chorosa ao lado de um cadáver. Lily se obrigou a se levantar e tentou não olhar para Marianna. Rapidamente, ela verificou a sala de estar e a cozinha, mas ambas estavam vazias. Ela precisava verificar a outra ala da casa, embora não tivesse ideia do que faria se encontrasse alguém. Ela nem estava armada.

Lily fez uma pausa, e então correu de volta para a cozinha e puxou a maior faca da gaveta. Não seria muita defesa contra homens armados, mas pelo menos era alguma coisa.

A segunda ala ficava fora do corredor na parte de trás da escada, uma extensão mais recente que deve ter sido adicionada à parte principal do edifício. Ela correu pelo corredor adjacente, seu coração batendo forte, cada terminação nervosa em seu corpo alerta para qualquer ruído ou movimento. Um estalo repentino e outro estrondo a fizeram parar, um grito preso em sua garganta, e um momento depois uma nuvem de poeira e sujeira rolou pelo corredor em sua direção.

Que diabos?

Quando teve certeza de que ninguém a seguiria, ela avançou novamente. A poeira ficou presa em sua garganta e na parte de trás do nariz, e ela começou a tossir. Aterrorizada de que alguém pudesse ouvir, ela tapou a boca com a mão, tentando sufocar a tosse.

Ela entrou no espaço onde o corredor para a segunda ala deveria ter se aberto, mas em vez de mais paredes, ela viu o terreno e a parede de arame farpado de três metros além.

O prédio em si estava uma bagunça. A maior parte da parede havia desaparecido, assim como parte do teto e do telhado. Sujeira e tijolos estavam empilhados ao redor da carnificina, mais sujeira

escorrendo da parede de tijolos expostos que restou. A mobília estava coberta de poeira vermelha, assim como o tapete e o chão.

Lily colocou as costas da mão, a que segurava a faca, na boca e no nariz, tentando não inalar mais a poeira, que continuava a fazer cócegas em sua garganta. Não havia dúvidas em sua mente de que foi assim que quem matou Marianna entrou na casa. Eles devem ter imaginado que sutil nunca iria funcionar em um lugar tão guardado e trancado como este.

Então, onde diabos estavam todos? Onde estavam todos os seguranças que Monster afirmava estarem sempre vigiando a casa? Todos eles foram mortos?

Lily voltou por onde veio. Ela começou a correr, seus pés batendo no chão empoeirado enquanto corria. A sujeira ficou presa em seus olhos, fazendo ela piscar com força, fazendo com que seus olhos lacrimejassem. Ela saiu do corredor e correu de volta para o saguão de entrada, em direção ao final da escada e ao corpo de Marianna.

Ela bateu em alguém e voou para trás com o impacto. A faca caiu de sua mão e deslizou pelo chão. Um conjunto de mãos a agarrou por trás, e ela se retorceu e se lançou para frente novamente, mas as mãos a agarraram com mais força.

Frenética, ela olhou ao redor.

Quatro homens a cercaram, incluindo aquele diretamente atrás dela que a segurava pelos braços. Eles pareciam hispânicos, mexicanos talvez, cada um com os mesmos olhos escuros, pele cor de café e cabelo preto. Todos eles empunhavam armas.

De repente, a ameaça de armas estava muito mais perto quando o cano frio de uma delas pressionou contra sua têmpora.

O homem disse algo em espanhol.

—O que? — Ela perguntou.

—Ela é americana, — disse um dos homens na frente.

—Sim. Sim! — Ela chorou. —Eu sou uma americana. Eu fui sequestrada.

O homem riu e se virou para seu camarada. —A aberração também gosta dessa merda, — disse ele, seu inglês com forte sotaque.

—Por favor. Minha família tem dinheiro. Se você me tirar daqui agora, eles vão pagar uma fortuna para me levar para casa. — Ela não tinha certeza de onde as palavras vieram. Tudo o que ela estava pensando era que ela precisava tirá-los de casa. Eles estavam obviamente aqui pelo Monster, e pela explosão e a maneira como eles estavam armados, para não mencionar o assassinato de Marianna, ela não achou que fosse uma ligação de cortesia.

—Sua família tem dinheiro, certo? — Um dos homens disse.

—Sim, bastante. Eles ficarão tão satisfeitos em saber que estou bem, eles vão pagar a você tudo o que você pedir.

Ela não sabia como diria a eles que não tinha família e, certamente, ninguém que pagaria para ter ela de volta. Dizer tal coisa provavelmente apenas assinou sua sentença de morte.

—Por favor, — ela implorou. —Vamos apenas dar o fora daqui.

O homem atrás dela riu novamente e puxou seus braços com mais força, torcendo seus ombros. Lágrimas brotaram de seus olhos com a dor e o medo. Ela olhou para o corpo de Marianna e sufocou um soluço. Ela não iria sobreviver a isso.

Uma revelação de repente ocorreu a ela.

Ela queria sobreviver. E não era apenas de uma forma teimosa, 'eu não vou deixar isso me vencer' que ela sempre sentiu antes. Pela primeira vez, ela descobriu que estava olhando para o futuro. Ela queria saber se ela e Monster de alguma forma encontrariam o caminho de volta um para o outro. Ela queria continuar a trabalhar em seu rosto e tornar ele o melhor homem que poderia ser. Ela queria um futuro cheio de paixão, entusiasmo e realização.

Ela queria viver.



Monster

(Dias atuais)



Monster tossiu, seus pulmões se encheram de poeira e soltou um gemido.

O que diabos aconteceu?

Ele tentou se mover e percebeu um enorme peso pressionando suas costas. Pedacos de tijolo espetaram sua coluna, pernas e nádegas, duros e imóveis. Uma poeira branca turvou sua visão. Se agarrou a seus cílios e cobriu sua pele, e quando ele engasgou e tossiu, ele pôde sentir ela cobrir sua língua e ralar o fundo de sua garganta.

Onde estava Tudor? Eles estavam caminhando pela propriedade juntos, discutindo os problemas recentes de certos adversários que estavam enfrentando, quando a explosão aconteceu, e então ele acordou sob os escombros. O outro homem não poderia estar longe.

—Tudor? — Ele tentou gritar, embora sua voz estivesse tão empoeirada quanto ao seu redor. —Tudor! — Ele tentou novamente, desta vez mais alto.

Nenhuma resposta veio de volta.

Ele tentou se levantar com os braços, na esperança de mover o que quer que estivesse em cima dele. Algo se moveu, caindo de suas costas, mas, segundos depois, um enorme estrondo veio de sua direita, fazendo com que outra nuvem de poeira explodisse ao seu redor. Ele

se encolheu, tentando cobrir a boca com o ombro.

Monster congelou quando a poeira baixou novamente, preocupado se ele tentasse se mover novamente, ele traria outra avalanche de material de construção em cima dele. Ele não podia simplesmente ficar aqui e esperar por uma ajuda que provavelmente nunca viria. Ele precisava sair disso, mesmo que isso significasse a possibilidade de trazer mais da casa para cima dele.

Ele sabia exatamente quem era o responsável por isso. Os irmãos Gonzalez-Larrinaga queriam enfiar uma faca em suas costas desde que ele matou seu primo, dez anos atrás. Foi uma rivalidade amarga de longa data, apenas exacerbada pela recusa de Monster em se encontrar com eles cara a cara. Por muito tempo, ele acreditou que, ao conduzir todas as suas reuniões de negócios por vídeo-chamada, onde mantinha o rosto apagado, havia criado algum tipo de enigma e mistério sobre ele, que por sua vez o levava a sussurros e medo. Mas, recentemente, ele foi acusado de estar com muito medo de se encontrar com eles cara a cara, e daí a razão pela qual ele trouxe a mulher aqui. Claro, ele não tinha planejado cair por aqueles grandes olhos castanhos e lábios carnudos. Ele não tinha pensado que apenas estar perto dela o deixaria duro, ou que ele não seria capaz de tirar o pensamento de quão gentilmente ela tocou seu rosto para fora de sua cabeça.

O pensamento de Flor o fez renovar seus esforços. O que acontecera com ela? Ele orou a Deus para que ela estivesse bem, mas como os irmãos Gonzalez-Larrinaga mataram seus homens no muro e explodiram metade de sua casa, ele não deveria ter muita esperança. Mas ele tinha esperança. Ele tinha que ter. Se ele não esperava que ela ainda estivesse viva, ele poderia muito bem deitar aqui e morrer.

Monster tentou mover as pernas, mas elas estavam bem e verdadeiramente presas sob um monte de entulho. Ele precisava libertar a metade superior de seu corpo para que pudesse usar as mãos para liberar as pernas. Ele balançou os ombros e girou da esquerda para a direita, com o corpo todo tenso cada vez que algo se movia ou

caía ao seu redor. Ele também estava ciente de que um dos irmãos Gonzalez-Larrinaga ou seus homens poderiam facilmente retornar e colocar uma bala em sua cabeça. Ele só podia imaginar que os escombros o haviam escondido de vista quando eles entraram no que restava da propriedade ou isso ou eles já o consideraram morto.

Onde está Tudor? O outro homem estava morto?

Gradualmente, tijolos e escombros começaram a se mover, mas todo o processo estava demorando muito. Ele não sabia quanto tempo ficou inconsciente, mas cada minuto que passava era outro minuto que Flor podia estar machucada em algum lugar, ou então os homens Gonzalez-Larrinaga eram os que estavam machucando.

Ele deu um rugido de frustração e irrompeu para cima, tirando o resto dos destroços de suas costas. Mais poeira caiu de seu cabelo e em seus olhos. Ele cobriu a boca enquanto outra rodada de tosse percorria seu corpo. Os espasmos causaram dor entre suas costelas, mas ele ignorou. Ele poderia dizer que não estava gravemente ferido, graças a Deus ou pelo menos a metade superior de seu corpo não estava.

Monster começou a trabalhar, levantando, arrastando e raspando mais tijolos e concreto da metade inferior de seu corpo. Suas unhas quebraram, suas palmas machucadas e cortadas, mas ele não tinha escolha a não ser ignorar qualquer desconforto.

Gradualmente, ele desenterrou as pernas até conseguir soltar.

Timidamente, ele flexionou os pés e puxou as pernas para o corpo. Ele teria alguns hematomas graves nos próximos dias, supondo que vivesse o suficiente para ver eles, mas quase milagrosamente, nada parecia estar quebrado.

Monster se levantou e tentou não olhar para a destruição. Esta tinha sido a casa de seu pai e significava muito para ele, mas era apenas de tijolos e argamassa e poderia ser reconstruída.

Ao contrário das pessoas que ele poderia ter perdido.

Embora quisesse encontrar Flor, ele sabia que Tudor não poderia

estar longe. Ele estava bem ao seu lado quando a explosão aconteceu. Tudor pode ter sido jogado para longe dele na explosão, mas ele ainda estaria por perto. O fato de Monster não ter ouvido gritos de socorro, ou mesmo gemidos, o preocupava. Isso significava que Tudor estava inconsciente ou morto.

Monster começou a escalar os escombros, espiando por qualquer rachadura na esperança de localizar o outro homem. Ele pegou tijolos e desalojou detritos, com os ouvidos atentos a qualquer sinal de vida.

Um pedaço particularmente grande da parede caída cedeu e Monster prendeu a respiração.

Um dos olhos azuis de Tudor o encarou, tão vítreo e cego como o olho de uma boneca. Um filete de sangue escorria das narinas do outro homem, e sua pele estava pálida e cerosa.

Monster não tinha dúvidas de que ele estava morto.

—Porra! — Ele rugiu, girando para atacar uma pilha de destroços. —Foda-se, porra! — Ele socou uma pilha de tijolos em sua raiva, a dor subindo pelos nós dos dedos. A dor ajudou a afastar sua fúria e tristeza. Tudor fora como um pai para ele em muitos aspectos, mais carinhoso do que seu próprio pai. Ele não podia acreditar que ele se foi.

Ele precisava encontrar ela.

—Flor! — Ele rugiu enquanto deixava a destruição para trás para invadir os destroços de sua casa.

O nome dela é Lily Drayton, disse uma voz em sua cabeça. *Você deve dizer o nome verdadeiro dela.*

Vai se foder, ele disse de volta. Agora não era hora de começar a se preocupar com a moral e besteiras como essa. Ele precisava saber que ela estava segura.

Com uma ala da casa destruída, ele se dirigiu ao corpo principal da propriedade. Na parte inferior da escada, um pequeno corpo jazia

amassado no chão. Seu estômago embrulhou, o sangue gelou em suas veias. Mas então ele viu o cabelo preto e espesso e a estatura pequena, e percebeu que o corpo não era de Lily, mas de Marianna.

—Oh, Cristo, não.

Ele se ajoelhou e verificou o pulso de Marianna para o caso de ela ainda estar viva. Ele não sentiu nada.

Ele se importou com a mulher mais velha, embora sempre tenha conseguido manter distância, assim como fazia com todos, nos nove anos que ela esteve aqui. No final, ela encontrou a morte da qual fugiu. Ele desejou que pudesse ter funcionado de forma diferente.

Ele notou pequenas marcas de mãos no sangue, mais estrias onde parecia que alguém havia escorregado. Apenas uma outra pessoa nesta casa tinha impressões de mãos tão pequenas. Onde ela estava? Isso significava que ela estava com Marianna quando foi morta? Eles mataram Lily também? Mas não, isso não faria sentido. Por que eles matariam Marianna e deixariam o corpo, mas não fariam o mesmo com Lily? A ideia de seu corpo caído ensanguentado e esfriando em algum lugar era como uma faca em seu coração. Como ele viveria consigo mesmo se algo acontecesse com ela?

A pele de Marianna não havia esfriado completamente. Ela não estava morta há muito tempo, o que significava que ele também não tinha ficado inconsciente por muito tempo. Se Lily ainda estava viva, e eles a levaram, ele não poderia estar muito atrás deles.

Primeiro ele precisava verificar o resto da casa e certificar-se de que ela não estava apenas assustada e se escondendo em algum lugar.

Ciente de que seus adversários também podem estar em algum lugar da casa, ele correu para seu escritório. Ele enfiou a mão embaixo da mesa e soltou algumas travas. O fundo falso cedeu e ele moveu o pedaço de madeira para revelar duas pistolas semiautomáticas, totalmente carregadas, junto com mais quatro pentes de munição. Ele puxou as armas e a munição dos fechos que os prendiam ao fundo da mesa, colocou os pentes extras nos bolsos e uma das armas no cós da

calça. Ele segurou a outra, com a intenção de usar ela se fosse necessário.

Mantendo a arma estendida e a trava de segurança aberta, ele correu pela casa, verificando cada um dos quartos. Ele correu para o quarto dela, mas o quarto estava vazio, as cobertas dela caíram e meio arrastadas para o chão do outro lado da cama.

Rapidamente, ele verificou o banheiro, sibilando o nome dela. — Flor?

Ela não estava lá.

—Droga.

Sem nenhum sinal dela e nenhum corpo a ser encontrado, ele só poderia presumir que os homens Gonzalez-Larrinaga a haviam levado. Será que eles descobriram que ela era alguém importante para ele?

Sim, eles devem ter feito. Uma mulher branca, obviamente bem educada e elegante. Claro que ela era importante para ele, embora eles pudessem não ter descoberto exatamente o quão importante. Ela teria tentado negociar com os homens ou eles a teriam amordaçado e impedido de falar? A ideia daqueles homens com as mãos por todo o corpo doce e curvilíneo o deixou cego de fúria. Se eles tivessem feito alguma coisa para ela, ele iria pela casa Gonzalez-Larrinaga e mataria impiedosamente.

Ele precisava alcançar ela, e isso significava que, pela primeira vez em sua vida, ele deixaria a propriedade em que tinha sido prisioneiro, mesmo que a última parte tivesse sido auto imposta, por toda a sua vida. Ele não sabia como reagiria por estar no mundo pela primeira vez e deixar as pessoas verem seu rosto, mas não se importou. Se as pessoas o viam como um monstro, era exatamente isso que ele pretendia ser. Ele rasgaria seus inimigos com os dentes se eles ficassem entre ele e Lily. E se ele a encontrasse morta, ele se afogaria em seu sangue e sucumbiria à loucura.

Ele odiava nunca ter aprendido a dirigir. Ele nunca teve nenhuma

necessidade, nunca deixou a propriedade. Se o tempo que ele perdeu tendo que viajar a pé foi o que custou a vida de Lily, ele nunca se perdoaria. Mas ele era forte e estava em forma, e podia correr seis minutos a distância na esteira. Embora nunca tivesse saído da propriedade, ele tinha internet e passava muito tempo nos mapas do Google. Ele sabia exatamente onde era a casa dos irmãos Gonzalez-Larrinaga.

Monster se certificou de que suas armas estavam no lugar, respirou fundo e destrancou a porta da frente de sua casa.

Pela primeira vez em trinta e dois anos, Monster deixou sua propriedade.



Vinte e três



Estava acontecendo de novo.

Lily esperava que seus dias de sequestro tivessem acabado, mas parecia que não era o caso. Os homens a agarraram, rindo enquanto ela os chutava quando eles seguravam seus tornozelos e a arrancavam do chão. Ela tentou bater com os punhos e cotovelos, mas uma coronha fria contra sua têmpora instantaneamente a fez cair. A imagem de Marianna, morta e deitada em uma poça de seu próprio sangue, ainda estava em sua mente, e ela não queria ser a próxima vítima.

Os homens a carregaram para fora de casa. Era noite e uma extensão interminável de estrelas inundou o céu acima dela. Seus veículos foram deixados na periferia da propriedade, além da linha de pinheiros. Ela tentou não olhar para os corpos caídos dos homens do lado de fora da parede enquanto eles passavam.

Eles a carregaram até um grande SUV e a jogaram no porta-malas. Eles não a amarraram, e a princípio ela se perguntou por que, mas então um dos homens subiu no banco de trás, se inclinou e apontou a arma para ela. A visão da arma era assustadora. Ela não tinha dúvidas de que esses homens a usariam. Apontar a arma para sua cabeça não era uma ameaça inútil.

Onde estavam Monster e o resto de seus homens? Eles estavam todos mortos?

O pensamento a apavorou. Se fosse esse o caso, ela estava sendo

levada por aqueles homens para viver o tipo de vida de que Marianna havia falado, a mesma de que ela havia fugido, apenas para terminar assassinada na base da escada dez anos depois. Pelo menos ela teve aqueles dez anos de relativa paz. Lily nem queria pensar sobre o que seu futuro reservaria para ela agora. O terror correndo em suas veias era ainda maior do que o que ela experimentou quando foi sequestrada pela primeira vez. Pelo menos então ela teve alguma esperança de resgate. Agora ela sabia que tais esperanças eram inúteis. Uma vez que ela desaparecesse neste sistema, ela apenas apareceria morta.

O SUV foi acompanhado por outro veículo, os faróis iluminando a estrada que saía da propriedade e as florestas de pinheiros em ambos os lados. Este foi o mais longe que ela esteve da casa de Monster em mais de dois meses.

Os veículos seguiram uma estrada esburacada, o SUV quicando e sacudindo sobre cada protuberância e buraco. O homem segurando a arma olhou entre ela e as janelas, mantendo um olho fora, ela assumiu, para qualquer um que pudesse estar vindo atrás deles.

Em quinze minutos, eles pararam em um enorme portão de ferro forjado. Paredes, semelhantes às que cercam a propriedade de Monster, só que não são tão altas ou cobertas com arame farpado, se estendem para ambos os lados.

Um telefonema do homem no banco do passageiro fez com que o portão se abrisse e os veículos seguiram para as instalações do outro lado.

O SUV parou e os motores desligaram. O porta-malas se abriu e outro homem com uma arma empurrou o cano em sua direção. — Vamos, vadia. Levante.

Sem outra escolha, ela obedeceu e saiu, seus pés batendo no cascalho.

O homem a empurrou nas costas, empurrando ela para frente. — Se apresse. Os patrões estão esperando por você.

Ela não queria chorar. Ela precisava ser forte nesta situação, embora não parecesse bem. Ninguém iria resgatar ela agora. Se todos os homens de Monster foram mortos, não havia ninguém para vir atrás dela. Ela ainda não havia terminado seus tratamentos no rosto de Monster, e ele não sairia de casa, especialmente por ela.

A propriedade era de um estilo semelhante ao da casa de Monster, mas não tão bem conservada. A tinta branca descascou das paredes e vários ladrilhos estavam lascados e rachados. Ela não teve tempo para absorver muito mais quando foi empurrada e levada em direção a uma sala nos fundos da casa. Um conjunto de portas duplas de madeira escura bloqueou seu caminho, mas alguém deu um passo à frente e as abriu, e então a empurrou para dentro. Ela tropeçou e caiu de joelhos, caindo pesadamente. Seu cabelo caiu sobre o rosto e ela reprimiu as lágrimas enquanto seus joelhos e palmas doíam com a queda.

A risada a fez erguer os olhos.

—O que temos aqui? Uma garota branca?

Ela ergueu a cabeça para ver dois homens parados diante dela, ambos com a mesma pele dos homens que a levaram. Um dos homens parecia mais jovem do que o outro e era mais baixo, embora parecessem semelhantes, com os mesmos olhos ovais largos e narizes dilatados.

Rapidamente, ela avaliou o resto do ambiente. Posicionadas no fundo da sala, estavam duas mesas de mogno idênticas. Abaixo de suas mãos e joelhos estendiam-se pisos escuros, e pinturas a óleo grandes e caras em molduras douradas ornamentadas penduradas nas paredes. Cortinas espessas do chão ao teto decoravam as janelas altas.

Enquanto a sala estava cheia de luxos, era aí que qualquer sugestão de requinte terminava. Garrafas vazias de destilados estavam no chão, e lixo derramado das latas ao lado das escrivaninhas. Além disso, ela não era a única mulher na sala. Duas meninas esparramadas em dois sofás do outro lado do espaço. Elas usavam apenas roupas íntimas de náilon baratas e pareciam altivas enquanto a observavam

com as pálpebras pesadas.

O homem que a trouxe para a sala falou. —Nós a tiramos da casa da aberração. Ela parecia importante para ele, embora não tenhamos certeza do porquê.

O mais jovem dos dois homens se aproximou dela. Ele se abaixou e agarrou seu queixo, forçando ela a olhar para ele. —Hmm, uma prostituta cara, sem dúvida.

Ela queria dizer a ele que não era uma prostituta, mas de que adiantava? Ele soltou seu rosto, e ela olhou de volta para o chão.

—E a aberração? — O homem mais velho perguntou. —Ele está morto, espero.

—Sim. Ele foi enterrado na explosão.

O coração de Lily se apertou de dor. *Não, por favor, não deixe ser verdade*, ela chorou em sua cabeça. Se o Monster estava morto, tudo estava perdido. Ela o perdeu, e agora ela estaria perdida para esses homens. Eles fariam o que quisessem com ela, e se ela tivesse sorte, eles a matariam logo depois.

O homem de pé ao lado dela a cutucou com um pé revestido de couro italiano caro. —Então o que você acha disso, puta? Seu mestre está morto.

Ela apertou os lábios, tentando conter as réplicas que queriam explodir de sua boca.

Ele riu. —Eu espero que você esteja satisfeita. Não consigo imaginar que tipo de aberração você tem fodido. O que há de errado com ele, hein? Ele tem duas cabeças? Ou braços mutantes estranhos? —Ele agarrou sua virilha e empurrou em seu rosto. —Agora você pode dar prazer a um homem de verdade.

Ela não conseguia mais se conter. —Tire isso da minha cara antes que eu morda.

O homem congelou, a fúria brilhando em sua expressão. Uma dor

repentina percorreu sua bochecha e ela caiu de costas no chão. Ele deu um tapa nela, e forte.

—Não me responda, vadia. Se eu te disser para chupar meu pau, você o chupa. E você vai fazer isso com a porra de uma arma apontada para sua cabeça, se você ao menos tentar colocar os dentes em mim.

Ele começou a mexer na fivela do cinto e o pavor subiu pela garganta dela como vômito.

O homem mais velho olhou para os homens que a trouxeram. — Saíam daqui. Meu irmão e eu queremos um pouco de privacidade com a senhora. — Ele se virou para as mulheres nos sofás. — Vocês também. Saíam já daqui.

As meninas trocaram olhares e encolher de ombros entediados, pegaram algumas peças de roupa e saíram da sala. Os homens acenaram com a cabeça e recuaram também, fechando as portas de madeira escura atrás deles enquanto saíam.

Lily virou-se de bruços e ficou de pé, planejando correr para as portas fechadas.

—Onde diabos você pensa que está indo?

Ela tentou correr, mas um punho a atingiu na parte inferior das costas, bem perto do rim, e ela caiu para a frente novamente, gritando ao fazê-lo. Ela caiu no chão, e um momento depois um daqueles caros sapatos italianos acertou seu estômago. Ela soltou um suspiro de dor e se enrolou em uma bola, na esperança de se proteger de novos golpes.

—Tudo bem, — disse o irmão mais velho. — Nós gostamos quando você luta. Torna as coisas ainda mais interessantes.

—Vai se foder, — ela cuspiu, desenrolando-se o suficiente para encontrar os olhos dele, e foi recompensada com um soco no rosto, os nós dos dedos atingindo sua bochecha. Uma dor incandescente explodiu atrás de seu olho e ela gritou, com a mão segurando o rosto. Um segundo golpe atingiu sua orelha esquerda e sua cabeça

recuou com o impacto, sua orelha parecia estar pegando fogo.

Mas suas preocupações com seu rosto foram rapidamente esquecidas quando mãos começaram a puxar o cós de sua calça.

—Não! — Ela gritou, chutando com os pés descalços. Ela chutou o mais velho dos dois homens na mandíbula, e ele recuou, dando um grito de surpresa. Ele se voltou contra ela, ódio e fúria em seus olhos negros.

—Segure os braços dela, — ele disse a seu irmão.

O outro homem curvou o lábio superior. —Então você consegue foder ela primeiro?

—Apenas faça o que disse. Esta pequena prostituta precisa aprender uma lição sobre como dar prazer a um homem. Vou pegar um buraco, você pega o outro. A cadela tem o suficiente deles e vamos encher cada um antes do final da noite.

—Não me toque, porra, — ela gritou, lutando por tudo que valia a pena. Ela chutou, resistiu e se debateu com os braços, mas além de acertar os homens com alguns golpes leves, ela não poderia causar danos.

—Fique quieta, vadia, — o irmão mais velho disse enquanto lutava contra suas coxas. Ele conseguiu segurar o botão da calça dela e a abriu, e então puxou o tecido por suas pernas, a fricção queimando suas coxas. O outro irmão segurou seus braços e os prendeu no chão acima de sua cabeça. Ela se contorceu e se contorceu, tentando se libertar, mas tudo o que ela conseguiu fazer foi empurrar seus seios e virilhas na direção dos homens, e ela podia dizer pela luxúria escura e velada em seus olhos que sua luta os estava excitando.

O irmão mais velho conseguiu arrancar as calças dela, embora felizmente tivesse deixado a calcinha no lugar. Mesmo assim, ela se sentiu terrivelmente exposta, e ainda mais quando ele abriu o zíper e puxou seu pau semi-ereto de sua braguilha.

—Oh Deus, — ela engasgou. Ela nem queria olhar para ele, a

visão causando ondas de náusea quente e fria que inundaram seu corpo. Ele iria estuprar ela, e não seria apenas uma vez. Eles a tomariam de novo e de novo, como quisessem, até que a destruíssem.

O irmão mais velho ficou de joelhos e subiu pelas pernas dela. Ele estendeu a mão e agarrou entre suas coxas, seus dedos duros empurrando contra suas partes mais íntimas. Apenas o material de sua calcinha o impediu de enfiar os dedos dentro dela. Ela recuou e lutou contra ele, chutando. Ele agarrou suas coxas e usou os joelhos para prendê-las.

O irmão mais novo ainda a segurava pelos braços, mas segurou seus pulsos em uma das mãos e estendeu a mão por cima dela para apalpar seu seio.

—Ei, ela tem seios bonitos, — disse ele ao irmão. —Gordo e suculento.

O outro homem riu. —Gordo e suculento, assim como sua boceta.

Ele apertou seu mamilo dolorosamente e ela gritou e torceu o rosto, não querendo ter que ver eles molestarem ela. A posição de sua cabeça trouxe seu rosto diretamente em linha com o braço interno do irmão. Sem pensar, apenas reagir, ela se lançou para frente e cravou os dentes em sua carne.

Instantaneamente, a mão estava fora de seu seio e então seus braços estavam livres. O homem uivou de dor, e o gosto de cobre do sangue encheu sua boca. Um pedaço de carne pendurado livre de seu braço.

—Que porra é essa? — Disse o irmão mais velho, retirando a mão de sua calcinha.

Com as mãos livres e as pernas ainda presas, Lily só tinha uma escolha.

Acertar onde dói.

Embora ela não quisesse chegar perto do membro semi-ereto

pendurado entre suas pernas, ela se sentou, fechou a mão em um punho e o socou o mais forte que pôde nas bolas.

Um segundo uivo de dor encheu a sala quando o homem caiu para trás, mas foi abafado pelo som de tiros distantes.

Lily congelou e se virou na direção do barulho.

Que diabos agora?

Ela ouviu mais tiros e o som de homens gritando. Eles pareciam estar se aproximando. Os dois irmãos estavam cuidando de seus ferimentos, o mais velho ainda rolando no chão e se agarrando entre as pernas, o mais jovem tentando estancar o sangramento do ferimento que ela havia causado nele.

Os gritos soaram altos, bem do lado de fora da porta e Lily se encolheu.

De repente, a porta se abriu e Monster entrou, uma arma em cada mão e dois homens mortos a seus pés. Seus olhos se voltaram para Lily e ela viu o horror em seu rosto, que rapidamente se transformou em raiva.

Os dois irmãos procuraram suas armas, mas não foram rápidos o suficiente. Monster ergueu um braço e atirou no irmão mais novo no centro da testa. Ele caiu no chão, seu braço danificado não era mais um problema. O irmão mais velho havia se recuperado do soco nas bolas e estava lutando para chegar na sua mesa, mas Monster não o deixou alcançar. Ele ergueu a arma na outra mão e atirou nele duas vezes, uma entre as omoplatas e novamente na nuca. O homem caiu no chão, estremeceu e não se mexeu mais.

—Putá que pariu, Flor! — Monstro colocou as duas armas no cós da calça. Ele correu para ela e caiu de joelhos ao lado dela, puxando ela em seus braços. —Eles machucaram você?

—Pensei que você estivesse morto, — ela soluçou, sem responder à pergunta dele. Ela ficou tão aliviada em vê-lo. Ela nunca tinha ficado mais feliz em ver alguém em toda sua vida. —Eles me disseram

que você estava morto.

—Não, eu estou bem. Jesus Cristo, eles estupraram você, aqueles filhos da puta!

Ela balançou a cabeça. —Não, eles tentaram, mas eu os impedi.

Ele beijou o topo de sua cabeça e a abraçou com força. —Eu deveria saber que você não os teria deixado vencer.

Ela estremeceu toda. —Eles quase fizeram, entretanto, Monster. Eles quase...

Sua voz falhou, incapaz de dar voz ao que quase aconteceu.

—Silêncio. Você está segura agora. Não vou deixar ninguém te machucar de novo.

Ele se afastou e gentilmente tocou seu rosto, movendo-o para um lado e depois para o outro para que pudesse avaliar seus ferimentos. —Aqueles bastardos. Como eles puderam fazer isso com o seu lindo rosto?

—Estou bem. Por favor, vamos apenas dar o fora daqui.

Ele acenou com a cabeça e ajudou ela a se levantar. Então ele pegou a calça dela e a ajudou vestir. —Coloque seus braços em volta do meu pescoço. Vou te levar para casa.

Ela percebeu algo. —Você saiu de casa.

Ele assentiu. —Sim. Parecia que bastava o medo de perder a única pessoa que já amei.



Vinte e quatro



Lily piscou abrindo os olhos, confusa e desorientada. Onde ela estava e o que havia acontecido?

De repente, ela se lembrou dos irmãos, da violência e dos tiros, e todas as memórias voltaram rapidamente. Ela cambaleou para se sentar, mas uma grande mão gentil em seu ombro a segurou.

—Shh, Flor, está tudo bem. Está tudo bem. Você está segura.

Ela torceu a cabeça para encontrar os belos olhos castanhos de Monster olhando para ela. Ela soltou um soluço e estendeu a mão para ele, e imediatamente ele a pegou em seus braços. Ela pressionou o rosto em seu pescoço, inalando o cheiro familiar dele, e ele a segurou enquanto ela tremia.

—Sinto muito, — ele sussurrou em seu cabelo. —Eu sinto muito.

Ela se afastou, estremeando com os ferimentos enquanto o fazia. Metade de seu rosto estava inchado e ela imaginou que um hematoma multicolorido atravessaria sua pele. Suas costelas doíam e ela sentia uma dor baixa na boca do estômago. Mas ela estava viva, e ele também, e isso era tudo que importava.

—Não se desculpe, — disse ela. —Você não me machucou. Você me salvou daqueles homens.

—Não, eu nunca deveria ter trazido você aqui. Coloquei sua vida em perigo mais de uma vez e não consigo me perdoar por isso.

Ela apertou os lábios, piscando para conter as lágrimas. —O que você fez foi errado em todos os níveis, mas se você não tivesse feito, como eu o teria conhecido?

—Nós nunca deveríamos ter nos conhecido. — Ele balançou sua cabeça. —Eu não deveria me preocupar com você, Flor. Esse nunca foi o plano.

—E quanto a mim? Você acha que me apaixonar por você alguma vez esteve nos meus planos? Eu deveria odiar você, parte de mim ainda odeia, de certa forma.

Ele franziu a testa. —Você me odeia?

Ela respirou fundo e se preparou para o que iria dizer. Ela não queria machucá-lo, mas ele tinha que saber a verdade. —Eu odeio aspectos seus. Eu odeio o que você faz para viver. Eu odeio que você tenha pensado que era aceitável ter uma mulher arrancada de sua vida por homens que vendem mulheres para sexo.

Sua carranca se aprofundou. —Mas as mulheres vendem sexo.

—Algumas o fazem por escolha, sim. Mas muitas são forçadas a isso, e normalmente é porque um homem está por trás disso.

Ele passou a mão pelo rosto. —Eu cresci pensando que as mulheres só estavam disponíveis para sexo ou servidão. Era a única vez que tive a companhia delas, até você, é claro.

—Veja, essa é a parte de você que eu odeio, a maneira como você foi criado, se é que você pode chamar assim. Sei que não foi sua culpa, você foi tão vítima quanto aquelas mulheres, mas desde que seu pai morreu, você poderia ter feito mudanças. Você poderia ter deixado este lugar, desistido dos negócios de seu pai...

—É meu negócio agora.

—E é um negócio perigoso.

—Eu sei, e sinto muito por ter arrastado você para isso. Mas é a razão pela qual eu queria que isso fosse embora. — Ele ergueu a mão

para tocar seu rosto desfigurado. —Para que eu pudesse fazer com que vissem o tipo de homem com quem estavam lidando.

—O tipo de pessoa que você é não tem nada a ver com a aparência do seu rosto.

Ele balançou sua cabeça. —Você está errada, Flor. Meu pai sempre me disse que as pessoas vão me julgar por causa do meu rosto. O que ele fez, ele fez porque me amou à sua maneira. Ele queria me deixar duro e forte. Ele queria me preparar para entrar em seu lugar.

Sua frequência cardíaca aumentou, sua pele esquentando de raiva. —Você está errado. O modo como seu pai tratou você não foi nada menos que um abuso! Que tipo de pai chama seu filho de 'Monster?'

—Era o que ele queria que eu fosse. Ele queria que os homens que eu enfrentei tivessem medo de mim. Ele sabia que se eles me vissem, eles só teriam pena de mim.

—Não, eles não teriam. — Exceto que mesmo enquanto dizia as palavras, ela se lembrou de sua própria reação na primeira vez que viu o rosto dele. Ele a capturou e torturou, mas ainda assim a primeira coisa que ela sentiu ao ver ele foi pena. Mas ela nunca concordaria que o que o pai de Monster tinha feito era certo, o homem deve ter sido perturbado por não ter procurado ajuda para Monster quando era criança. A ironia era que se ele tivesse feito isso, a marca de nascença de Monster estaria enormemente desbotada agora, e ele nunca teria precisado ficar escondido dentro desta prisão. Seu coração se partiu por ele. Não era culpa dele estar tão machucado quanto estava. A marca de nascença nunca foi sua culpa, nem as condições cruéis e abusivas que seu pai o manteve enquanto ele estava crescendo.

—Ele sabia que se eu tivesse permissão para entrar no mundo real, seria suavizado por relacionamentos e compaixão. Ele sabia que eu seria afetado por aqueles ao meu redor, só que eu não precisava sair de casa para que isso acontecesse, não é? Eu trouxe você aqui, e foi exatamente o que aconteceu.

—Nós temos um relacionamento?

Ele a olhou nos olhos. —Nós temos mais do que isso, não temos? Quando pensei que você poderia estar morta, não queria viver sozinho. Eu não poderia ver nenhum sentido em ter um futuro se você não estivesse nele. — Ele estendeu a mão e deslizou no cabelo da nuca dela e puxou para frente até que sua testa pressionasse contra a dele.

Ela estremeceu e sua expressão se torceu com a dor dela. —Eu sinto muito. Eu te machuquei.

—Está tudo bem. Estou apenas dolorida.

—Aonde dói?

Ela ergueu os dedos até a bochecha. —Aqui.

Ele se moveu ligeiramente para colocar um beijo suave e gentil contra o hematoma.

—E aqui, — disse ela, tocando a testa.

Ele a beijou novamente.

—E aqui... — Ela colocou os dedos na boca.

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto e ele tocou sua boca na dela. Ela separou os lábios e suas línguas se encontraram, lenta e hesitante no início, e então o beijo se aprofundou. Ela entrelaçou os dedos no cabelo macio da nuca dele e puxou-o para se deitar ao lado dela. Ele nunca permitiu que ela o tocasse antes, transando com ela sem nunca permitir que ela iniciasse as coisas. Agora tudo o que ela queria era colocar as mãos em seu corpo, e ela puxou os botões de sua camisa, abrindo-os um por um para revelar seu torso. Ela puxou a camisa de seus ombros e engasgou. Seu belo corpo estava coberto de hematomas e arranhões, uma colcha de retalhos de azul, verde e amarelo. Os hematomas estavam muito piores do que sua marca de nascença, embora, é claro, eles desapareceriam com o tempo.

—Oh, meu Deus, Monster, — Ela engasgou. —O que aconteceu?

—Fui pego sob os escombros na explosão, mas consegui sair e ir encontrar você.

Ela percebeu outra coisa que ela não sabia. —Onde está Tudor?

Monster olhou para baixo e balançou a cabeça.

Seu estômago embrulhou. Ele não tinha conseguido.

Ela estendeu a mão e colocou a mão em seu rosto. —Sinto muito, Monster.

—Obrigado. Vou sentir falta dele mais do que pensei ser possível. Eu organizei um funeral para o dia seguinte.

Ela se contorceu para mais perto dele e o beijou na boca. —Eu vou com você. Você não tem que fazer isso sozinho.

Ele retribuiu o beijo e interrompeu o beijo mais uma vez. —Não mereço ter você em minha vida, — disse ele. —Você sabe disso, não é?

A sugestão de um sorriso tocou seus lábios. —Sim eu sei disso. Mas, para começar, não era uma grande vida. —Incapaz de manter as mãos longe de seu peito exposto, ela deslizou as palmas das mãos sobre sua pele, traçando os músculos quadrados de seus peitorais, seus polegares roçando as protuberâncias rosadas endurecidas de seus mamilos. —Isso está machucando você? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça e fixou aqueles olhos escuros nos dela. —Você me tocando nunca faria mal.

Ele pegou sua camiseta e puxou para cima e sobre sua cabeça. Ela não estava usando sutiã e suas pernas estavam nuas, então agora ela só usava calcinha. Desesperada para deixá-los pele com pele machucada, ela puxou o resto da camiseta de seus braços e jogou no chão. Em seguida, as mãos dela foram para a calça dele, desabotoando a braguilha e baixando o zíper. Quando sua mão deslizou para dentro, ela percebeu que ele tinha ficado sem cueca.

—Oh, — ela respirou, quando sua ereção saltou para encontrar ela. Era longo e grosso, cada cume e veia pronunciados conforme o fluxo de sangue ficava mais forte. Ela estendeu a mão para ele e circulou sua circunferência em sua mão. Ele era quente, sólido e suave como a seda. Seus olhos se fecharam com o contato e seus quadris empurraram para frente para encontrar sua bombeada lenta em sua ereção. Ela falou contra sua boca enquanto eles se beijaram novamente. —Eu quero isso, — disse ela, puxando sua calça. Ela o queria nu, todo ele, então nem um único pedaço de roupa os separava.

Ele ergueu os quadris para permitir que ela abaixasse a calça e, em seguida, suas mãos foram para o resto de sua calcinha. Ambos estavam tomando cuidado com os ferimentos um do outro, não querendo causar mais danos do que já haviam sido causados. Ela continuou suas carícias em seu pau enquanto seus dedos deslizavam dentro do cóis de sua calcinha e se moviam mais abaixo. Lily abriu as coxas para ele, permitindo o acesso. Seus dedos se curvaram e empurraram dentro dela, e ela soltou um gemido. Ela o queria dentro dela, tudo dele. Ela queria que eles pressionassem seus corpos juntos e se movessem como uma pessoa, até que toda a dor e o medo tivessem desaparecido.

—Eu quero isso também, — disse ela, apontando para a calcinha.

Ele sorriu contra sua boca e começou a rolar para baixo em seus quadris com a outra mão. Frustrado com a lentidão, ele deslizou os dedos de seu corpo e usou a outra mão para livrá-la da roupa íntima ofensiva.

Pela primeira vez, eles estavam nus juntos.

Lily se inclinou ligeiramente para trás para admirar seu belo corpo. Pernas longas e magras com um punhado de cabelo escuro. Cachos escuros cercaram seu pau longo e grosso. Um estômago definido em músculos, outra linha de cabelo escuro descendo de seu umbigo para se juntar ao punhado entre as coxas. Seus peitorais eram quadrados com músculos, seus ombros largos e fortes.

Ela olhou para cima e percebeu que ele estava olhando para ela com aquela expressão sombria onde parecia que iria devorar ela.

—Se você continuar me olhando assim, Flor, vou esquecer tudo sobre seus ferimentos e foder você mais forte do que você já foi fodida antes.

Lily deu um sorriso sedutor. —Isso é uma promessa?

Ele rosnou para ela. —Pode apostar sua doce bunda que é.

Ela se contorceu mais perto de seu corpo e estendeu a mão para ele novamente. Lily deslizou a mão da raiz de sua ereção até a cabeça e desceu novamente. Ela enganchou sua panturrilha sobre a coxa dele, se abrindo para ele, e posicionou sua ponta em sua fenda. Ela já estava molhada de ter seus dedos dentro dela, e ela passou o polegar sobre a cabeça de seu pau, espalhando as gotas de pré-sêmen que ela encontrou em seu comprimento.

Ela acariciou seu pau em sua entrada, empurrando para baixo nele o suficiente para que seu pau passasse por seus lábios, mas não a penetrasse. Ele tentou empurrar seus quadris para frente, mas ela se afastou novamente, provocando ele.

—Flor, — ele avisou novamente. —Você está procurando encrenca.

—E eu espero que você dê para mim.

Com outro grunhido, ele a empurrou de volta, desalojando sua mão de seu pau. Ele abriu as coxas dela com os joelhos, agarrou suas mãos e prendeu seus braços acima da cabeça.

Com uma cutucada suave de seus quadris, ele a penetrou.

—Oh, Deus, — ela engasgou, torcendo a cabeça contra o travesseiro.

Ele empurrou forte e profundamente, e então se retirou novamente, antes de empurrar ainda mais fundo. Seu pau atingiu seu colo do útero, enviando pequenas faíscas de dor por seu corpo. Seu

rosto baixou para sua garganta e ele colocou beijos de boca aberta contra sua pele. Por cima do ombro, ela viu suas nádegas se contraírem enquanto ele empurrava dentro dela, e ela lutou para soltar os braços, querendo agarrar seus ombros com as unhas. Ele moveu seus quadris da maneira certa para que seu corpo roçasse contra seu clitóris com cada golpe, e ela sentiu seu orgasmo crescendo. Sua respiração ficou mais difícil e mais rápida, os dedos dos pés enrolando. Seu corpo inteiro ficou tenso, as costas arqueando e os seios pressionando em seu peito, enquanto seu ímpeto aumentava.

Ele soltou suas mãos um pouco antes de gozar, e ela agarrou suas costas quando a onda de seu orgasmo a varreu em pulsos, deixando ela uma concha estremecendo embaixo dele. Ele se segurou profundamente e seus quadris se sacudiram uma vez, e então novamente, enquanto a enchia.

Eles se agarraram juntos, sua respiração e batimentos cardíacos como um, ambos encontrando a cura na pessoa que amavam.



Vinte e cinco



Depois, ele não se levantou e a deixou como ela pensava que faria. Em vez disso, ele a segurou, o corpo dela enrolado contra seu peito, uma perna enganchada sobre sua panturrilha. Sua mão acariciou seu cabelo e seu hálito quente aqueceu o topo de sua cabeça. Apesar de todos os arranhões e hematomas que cobriam seu corpo, ela nunca se sentiu mais segura.

Ele pode ter sido um monstro, mas agora ele era um cavalheiro.

Ele falou em seu cabelo. —Há algo que você prometeu me dizer.

Seus músculos ficaram tensos. —Eu fiz?

—Sim. Você me prometeu que me diria de onde veio o seu medo do toque.

Ela forçou um sorriso. —Acho que já superei isso.

—Sim, eu acho que você fez, mas eu ainda quero saber. Você sabe tudo sobre mim, todos os detalhes obscuros e perturbadores. Eu também quero saber sobre o seu passado. Eu quero saber sobre os eventos em sua vida que fizeram de você Lily Drayton.

Ela ergueu a cabeça para olhar para ele. —Isso significa que poderei ser Lily de novo? Não apenas Flor?

Ele beijou sua testa. —Você sempre será Flor para mim, mas sim, você pode ser quem quiser.

Ela deu um suspiro de contentamento e relaxou de volta ao travesseiro de seu peito.

—Isso não significa que eu ainda não queira saber, — ele a pressionou.

Lily respirou fundo. —Eu tento não pensar sobre isso. A dor que a memória causa é demais para lidar.

—Alguém te machucou? Estuprou você?

Ela se forçou a sentar e arqueou as sobrancelhas em descrença para ele. —É isso que você acha? Que fui abusada? Que meu abuso é o grande segredo sobre o qual não vou falar?

—O que mais eu devo pensar, Flor? Você odiava ser tocada, então deve haver uma razão por trás disso.

Ela deu uma risada fria. —Você realmente acha que eu iria quebrar e me entregar a alguém como você, conhecendo o seu passado, se eu mesma tivesse sofrido abuso?

Ele franziu a testa em confusão.

—Eu nunca fui abusada, Monster. Não como você. Não da maneira que você está pensando. Eu era *amada* e amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, mas perdi esse amor.

—O que aconteceu?

Ela apertou os lábios para suprimir suas emoções. Só de pensar nisso, toda a dor subiu à superfície como as cinzas de um vulcão. Ela trabalhou tão duro nos últimos dez anos para não pensar no que tinha acontecido, mas agora aqui estava ela, prestes a contar toda a história para um homem que confundia suas emoções mais do que qualquer outra coisa em sua vida.

—Quando eu tinha dezessete anos, namorei um cara alguns anos mais velho que eu. Achei que fosse amor, todas as coisas habituais que uma jovem diz a si mesma, mas assim que meus pais descobriram sobre ele, ele partiu e me deixou com o coração partido. Mas essa não

foi a única coisa que ele me deixou. — Ela olhou para baixo e balançou a cabeça. — Ignorei as mudanças em meu corpo o máximo que pude. Acho que menti muito para mim mesma, tentei fingir que não estava acontecendo. Comecei a usar roupas largas e a dar desculpas para não sair ou ficar com meus pais.

—Você estava grávida? — Ele perguntou, seus olhos escuros arregalados de admiração.

Ela pressionou os dedos nos lábios, tentando conter o soluço que ameaçava explodir em seu peito. Seus olhos se encheram de lágrimas, o mundo embaçado diante dela. Ela se controlou e continuou. —Agora que olho para trás, acho que meus pais também estavam mentindo para si mesmos. Eles deviam saber que algo estava errado. Eles me disseram depois que pensaram que eu estava deprimida por causa da saída de Daniel, o cara com quem eu estava envolvida, mas acho que eles também não queriam admitir para si mesmos. Eu ainda era sua garotinha aos olhos deles.

Ele estendeu a mão e pegou minha mão na dela. —O que aconteceu?

Ela fungou. —Eu entrei em trabalho de parto cedo. Achei que estava grávida de cerca de sete meses. Acordei no meio da noite com uma dor inacreditável, como se alguém estivesse enfiando uma faca em meu estômago. Eu nunca conheci nada parecido. Fiquei apavorada e gritei para chamar minha mãe e meu pai, mas tinha esquecido que eles tinham saído à noite porque era seu aniversário. Eu já tinha dezoito anos e meus pais sabiam que eu não era o tipo de adolescente que daria uma festa enquanto eles estavam fora. Eu nem tinha amigos para convidar! De qualquer forma, a dor era tão forte que eu mal conseguia me mover. Não havia como pegar o telefone e pedir ajuda e, naquela época, nem todo adolescente tinha um telefone celular ao qual estivesse colado. — Ela deu uma risada triste. —Talvez se eu tivesse um, as coisas poderiam ter sido diferentes.

—O que aconteceu com o bebê? — Ele perguntou, sua voz quase um sussurro.

—Fiquei em trabalho de parto a noite inteira no chão do meu banheiro. Bem no final, quando pude sentir o bebê chegando, e meu corpo simplesmente assumiu o controle, pensei que fosse morrer. Mas então o bebê nasceu e toda a dor foi embora. Eu olhei para baixo e o bebê estava com uma cor azul horrível, e coberto de sangue e muco. Peguei algumas toalhas e a tirei do chão...

—A? — Ele perguntou. —O bebê era uma menina?

Ela deu um sorriso triste. —Sim, ela era uma menina.

—Ela estava viva?

—Sim. Assim que eu a peguei e limpei seu rosto, ela abriu sua boca minúscula e começou a gritar. Imediatamente, o azulado desapareceu e ela ficou rosada. Nunca fiquei tão aliviada com nada em minha vida. — Novas lágrimas surgiram nos cantos de seus olhos com a memória. —Quando meus pais chegaram em casa, eles chegaram para encontrar eu e sua nova neta sendo carregadas na parte de trás de uma ambulância. Eles ficaram chocados, horrorizados. Eles não queriam acreditar no início, mas não tinham muita escolha.

—Então você foi levada para o hospital e o bebê estava bem?

Ela acenou com a cabeça. —Sim, a princípio. Ela chegou cedo, mas os médicos disseram que ela era uma lutadora porque conseguia respirar sozinha. Só depois que ela foi levada para o berçário neonatal, as coisas começaram a piorar. Ela lutava para respirar, e eu costumava ver seu pequeno peito subir e descer nesse movimento horrível de engasgo, como se cada respiração fosse um esforço para ela. Os médicos fizeram alguns exames e descobriram que ela tinha um problema de coração. Se eu tivesse sido honesta e admitido o fato de que estava grávida, eu teria feito cuidados pré-natais e eles teriam percebido isso antes e se preparado. Mas eu não tinha, então eles não estavam. Os próximos dias foram uma montanha-russa. Ela tinha momentos em que parecia que estava ficando forte o suficiente para fazer uma operação no coração, mas então, uma hora depois, ela

pioraria novamente. — O soluço que ela segurava explodiu, repentino e inesperado, pegando ela de surpresa. Ela se desvencilhou do controle de Monster para esconder o rosto com as mãos. — Ela viveu três dias. Ela nunca foi forte o suficiente para a operação. Ela era muito pequena. — Lily cedeu às lágrimas, e a velha, antiga dor de alguma forma acabou parecendo tão fresca como se tivesse acabado de acontecer.

— Eu sinto muito, — disse Monster, e ela ergueu a cabeça para encontrar seus olhos escuros brilhando com lágrimas não derramadas. — Qual era o nome da sua filha?

Ela sorriu, tenso, mas real. — O nome dela era Amora, por amor.

— Lindo.

— Era sim. — Sua mente voltou. Ela tinha sido bonita. Cabelo escuro e olhos azuis, boca em botão de rosa e a pele mais macia que ela já sentiu. Mas ela se culpou pela morte de sua filha. Se ela tivesse sido mais honesta consigo mesma, sua filha ainda poderia estar viva hoje, uma menina de dez anos esperta e atrevida que provavelmente a deixaria louca por mais que ela a amasse. Lily marcou o aniversário de Amora e sua morte todos os anos desde que ela nasceu.

— Sinto muito, Flor.

— Sim eu também. A dor nunca vai embora.

— Mas... — Ele hesitou. — Não entendo o que isso tem a ver com sua aversão ao toque.

Ela encolheu os ombros. — Eu não posso dizer com certeza. Talvez seja porque a última vez que alguém me tocou intimamente resultou no tipo de dor que ninguém deveria sofrer, a de perder o filho. Ou talvez eu simplesmente me retraí fisicamente porque nada jamais se compararia ao tipo de contato físico que tive com Amora. Eu a criei e dei à luz a ela, sozinha. Ela era uma parte de mim agora, mas essa parte se foi. Eu me culpei por não ter feito nenhum pré-natal. Eu não merecia ter uma bênção como essa novamente.

—Você era apenas uma criança. Não foi sua culpa.

—Eu era mais que uma criança. Eu tinha idade suficiente para me envolver com um homem mais velho, para fazer sexo desprotegido e engravidar. Eu tinha idade suficiente para ser responsável.

—O que aconteceu com seus pais?

Ela olhou para ele bruscamente. —Você já sabe disso. Você fez sua pesquisa sobre mim, lembra.

—Eu sei que eles morreram, seu pai quando você tinha vinte anos, sua mãe um ano depois, quando você tinha vinte e um.

—O coração do meu pai desistiu dele. Acho que foi demais. Eu estava sofrendo de depressão e eles haviam perdido a única neta. Eles estavam se culpando também, só que estavam se culpando pela filha e pela neta. Eu não vi isso, no entanto. Eu estava sofrendo, com tanta dor que estava alheia à deles.

—E sua mãe?

—Ela começou a beber. Foi horrível e piorou ainda mais depois que papai morreu. Ela adoeceu uma noite e engasgou com o próprio vômito. Eu a encontrei.

—Jesus, — disse ele, segurando as duas mãos.

—Não sinta pena de mim. Você já passou por ainda mais do que eu. Não preciso da sua pena, especialmente sem considerar a situação.

Ele pareceu contemplar o que ela havia dito e acenou com a cabeça. —Certo, sem piedade. Eu, de todas as pessoas, entendo isso. — Ele mordeu o lábio inferior e focou seu olhar no dela. —Então é por isso que você começou a ajudar as pessoas, porque você não recebeu ajuda quando você mesmo precisava?

Ela deu um sorriso triste. —Talvez. Trabalhar com um laser significava que eu poderia ajudar as pessoas sem precisar ser muito íntima delas. Sempre tive o laser entre nós.

Ele assentiu. —Isso faz sentido.

Lily soltou um suspiro. —Então, o que você acha de mim agora que ouviu minha história?

—Eu nunca vou te julgar, Flor.

—Mas eu não sou exatamente a pessoa perfeita que você pensava que eu era, — ela o pressionou. —Eu negligenciei meu próprio bebê e permiti que ela morresse.

—Você não a negligenciou. Você fez tudo que podia. Você não era muito mais do que uma criança quando isso aconteceu.

—Então você acha que eu deveria me perdoar, e ainda assim você se culpa pelas coisas que fez quando tinha a mesma idade.

Ele desviou o olhar. —Aquilo foi diferente. Você era inocente.

—Não, eu não era. Talvez eu tenha sido em algum momento da minha vida, mas fiz escolhas que tiraram essa inocência. Nenhum de nós é perfeito, Monster. Precisamos apenas aceitar esse fato e tentar viver da melhor maneira que pudermos. — Ela pensou em algo. —De qualquer forma, você disse que eu sei tudo sobre você, mas eu não sei. Eu nem vi seu quarto.

Ele riu e ela relaxou com o som. —Você está no meu quarto, Flor. Este sempre foi meu quarto. Só me mudei depois que você foi trazida para cá e vi como você era linda. Eu queria te colocar na minha cama no primeiro momento em que te vi, mesmo que isso significasse que eu não estava com você.

—Você nunca se mudou? Mesmo depois que seu pai morreu?

—Foi o único quarto que eu já tive. Eu não conseguia ver a necessidade de me mudar para outra parte da casa.

—Há outra coisa que eu não sei, — ela disse, imaginando que faria com que ele contasse tudo enquanto ela podia.

—Sim?

—Em que país estou?

Ele deu um sorriso lento. —Cuba. Eu trouxe você para Cuba.



Monster

(Dias atuais)



Juntos, eles compareceram ao funeral de Tudor e, no dia seguinte, fizeram um segundo funeral para Marianna. Ambos os funerais tiveram apenas a presença deles, juntamente com um padre. Não havia mais ninguém que se importasse que as duas pessoas estavam mortas.

Monster trouxe uma equipe de construção para reconstruir a casa. Ele não se importava mais com os olhares curiosos que sua marca de nascença atraía. O trabalho que Lily fez no rosto dele havia desbotado a marca, mas ainda estava visível. A diferença era que ele não se importava mais. Se esconder nesta casa grande não lhe trouxe segurança e quase matou a mulher que amava. Ele não pretendia cometer aquele erro novamente. As pessoas com quem ele lidaria de agora em diante veriam exatamente o tipo de homem que ele era, tanto por dentro quanto por fora.

Ele deu a Lily tempo suficiente para se curar, para que os hematomas e inchaços desaparecessem de seu belo rosto. Ele não queria fazer o que precisava, mas não tinha escolha. Os dias foram passando e ele se acostumou a ter ela ao seu lado durante o dia e na cama com ele à noite. Cada manhã ele prometia a si mesmo que hoje era o dia, mas a cada dia ele adiava mais uma vez, incapaz de dizer as palavras.

Porque a verdade não havia mudado muito. Em seu negócio, ele ainda teria seus inimigos e não poderia simplesmente ir embora. Ele

empregava centenas de pessoas e, embora seus empregos talvez não fossem legais, eles ainda eram empregos em um país que não tinha muitos. Se ele parasse de trabalhar, suas famílias passariam fome. Além disso, ele tinha que considerar as pessoas do outro lado da escala. Ele havia recebido grandes somas de homens de vários países que ocupavam cargos políticos importantes. Eles queriam armas que não teriam rastreabilidade. Ele não perguntou por que eles precisavam das armas, mas se ele não as fornecesse, ele sabia que eles iriam rastrear e matá-lo. Eles não podiam se dar ao luxo de ter pessoas como ele sabendo demais.

Ele entrou na cozinha para encontrar Lily sentada no balcão da cozinha, bebendo café enquanto observava as flores pela janela.

Ela olhou para ele e sorriu quando ele entrou. —Bom dia. Tem mais na jarra.

Ele sorriu de volta. —Obrigado. Eu terei um pouco mais tarde. —Ele se moveu para ficar do outro lado da ilha da cozinha, bloqueando a visão do jardim com seu corpo. —Eu preciso falar com você sobre uma coisa.

Ela colocou a xícara no balcão e seus lábios se estreitaram em uma linha. —Uh-oh. Isso não parece bom.

Ele respirou fundo e forçou as palavras de seus lábios. —Você não pode ficar aqui, Flor. É muito perigoso.

A confusão genuína cruzou seus traços perfeitos. —O que?

—Você me ouviu. Você precisa voltar para casa. Você não está segura aqui.

Ela balançou a cabeça. —Você não pode simplesmente me mandar embora. Agora não.

—Eu tenho.

—Não. —Ela bateu com os punhos pequenos no balcão. —Você não pode tomar essas decisões por mim. Você me trouxe aqui contra a

minha vontade, e agora você quer me mandar de volta, também contra a minha vontade? Quem diabos você pensa que é?

—Eu sou o homem que comprou você.

—Eu nunca fui alguém para vender.

Sua voz estava distorcida pela emoção enquanto ele falava. — Considere-se livre agora. Eu rescindi minha propriedade. Volte para o seu trabalho, para a sua vida. Você não é mais minha.

Ele tentou não ver as lágrimas nadando em seus olhos.

—Você não pode fazer isso comigo, — disse ela. —Eu não quero voltar. Minha vida estava vazia então. Sentei em meu apartamento sozinha noite após noite. Eu não tinha amigos e nem conseguia conceber a ideia de ser íntima de alguém. Por favor, Monster. Eu não quero voltar. Não me faça viver sem você.

Sua mandíbula se apertou e ele desviou o olhar. —Você não tem escolha. Vou algemar você de novo e será levada contra a sua vontade, se for preciso. Não pense por um minuto que eu não sou capaz disso.

Sua miséria se transformou em raiva e ela se levantou de um salto. O banquinho em que ela estava sentada bateu no chão com estrondo. Ela voou ao redor da ilha da cozinha para ele, suas mãos batendo contra seu peito. —Não, seu filho da puta! Não se atreva a fazer isso comigo.

Ele agarrou seus pulsos para impedir ela de bater nele, e toda a luta saiu dela. Ela caiu no chão, então ele a segurou apenas pelos braços.

Ele olhou para a mulher ajoelhada diante dele, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Era assim que ele sempre gostou de suas mulheres, mas tudo o que ele sentia agora era tristeza. Ele nunca se conectou com uma mulher da maneira que fez com ela. Ele pode ter feito sexo com muitas mulheres, mas isso é tudo que sempre foi. Sexo. Elas eram apenas vasos para dar-lhe prazer. As coisas eram

diferentes com Lily. Tudo o que ele queria era dar-lhe prazer, ver seu rosto se contorcer enquanto gozava, ouvir seus choramingos e gemidos enquanto ele se empurrava dentro dela. Ela foi a primeira mulher com quem ele se importou. O fato de ela estar com dor o machucou também, de uma forma que ele nunca experimentou antes. Seu coração se apertou. Ele não queria que ela sentisse dor. Ele não queria isso.

Ele soltou seus pulsos e estendeu a mão para ela. —Flor, por favor...

Lily desviou seu corpo. —Não me toque.

—Eu te amo e só quero te proteger.

Ele finalmente conseguiu sua atenção.

Ela olhou para ele, seus cílios castanhos dourados mais escuros e emaranhados com suas lágrimas. —É por isso que não suporto a ideia de você me mandar embora. Eu também te amo, Monster.

Mas ele balançou a cabeça e puxou ela para que ficasse bem na frente dele. —Não me chame assim.

—O que?

—Monster. Não me chame assim. Eu tenho outro nome.

Ela piscou surpresa. —O que você quer dizer?

—É um nome que me dei há muito tempo. Não ousei contar a ninguém porque não aguentava ser ridicularizado. Eu sabia que meu pai nunca permitiria que eu fosse chamada de outra forma, então simplesmente usei o nome quando pensei em mim.

Um sorriso triste suavizou suas feições. —Me diga seu nome.

—Meu nome é Merrick. — Dizer o nome em voz alta parecia um batismo. Ele segurou dentro de si por tanto tempo, e agora ele finalmente disse a alguém e não a qualquer um. Alguém com quem ele se importava. Alguém que ele amava.

O sorriso triste se espalhou em um genuíno, e seu coração se apertou de emoção.

Novas lágrimas brotaram de seus olhos.

Ela estendeu a mão e tocou seu rosto, o lado com a marca de nascença agora desbotada. —Merrick. Combina com você.

Ele assentiu. —Eu também acho.

Então ela franziu a testa. —Não conheço esse nome de algum lugar?

Ele acenou com a cabeça novamente. —Eu encontrei em um livro. Uma história sobre um homem que estava tão desfigurado que foi tratado como uma aberração.

—Joseph Merrick? — Sua voz se elevou com o reconhecimento. — O Homem Elefante.

—Sim, embora o chamassem de John Merrick no livro. Eu li a história várias vezes quando era menino, — disse ele. —Eu poderia me identificar com seu personagem, mas ao mesmo tempo fiquei feliz por meu pai ter me protegido do mesmo destino.

Ela apertou os lábios. —O mundo pode ser um lugar cruel, mas não podemos nos esconder dele. Assim como não podemos nos esconder dos homens que querem machucar você.

—E você também, — disse ele. —Isso é o que mais me assusta.

Ela olhou para ele, e pela primeira vez ele percebeu que ela podia realmente vê-lo, não sua marca de nascença. Os olhos de todas as outras pessoas sempre se voltaram para a marca em um lado do rosto. Era como se ele estivesse usando uma máscara e ninguém pudesse ver além dela. Mas não Lily. Ela olhou bem em seus olhos, um olhar profundo em sua alma que o fez sentir como se não pudesse esconder nada dela.

Pela primeira vez em sua vida, ele tinha alguém que realmente o via como o homem que ele era, e não apenas como sua marca de

nascença.

Ele amava essa mulher.

Ele realmente conseguiria mandar ela embora?

continua....



Sobre a Autora



Marissa Farrar é uma autora de romance, fantasia e terror com várias publicações. Ela nasceu em Devon, na Inglaterra, viajou pelo mundo todo e morou na Austrália e na Espanha. Ela agora mora no campo com o marido, três filhos pequenos, um cachorro espanhol louco e dois gatos de resgate. Apesar de voltar para a Inglaterra, ela sonha acordada em um dia poder dividir seu tempo entre seu país natal e as amenas praias de areia branca da Espanha.

Mesmo ela escrevendo histórias desde pequena e sonhando em ser escritora, seu plano de vida inicial foi diferente.

Em sua juventude, inspirada por James Herriot, ela decidiu se tornar uma veterinária e costumava trazer novos animais de estimação para seus pais cansados. Ao descobrir que seus exames nunca a levariam a um diploma de veterinária, ela acabou estudando zoologia. Depois de se formar e perceber que passou a maior parte tentando encontrar tempo para escrever, ela decidiu seguir seu sonho de ser autora. Sete anos depois, ela foi publicada e dois anos depois ela foi capaz de dizer adeus ao trabalho diurno.

No entanto, ela continuou a coletar animais!